Nicole Kidman e Sandra Bullock se unem na telona

SET

EDITORA PEIXES

Janeiro, 1999 - Ed. 139 - Ano 13 - Nº 1 - R$ 5,70 - 5633

Os novos filmes de
JULIA ROBERTS
SUSAN SARANDON
SHARON STONE
MATT DAMON

A VEZ DA criançada
Didi, Angélica e Zico invadem os cinemas

O MELHOR DA TV POR ASSINATURA
31 filmes para ver em casa

MICHAEL CAINE
"Todos os atores escolhem essa carreira para pegar garotas"

ISSN 0104-1592
001139
9 770104 159003

Vince Vaughn é o psicopata Norman Bates no novo

PSICOSE

Tudo sobre a recriação do clássico de Hitchcock

CINCO CANAIS DIFERENTES. 24 HORAS POR DIA.

*Consulte sua operadora sobre a disponibilidade dos canais, preço e condições de instalação. Programação sujeita a alterações. Ligue NET ou SKY - 0800-992211

ASSISTA NO TELECINE 1 A 19 FILMES INÉDITOS, ENTRE ELES:

- No Limite
- Amor Alucinante
- A Voz do Meu Coração

TELE CINE

Você vai ver *Dois Parceiros em Apuros*. Um lançamento inédito na TV brasileira, pela primeira vez no Telecine 1, dia 30/01, às 21:00h. Só nos cinco canais Telecine* você tem sempre um bom filme começando. Neste mês são 772 filmes, dos mais variados gêneros, todos com o som original, legendados e sem intervalos. Quem não tem Telecine não tem cinema.

www.telecine.com.br

TELE 1 CINE	TELE 2 CINE	TELE 3 CINE	TELE 4 CINE	TELE 5 CINE
ESTRÉIAS, FILMES NOVOS, INÉDITOS NA TV BRASILEIRA.	AÇÃO, SUSPENSE, POLICIAL, FICÇÃO CIENTÍFICA, WESTERN.	DRAMA, ROMANCE, MUSICAL.	COMÉDIA, AVENTURA, INFANTIL, FANTASIA.	CLÁSSICOS, CULT.

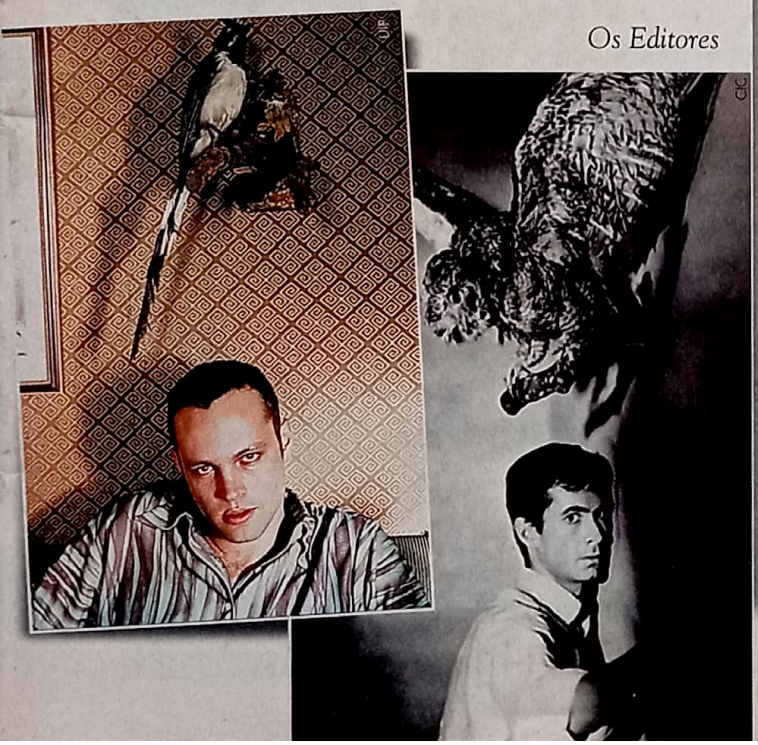
TELECINE, ISTO É CINEMA

CARTA ao LEITOR

No começo da década de 60, quando o *Psicose* original chegou aos cinemas, a reação de platéias do mundo inteiro foi uma mistura de pânico com ansiedade. Era o filme que todo mundo tinha de ver, para gritar nas salas de projeção e cobrir os olhos nas cenas mais assustadoras. Agora, quase quatro décadas depois, o maior clássico de Alfred Hitchcock volta pelas mãos do diretor Gus Van Sant – mas qual será o impacto do pai de todos os psicopatas em uma platéia anestesiada por anos de exposição a Jason Voorhees, Freddy Krueger e outros assassinos que fariam o velho Norman Bates (ou sua mãe) tremer nas bases? Essa pergunta começa a ser respondida na página 16.

Mas o terror do novo *Psicose* não é a única novidade que o ano novo traz: temos a volta do porquinho atrapalhado Babe, do trapalhão Renato Aragão, e mais Julia Roberts, Susan Sarandon, Sandra Bullock, Nicole Kidman, Drew Barrymore e o bendito fruto Matt Damon – todos com filmes novinhos chegando aos cinemas. Mais ainda: a SET começa 1999 de casa nova e se preparando para a virada do milênio. Muitas novidades estão por vir nos próximos meses. Até breve.

Os Editores



NESTA edição

Na Capa:
Psicose (CIC e UIP)

16 Psicose
O diretor de *Gênio Indomável* recria com fidelidade um dos maiores suspenses da história para uma nova geração

24 lado a lado
Julia Roberts e Susan Sarandon num duelo de atrizes

28 michael caine
As palavras do ator que topa qualquer filme

34 20 que parecem 10
Conheça a verdadeira face de atores que você podia jurar que sabia de cor

36 como fazer uma superprodução
Os criadores de *O Príncipe do Egito* revelam os segredos de um dos projetos mais ambiciosos do ano

40 a telinha contra-ataca
A nova geração de astros da televisão mostra que a fama na tela grande nem sempre é a melhor opção

44 um desconhecido muito ilustre
Conheça Laurindo de Almeida, um brasileiro que fez a fama no cinema americano

46 passe suas férias em casa
Uma seleção de 31 sucessos de cinema para você curtir em sua TV por assinatura

50 brigitte bardot
A deusa do cinema que virou defensora dos animais

58 a vez da criançada
Renato Aragão comanda a nova fornada de filmes nacionais infantis que chegam para o verão

Renato Leal

SEMPRE em SET

5 **takes**
8 **radar brasil**
10 **atrás da câmera** com George Miller
11 **sob os holofotes** com Bill Paxton
12 **o que eles dizem**
14 **papo rápido** com Drew Barrymore
62 **dúvidas cruéis** por Gabriela Aguerre
63 **10** vilões mais bacanas da telona
64 **novos filmes** *Da Magia à Sedução*
70 **hollywood boulevard** por Dulce D. de Brito
71 **videolançamentos** *Armageddon*
76 **cinema para guardar**
77 **clássico por assinatura** *Os Homens Preferem as Loiras*
78 **o que eu amo & odeio** com Mel Gibson
80 **cartas**
81 **próximas atrações**
82 **nostalgia**

WN RUMO AO ANO 2000

SOB NOVA DIREÇÃO

- AGORA TAMBÉM COM CARTÃO DE CRÉDITO PARCELADO.
- ACERVO COM MAIS DE 15.000 FITAS A SUA ESCOLHA.
- ESTACIONAMENTO PARA CLIENTES DA LOJA.
- FITAS COM A QUALIDADE WN VIDEO.
- FACILIDADES NO PAGAMENTO COMO VOCÊ NUNCA VIU.
- FRETE GRÁTIS PARA TODO O BRASIL NA COMPRA DO LOTE.
- TAMBÉM TEMOS LOTES FECHADOS.
- SEJA O SEU PRÓPRIO PATRÃO, COMPRE NO LUGAR CERTO.

COMPREI NA WN

RESULTADO:
ABRIU UMA 2ª LOJA
E ESTÁ FELIZ.

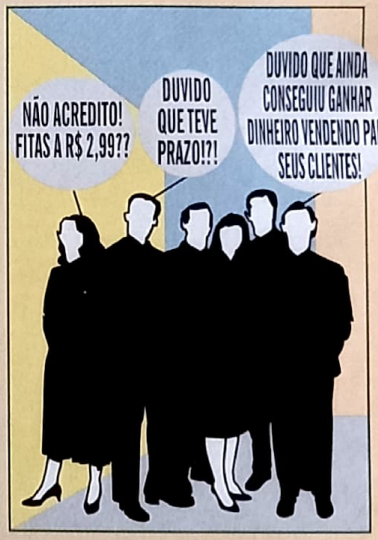
COMPREI NA WN

RESULTADO:
INJETANDO MAIS FITAS
NA LOJA.

COMPREI NA WN

RESULTADO:
ESTA TENDO LUCROS
NAS VENDAS.

NÃO COMPREI NA WN



RESULTADO:
ESTÃO CHEIO DE DÍVIDAS,
QUASE QUEBRANDO.

RPZ 864-1452

MAIS DE 3000 FITAS A SUA ESCOLHA POR APENAS **R$ 2,99** CADA

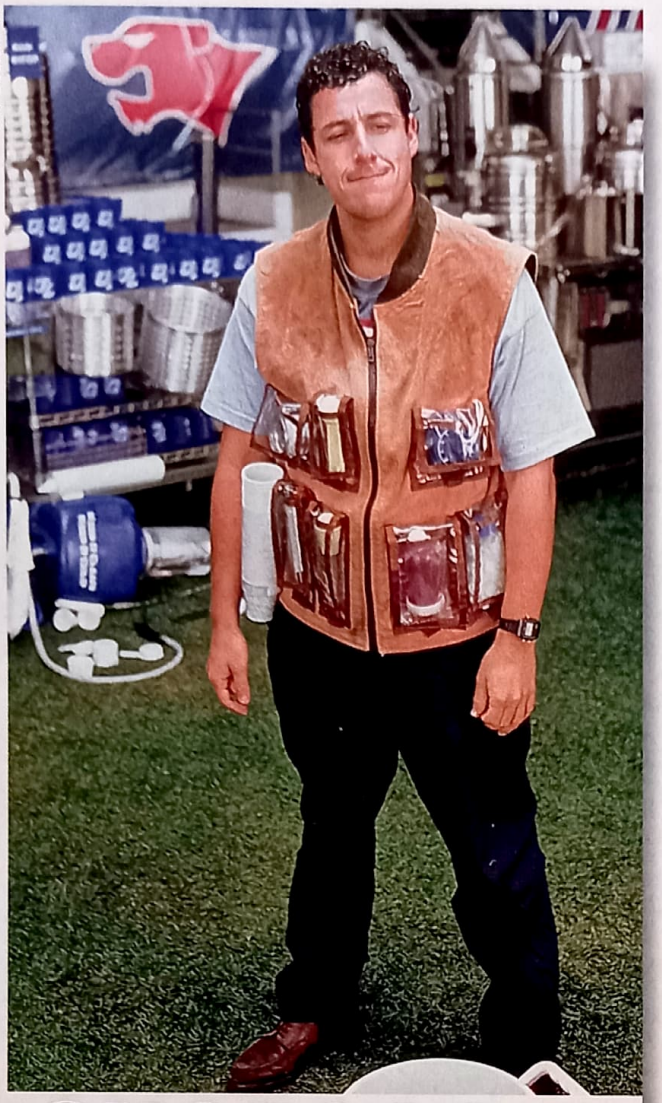
LIGUE JÁ: 6959-7959
E SOLICITE A NOSSA LISTAGEM

VENHA NOS CONHECER E COMPROVE TUDO O QUE PODEMOS OFERECER PARA SUA MAIOR TRANQUILIDADE!

WN

TELEVENDAS: (011)6959-7959
RUA DR. GABRIEL PIZA, 334 - CEP 02036-010
SÃO PAULO - SP (AO LADO DO METRÔ SANTANA)
SEGUNDA A SEXTA DAS 9:00 ÀS 19:00 HORAS
SÁBADO DAS 9:00 ÀS 16:00 HORAS
TELEFAX: (011) 290-8143

TAKES o que vem por aí


Columbia Buena Vista

SUCESSO MOLHADO

Algumas coisas que acontecem no cinemão americano não encontram explicação lógica. É o caso do estrondoso sucesso de *The Waterboy*, uma comédia absurdamente comum protagonizada pelo ator Adam Sandler. Mesmo sendo igual às dezenas de comédias descerebradas que aportam nas telas gringas todas as semanas, *Waterboy* conseguiu atingir a absurda bilheteria de 100 milhões de dólares em pouco mais de um mês – e Sandler pode ter seu salário catapultado para 20 milhões de doletas. O Brasil vai poder conferir o fenômeno ainda neste semestre.

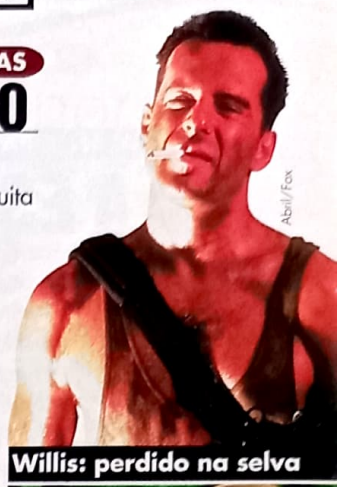
SEQÜÊNCIAS EXPLOSIVAS

APOSTE NO QUATRO

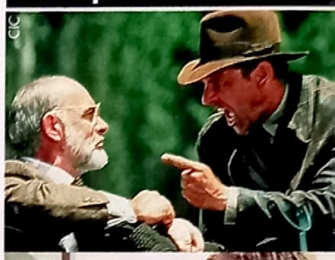
Três das mais lucrativas séries do cinema se preparam para voltar à telona. Depois de muita especulação, o quarentão Bruce Willis confirmou que está tudo acertado para as filmagens de *Duro de Matar 4*, que devem começar ainda neste semestre. A aventura deve ser rodada no Havaí, Nova Zelândia e, talvez, Brasil. Bruce revelou que o novo filme será bem diferente dos anteriores: ambientado na selva, não terá armas.

Outra continuação é a quarta aventura de Indiana Jones. Os fãs já haviam perdido a conta de quantos roteiros falsos circularam pela Internet. Foi então que George Lucas, produtor da série, soltou este petardo: "O roteiro já está pronto, agora é só Steven Spielberg e Harrison Ford arrumarem um tempinho para filmar".

Falando em Ford, está confirmado o quarto filme do agente Jack Ryan: *The Sum of All Fears*. Nele, o astro se vê mais uma vez às voltas com terroristas. Uma pena que James Earl Jones não estará de volta à série, já que seu personagem morre durante *Perigo Real e Imediato* – mas cogita-se a volta de Willem Dafoe, que fez um sagaz agente da CIA no mesmo filme.


Abril/Fox

Willis: perdido na selva


CIC

CIC

Ford: duas seqüências

DAVID BOWIE

o camaleão volta às telas

Um dos maiores sonhos dos fãs de David Bowie está prestes a se realizar. Ele está preparando um filme baseado em um de seus emblemáticos trabalhos do começo dos anos 70: *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders From Mars*. Bowie resolveu não participar do filme *Velvet Goldmine*, inspirado também em Ziggy Stardust, para não concorrer com ele mesmo. O astro anda eufórico com o projeto: "Descobri antigas canções que eu tinha escrito e que não cheguei a finalizar – e elas estarão no filme. É como se eu pudesse concretizar um trabalho inédito com autenticidade de época".

London

Bowie: trabalho inédito

AGUARDE! ***YOU'VE GOT MAIL*, comédia com Tom Hanks e Meg Ryan, chega ao Brasil em 5 de fevereiro; e o drama de época *ELIZABETH*, protagonizado pela novata Cate Blanchet, estréia em março.**

TAKES bastidores

ALAN J. PAKULA

A ESTRELA SOBE

Pakula: acidente

Em novembro passado, um acidente de automóvel privou para sempre o cinema do talento do diretor Alan J. Pakula, autor de clássicos como *Todos os Homens do Presidente*, *Klute* e *A Escolha de Sofia*. Pakula começou sua carreira em 1949, como assistente do departamento de animação da Warner. Seu primeiro sucesso foi como produtor, em 1957, com o drama *Vencendo o Medo*, com Anthony Perkins. Em 1969, fez sua estréia como diretor em *Os Anos Verdes*, com Liza Minnelli em seu primeiro papel principal – que lhe valeu uma indicação para o Oscar de melhor atriz. Em 1971, o diretor acertou a mão novamente com o drama *Klute*, conferindo a Jane Fonda o Oscar pela interpretação de uma prostituta. Logo depois veio *Todos os Homens do Presidente*, sobre o escândalo de Watergate, com Robert Redford e Dustin Hoffman, indicado para oito Oscar, inclusive os de filme e direção. Em 1983 foi a vez de *A Escolha de Sofia*, que encantou as platéias do mundo inteiro por sua sensibilidade e a magistral interpretação de Meryl Streep. Mais uma vez Pakula levou sua atriz principal ao Oscar. As gerações mais novas conheceram seu trabalho por meio de filmes menores, como *Acima de Qualquer Suspeita*, com Harrison Ford, e *O Dossiê Pelicano*, com Julia Roberts. O seu último trabalho foi *Inimigo Íntimo*, de 1997, com a dupla Brad Pitt e Harrison Ford. Antes de partir, aos setenta anos, ele trabalhava em uma biografia de Franklin Roosevelt durante a Segunda Guerra Mundial.

STEVEN SPIELBERG

salvem os sapos!

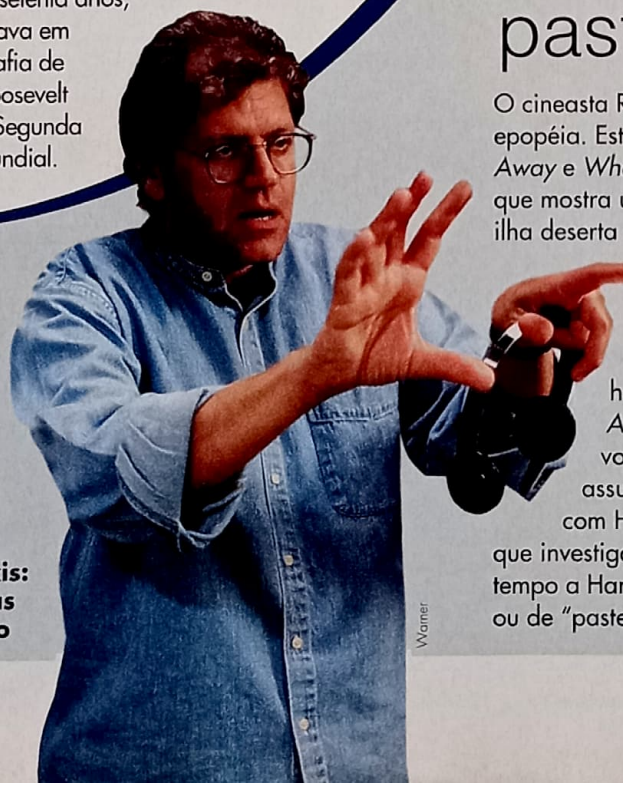
Depois de resgatar o soldado Ryan, Steven Spielberg entrou em outra guerra e conquistou mais uma vitória. Ele e os sócios, David Geffen e Jeffrey Katzenberg, ganharam a batalha judicial contra um grupo de ambientalistas que queria evitar que eles construíssem o novo estúdio da DreamWorks num terreno próximo a Los Angeles. O local é considerado um dos últimos hábitats naturais dos sapos da Califórnia. A diretora do grupo, porém, garante que a luta continua: "Os planos finais ainda não foram aprovados. Nós não vamos desistir!"

Os sapos: hábitat ameaçado

ROBERT ZEMECKIS

pasteleiro de plantão

O cineasta Robert Zemeckis se prepara para uma verdadeira epopéia. Este ano ele vai dirigir dois filmes ao mesmo tempo: *Cast Away* e *What Lies Beneath*. As filmagens do primeiro, um drama que mostra um ambicioso homem de negócios abandonado numa ilha deserta que faz o diabo para sobreviver, começam no fim do mês. Quando o trabalho estiver pela metade, Zemeckis dá uma pausa para iniciar *What Lies Beneath*. A explicação é complicada, mas faz sentido: para ficar com a aparência arrasada de um homem faminto, Tom Hanks, protagonista de *Cast Away*, vai encarar uma dieta pesadíssima antes de voltar ao set. Enquanto isso, Zemeckis "põe o avental" e assume o comando de *What Lies Beneath* – um suspense com Harrison Ford e Michelle Pfeiffer sobre um professor que investiga um fenômeno sobrenatural. As filmagens darão tempo a Hanks para perder sua cara saudável. Coisa de maluco ou de "pasteleiro americano"? Você decide.



Zemeckis: um atrás do outro

STEVEN SPIELBERG e TOM CRUISE

PARCERIA DE FUTURO

UIP

Parece que Steven Spielberg e Tom Cruise finalmente acertaram os ponteiros. Eles vão trabalhar juntos na ficção científica *Minority Report*, uma co-produção entre a DreamWorks e a Fox que promete ser uma das maiores da história. O filme é baseado num conto do cultuado Philip K. Dick (autor que também inspirou *Blade Runner* e *O Vingador do Futuro*) que retrata um sistema judicial futurista no qual os criminosos são presos antes mesmo de cometerem os assassinatos. As filmagens começarão tão logo Cruise termine seu trabalho em *Missão Impossível 2*, a ser comandado por John Woo em março deste ano.

Spielberg: filme com Tom Cruise

GUERRA NAS ESTRELAS

pauleira sonora

A rede de cinemas canadense Famous Players decidiu aderir às recomendações de George Lucas e fez um investimento em mais de 700 novos equipamentos de sonorização dolby surround EX para suas salas. Isso porque Lucas revelou que, seguindo a estratégia de lançamento do novo episódio da série *Guerra nas Estrelas*, chamado lá fora *The Phantom Menace*, ele dará preferência às salas que contarem com equipamento de alta qualidade e, principalmente, com a nova tecnologia. Esta nova parafernália sonora foi desenvolvida pela – surpresa! – Lucasfilm THX, e permite o efeito "fly over", ou seja, aquele que dá a sensação que a nave está sobrevoando a sua cabeça. Isso graças a uma caixa de surround instalada bem no meio da sala de projeção. Será que por aqui alguém se habilita?

Reprodução

ORSON WELLES

PERDIDO NOS PORÕES DA CALIFÓRNIA

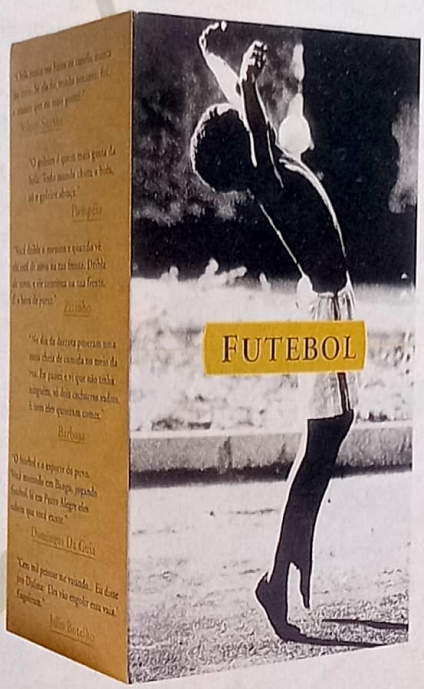
Foram descobertos num empoeirado arquivo da Universidade da Califórnia mais de 800 roteiros de escritores famosos dos anos 40 e 50 doados pela RKO Pictures há mais vinte anos e esquecidos por todos. O que é melhor ainda: muitas dessas verdadeiras pérolas nunca se tornaram filmes! Os pesquisadores descobriram no bolo um texto do legendário Orson Welles, escrito na mesma época do clássico *Cidadão Kane* – um thriller sobre um homem que acorda num país estrangeiro bem no meio de uma conturbada revolução. O problema é que ele tem amnésia e todo mundo tenta matá-lo. O argumento pode parecer batido hoje, mas trata-se de algo escrito há mais de cinqüenta anos. Qual será o destino dessa descoberta? Quem viver verá.

Welles: roteiro inédito

FUTEBOL

GOLAÇO ELEGANTE

Brasileiro que se preza não discute quando o assunto é apontar qual é o esporte nacional: o futebol, claro. E nossos cineastas também são bons brasileiros – a prova é o belo documentário *Futebol*. Dirigido por João Moreira Salles (irmão de Walter Salles, de *Central do Brasil*) e Arthur Fontes (da Conspiração Filmes), o documentário é dividido em três partes e mostra as várias faces do mais brasileiro dos esportes britânicos – do menino que sonha em deixar os morros cariocas para se tornar astro no gramado, passando pela ascensão de dois talentos brazucas, até uma radiografia do ex-craque Paulo César Caju. O Natal ficou para trás, mas, como *Futebol* foi lançado em vídeo no final do ano passado, fica a sugestão.



Divulgação

JOSÉ ARAÚJO

viagem pelo brasil místico

Depois de revirar o universo urbano do brasileiro, o cinema nacional parece estar voltado mais uma vez para uma das regiões mais ricas do país: o Nordeste. Uma nova geração de cineastas está disposta a revelar a cultura da região em celulóide – e um dos mais entusiasmados é o cearense José Araújo. Depois que seu *O Sertão de Memórias* foi premiado no Festival de Sundance, a maior vitrine do cinema independente americano, Araújo decidiu ir fundo nos costumes nordestinos e prepara *As Tentações de São Sebastião*, sobre um seminarista dividido entre a fé e a tentação da carne. Antes mesmo do início das filmagens, a produção já tem data de lançamento: 20 de janeiro do ano 2000, dia de São Sebastião.

Os nacionais que estão para chegar às telas:

FILME	SINOPSE
Casa Grande e Senzala, de Nelson Pereira dos Santos, elenco a definir, em preparação.	Um dos maiores cineastas do Brasil leva à telona a obra de Gilberto Freyre – um épico verdadeiramente brasileiro.
As Tentações de São Sebastião, de José Araújo, elenco a definir, em preparação.	O diretor de *O Sertão de Memórias* investiga o misticismo do Nordeste com a história de um seminarista tentado pelo prazer do sexo.
A Hora Mágica, de Guilherme de Almeida Prado, com Raul Gazolla, Maitê Proença, pronto.	Os artistas de uma rádio no final dos anos 50 são obrigados a enfrentar as mudanças trazidas pela popularização do cinema.
Bossa Nova, de Bruno Barreto, com Amy Irving, Antônio Fagundes, em filmagem.	Uma professora americana se envolve com um de seus alunos após a morte de seu marido.
Até que a Vida nos Separe, de José Zaragosa, com Julia Lemmertz, Murilo Benício, pronto.	Cinco pessoas descobrem o valor da amizade morando numa São Paulo tomada pela violência e insensatez.
Eu Não Conheço Tururu, de Florinda Bolkan, com Maria Zilda, Marcelo Serrado, em filmagem.	Quatro irmãs se reencontram na festa de casamento de uma delas e lembram de sua infância e inocência no Ceará.

LUIZ FERNANDO CARVALHO

O MISTÉRIO DA LAVOURA

O filme nem está pronto, mas já é um dos mais aguardados do ano: *Lavoura Arcaica*, longa de estréia do diretor Luiz Fernando Carvalho. Depois da consagração da novela *O Rei do Gado*, Carvalho diz que decidiu voltar ao cinema (em 1986 ele fez o curta *A Espera*) e rodou seu filme envolto em mistério. O que se sabe é que *Lavoura Arcaica* é uma adaptação do romance do libanês Raduar Nassar sobre a história de uma família de imigrantes, conta com Raul Cortez no elenco e abusa da experimentação. O motivo de tanto mistério será revelado em maio, quando o filme estrear.

Angel Mora

Carvalho: experimentação

SOM BRASIL

MPB CONQUISTA HOLLYWOOD

Tamba Trio, Tom e Elis: elogios no cinema americano

Fernando Rabelo/Divulgação

Pedro Martinelli

Demorou, mas Hollywood descobriu o melhor da música brasileira. O elogiado *Next Stop Wonderland*, um dos maiores sucessos do cinema independente americano do ano passado, traz em sua trilha (igualmente elogiada) músicas de artistas de primeira grandeza da nossa Música Popular Brasileira: Tom Jobim, Elis Regina e o Tamba Trio. A trilha do filme, que ganhou elogios rasgados dos jornais *The New York Times* e *The New York Post*, acompanha as aventuras de uma enfermeira noturna e de um encanador com o coração de ouro que, desiludidos no amor, acabam se apaixonando. E de feridas do coração a nossa música entende muito bem.

Sergio Sade

FESTIVAL DE DOCUMENTÁRIOS

a verdade revelada

Cinema não é só diversão e arte, mas também um excelente modo de registrar a vida real. Para divulgar o trabalho de cineastas que se dedicam à arte do documentário, o crítico de cinema Amir Labaki está à frente do *É Tudo Verdade*, nome do quarto Festival Internacional de Documentários, que será realizado simultaneamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, entre os dias 9 e 18 de abril. As inscrições de documentários de qualquer duração e em qualquer formato serão realizadas até o dia 31 deste mês – regulamentos e a ficha de inscrição podem ser acessados via Internet no www.kinoforum.org/itsalltrue, pelo telefone (011) 852-9601, e pelo e-mail itstrue@ibm.net.

A HORA MÁGICA

CINEMA SEM GÊNERO

O diretor Guilherme de Almeida Prado se prepara para lançar um dos filmes mais esquizofrênicos do ano: *A Hora Mágica*, que mostra as dificuldades de toda uma geração de artistas do rádio dos anos 50 que subitamente se viram numa sinuca de bico quando as imagens do cinema passaram a dominar a imaginação das pessoas. Mas a esquizofrenia fica por conta do próprio diretor, que diz não saber em que gênero cinematográfico *A Hora Mágica* se enquadra: "Não é drama, nem uma comédia. Nem um musical, nem um faroeste. Nem um filme policial ou de suspense, nem um melodrama, nem um filme de terror. É apenas um filme de cinema". Bom, o público vai tirar a prova ainda este ano – *A Hora Mágica* está programado para o primeiro semestre.

Divulgação

O elenco de *A Hora Mágica*: a nata do rádio

george miller

MUDANÇAS RADICAIS

Depois de lançar Mel Gibson com *Mad Max* e se dedicar à produção, o cineasta volta à direção com a continuação de *Babe*

George Miller é um sujeito calmo e calculista. Ainda bem. Só mesmo com muita tranqüilidade seria possível pacificar o elenco composto de porcos, cachorros, gatos, chimpanzés, pombos, patos e camundongos de *Babe – O Porquinho Atrapalhado na Cidade*, continuação do sucesso suíno de 1995. Cinqüenta treinadores de animais o ajudaram a domar os bichos. "Não tivemos muitos problemas com os animais", lembra Miller. "Para falar a verdade, muitos deles me deram menos trabalho do que alguns atores com quem já trabalhei."

Quando o primeiro *Babe* surgiu do nada e faturou uma fortuna, George Miller, que escreveu o filme e dirigiu sua continuação, não se surpreendeu. Afinal, já havia vivido situação semelhante, quando seu primeiro filme, o thriller apocalíptico *Mad Max*, de 1979, foi lançado sem estardalhaço e acabou se tornando um sucesso cult. *Max* também lançou a carreira de Mel Gibson e rendeu duas seqüências.

Miller levantou o dinheiro para filmar *Mad Max* enquanto trabalhava de médico. Na época, também estudava cinema, na Universidade de Melbourne, Austrália, onde era aluno de Phillip Noyce (diretor de *Invasão de Privacidade*). *Mad Max* – história de um solitário que mata bandidos para vingar o assassinato da família – trazia um conceito herdado de filmes B dos anos 50: a falta de recursos, em vez de limitar o artista, poderia torná-lo ainda mais criativo. Quase sem efeitos especiais e usando o próprio deserto como cenário, Miller criou uma realidade mais assustadora que a de muitos filmes multimilionários.

Dois anos depois, Miller dirigiu *Mad Max 2*, lançado em alguns países como *The Road Warrior*, que se tornou o filme australiano mais rentável de todos os tempos – pelo menos até surgir *Crocodilo Dundee*.

CONQUISTANDO A AMÉRICA

Depois do sucesso de *Mad Max 2*, Miller mudou-se para os Estados Unidos e caiu nas graças de Hollywood. Dirigiu um dos episódios do longa-metragem *Twilight Zone*, baseado na famosa série de TV *Além da Imaginação*, fez a terceira parte da saga do herói solitário (o fraco *Mad Max Além da Cúpula do Trovão*, com Tina Turner) e obteve outro sucesso de bilheteria com *As Bruxas de Eastwick*, de 1987, que colocou o demônio em pessoa, Jack Nicholson, enfrentando as bruxas Cher, Michelle Pfeiffer e Susan Sarandon.

Desde então, Miller, um simpático senhor de óculos redondo e pinta de professor de Matemática, tem concentrado seus esforços na direção e produção de filmes infantis (como a foca *Andre* e o próprio *Babe*) ou em dramalhões lacrimejantes (*O Óleo de Lorenzo*, com Susan Sarandon e Nick Nolte). "Fiquei muito marcado como o diretor de *Mad Max*", disse Miller certa vez. "Queria partir para outras coisas, tentar trabalho em gêneros novos para mim."

E nada melhor do que narrar as aventuras de um porco falante depois de uma ficção científica apocalíptica e barra-pesada, certo? Mas agora que a série *Babe* parece esgotada, será que George retornará ao gênero que lhe deu uma carreira? Um novo *Mad Max* não seria nada mal. "Muita gente me pergunta se eu não gostaria de voltar a fazer filmes de ação baratos, como antigamente", confessa o diretor. "Às vezes dá vontade de largar tudo e voltar a fazer meus filmes independentes. Pelo menos eu não levaria quatro ou cinco anos só para levantar o dinheiro necessário." Os fãs de *Mad Max* aguardam ansiosamente.

André Barcinski

bill paxton

FAMOSO ÀS ESCURAS

Depois de anos vivendo a um passo da fama, o protagonista do novo *Poderoso Joe* pode (finalmente) tornar-se um astro

Bill Paxton é um astro. Pena que ninguém saiba disso. Se você duvida, então vá para a fila do cinema e pergunte a qualquer um se já assistiu a um filme estrelado por ele. A resposta será invariavelmente a mesma: Bill quem?

O público pode até não saber o nome dele, mas com certeza já o viu em cena. Paxton, afinal, atuou em alguns dos maiores sucessos de bilheteria de todos os tempos, como *Titanic*, *Twister*, *Apollo 13*, *True Lies*, *Aliens – O Resgate* e *O Exterminador do Futuro* – um senhor currículo, que fez dele o astro mais desconhecido de Hollywood.

"Muita gente me confunde com outros atores", diz Paxton, 43 anos, casado e pai de dois filhos pequenos. "Quando fui à pré-estréia de *Independence Day*, um repórter me parabenizou por minha atuação. Eu disse: 'Meu amigo, eu me chamo Bill Paxton, não Bill Pullman!'."

Paxton faz parte de um grupo de atores coadjuvantes que só precisam de um empurrãozinho para virarem astros. Tudo bem que ele já fez o papel principal no megassucesso *Twister*, mas, convenhamos, os atores mais importante daquele filme eram os efeitos especiais.

Ele está em cartaz este mês em mais um filme carregado de efeitos, *Poderoso Joe* (*leia mais em Novos Filmes*), mas talvez o empurrãozinho que faltava tenha finalmente chegado na forma de um pequeno filme de suspense, *A Simple Plan*, que está caindo nas graças do público americano. Dirigido por Sam Raimi (da série *Uma Noite Alucinante*), conta a história de três amigos que encontram, numa floresta, um avião cheio de dinheiro. Paxton, que está fantástico, anda cotado para um Oscar. "Ser indicado seria fabuloso", diz. "Mas, se eu não for, tudo bem. Já aprendi a não me iludir."

Sygma

ALÍVIO CÔMICO Foi em 1973, aos dezoito anos, que Bill Paxton chegou a Hollywood, vindo do Texas. Enquanto procurava emprego como ator, se virou como pôde, trabalhando inclusive como porteiro do famoso Beverly Hills Hotel, onde ganhou muitas gorjetas de atores famosos, como Charles Bronson.

Em 1975, ele ganhou um papel no violento *Crazy Mama*, dirigido por Jonathan Demme e produzido por Roger Corman. Irritado pela má qualidade dos papéis oferecidos, mudou-se para Nova York e foi estudar com a famosa Stella Adler. Nos anos 80, Paxton iniciou uma carreira de músico e atuou em mais de uma dúzia de filmes.

Foi com *True Lies*, de James Cameron, que ele tornou-se conhecido. No papel do cafajeste que seduz Jamie Lee Curtis, Paxton deu um tom cômico ao filme, deixando para Schwarzenegger a missão de explodir tanques e pontes. Depois vieram *Apollo 13*, *Twister* e *Titanic*.

Mas os filmes que Paxton lembra com mais carinho são duas produções independentes: *Um Passo em Falso*, um policial dirigido por Carl Franklin, e *Os Trapaceiros*, sobre uma gangue que vive de trapaças e pequenos golpes. "Acho um pouco frustrante trabalhar apenas em grandes produções, porque geralmente os melhores papéis estão no cinema alternativo. Afinal, foi para isso que eu me esforcei tanto."

André Barcinski

O QUE eles dizem

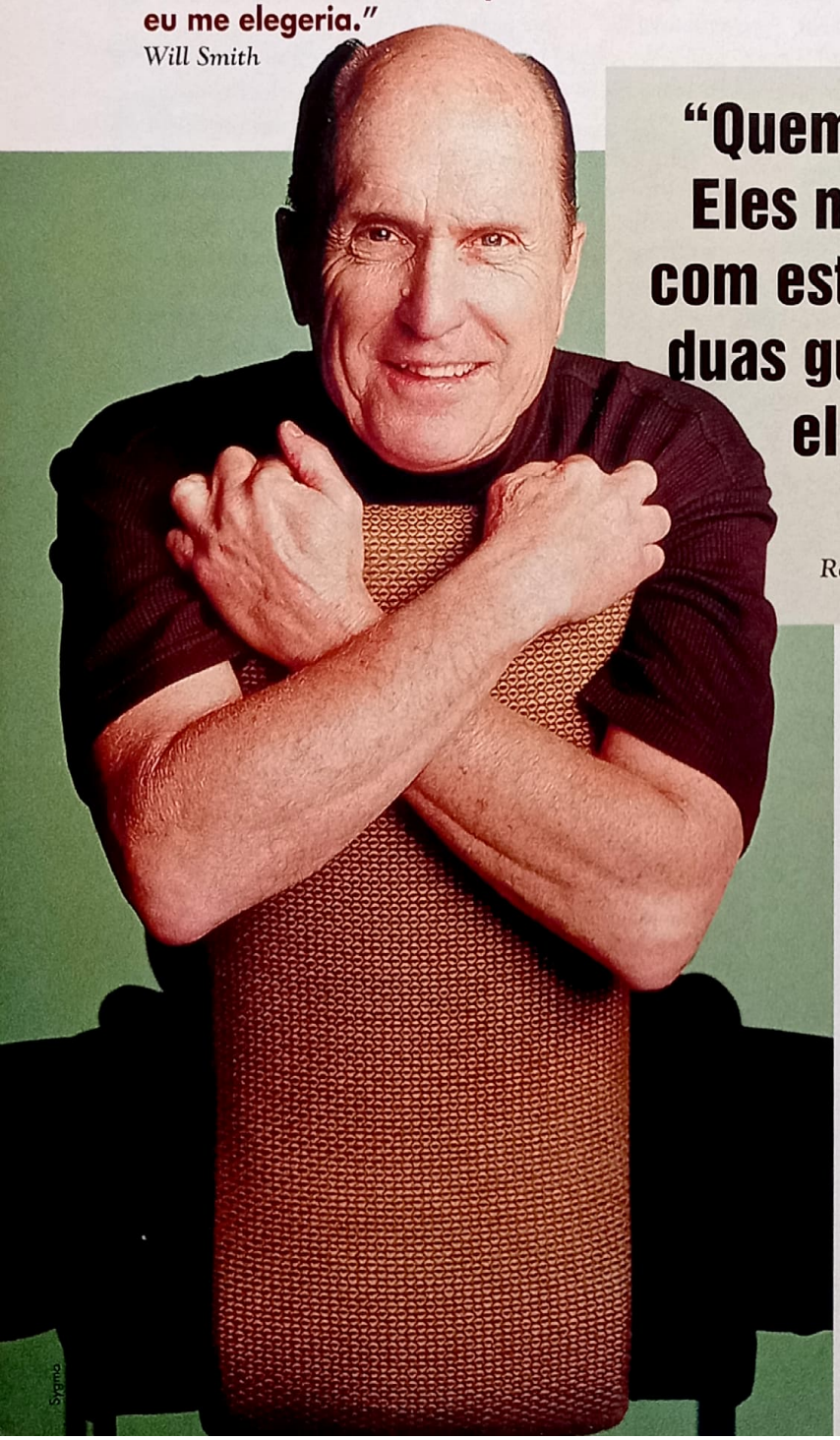
"Não é preciso inteligência para ser ator."
Jodie Foster, ela mesma formada pela respeitadíssima Universidade de Yale

"As pessoas chegam e perguntam: 'Você não foi o Hannibal Lecter?' Eu só sorrio e digo, lambendo os beiços: 'Humm, ótimo Chianti', e elas saem correndo, aos berros."
Anthony Hopkins ensina a apavorar os fãs

"Acho que eu poderia ser presidente dos Estados Unidos. As pessoas riem, mas, se eu me decidisse, em quinze anos eu me elegeria."
Will Smith

"Quero que na minha lápide esteja escrito: 'Achávamos que ele não iria mais embora'. E não me importaria de morrer na cama com umas duas ou três loiras – isso é o que eu chamo de desaparecer de forma positiva."
Aos 67 anos, Richard Harris prova que não pretende entregar os pontos

"Benzinho, você ficaria ótimo neste papel. Afinal, você é um mentiroso patológico."
Cameron Diaz dando aquela força ao ex-namorado Matt Dillon para aceitar o papel de um detetive nojentão em Quem Vai Ficar com Mary?



"Quem eles pensam que são? Eles não passam de alemães com estilo. Nós os salvamos em duas guerras mundiais e agora eles pensam que são superiores."
Robert Duvall explica por que razão ele não tem um pingo de paciência com os franceses

"Interpretar traz muito mais respeitabilidade do que cantar. Por outro lado, Meryl Streep não tem nem idéia do prazer sublime que é subir num palco diante de 10 mil pessoas e fazer com que elas façam o que você quiser."
Courtney Love

"Ele ainda é meu marido porque eu tenho filhos com ele."
Joanne Whalley sobre seu ex, Val Kilmer

"Passei a maior parte da minha infância vestido de super-herói, correndo pela casa com uma toalha vermelha no pescoço."
Matt Damon fala de seus primeiros passos na carreira de ator

"SEM INFORMAÇÃO NÃO HÁ CIDADANIA. A INFORMAÇÃO HONESTA CONTRIBUI PARA O APRIMORAMENTO DE UMA SOCIEDADE. INFORMAÇÃO É LIBERDADE."

Fernanda Montenegro,
Atriz

Quem faz o Brasil, lê

ISTOÉ

8 TRES

Fernanda Montenegro doou o cachê desta campanha para a Campanha Amigos de Escola - Viva Rio.

N&Z

drew barrymore

A PODEROSA CHEFONA

Precoce em tudo, a estrelinha de *E.T.* que virou símbolo sexual quer entrar, como produtora, para o clube de gente grande em Hollywood

Estrela da terceira geração do clã Barrymore, ela fez seu primeiro comercial aos onze meses de idade e o primeiro filme aos quatro anos. Depois, veio a parte ruim: bebida aos nove, cigarro aos dez, cocaína aos doze e tentativa de suicídio aos treze. Recuperada, virou símbolo sexual. Aos 23 anos, mais comportada e com namorado firme, a protagonista do novo *Para Sempre Cinderela* estréia como produtora em *Never Been Kissed*. O que estará fazendo aos quarenta?

Você gostou de virar produtora? Agora, as pessoas ouvem as suas opiniões...

Espero que sim. Gosto disso, mas não no sentido de exercer controle. Se há um problema, me sinto como se pudesse oferecer ajuda, e esse é o melhor sentimento do mundo. Acho que foi por isso que eu quis ser produtora.

É mais divertido agora do que antes, quando você apenas estrelava os filmes?

Sim e não. Já estive em sets tempo suficiente para saber como eles funcionam, mas como produtora é preciso realmente dar o melhor de você. É diferente, claro, de quando estava apenas interpretando. Às vezes é difícil. Você diz: "Não, não, isso não pode ser assim!", e então faz uma cena em que precisa chorar. Depois, volta: "Bem, e agora, como é que fazemos funcionar?" São dois papéis completamente diferentes! Mas é divertido, não é tão esquizofrênico quanto parece.

Você está interessada, nessa altura da carreira, em trabalhar com diretores específicos, como Robert Altman ou Stanley Kubrick?

Ah, muito. Não quero desperdiçar nenhuma oportunidade dessas. Acho que deveria gastar mais tempo batendo à porta de cineastas, para dizer: "Ei, como vai?". Mas estou sempre isolada em minha produtora, desenvolvendo algo ou trabalhando em um novo projeto. Mas isso não significa que eu não queira trabalhar com grandes diretores.

Você ficou feliz com o sucesso inesperado de *Para Sempre Cinderela*?

Fiquei muito satisfeita. Significou muito para mim e para todas as pessoas envolvidas. Sabe, cada filme é feito com uma intenção. A de *Home Fries* (*ainda sem data para estrear no Brasil*) era permitir que o público desse boas risadas. Já *Cinderela* foi feito para que as pessoas se lembrem de como é importante acreditar em algo. Adorei o filme.

Seu namorado, Luke Wilson, trabalha com você em *Home Fries*. Você se surpreende de ainda estarem juntos?

Bem, é estranho quando as pessoas ficam muito agarradas – e em todos os sentidos, não só por causa de um filme (*risos*). Você precisa conhecer o outro pelo menos por alguns anos. Estamos juntos há dois anos e meio, e ele é um cara maravilhoso. Adoro ficar ao lado dele, sou muito sortuda. Nós rimos e nos divertimos muito. É verdade que você precisa trabalhar pelo relacionamento, mas isso também é um prazer.

Para vocês dois, assistir a esse filme é como ver um vídeo caseiro? Um dia vocês vão mostrá-lo aos netos?

Não seria legal? Eu certamente não me importaria se isso acontecesse. Seria algo muito gostoso.

Jenny Peters

"*Cinderela* foi feito para que todos se lembrem de como é importante acreditar em algo"

Fox

SHOWBIZZ ESPECIAL

Grandes 15 Ídolos

Jimi Hendrix • U2
Metallica • Alanis
Legião Urbana

pôsteres essenciais pra você

R$ 5,50
7626/1
Nº 08
JANEIRO 1999

GRÁTIS
CD pra sacolejar no verão

E mais : Madonna • Bush • Hanson • Iron Maiden • Oas
Racionais • Kurt Cobain • Silverchair • Titãs • Toasters

PURO DELÍRIO!

SHOWBIZZ ESPECIAL GRANDES ÍDOLOS.
Alanis, Hanson, Bush e outros astros em 15 pôsteres arrepiantes.
Leve a maior constelação pra casa.

Abril

UIP

PSICOSE

O diretor de *Gênio Indomável* transforma uma idéia abs em realidade e recria o maior clássico de Alfred Hitchc

Por André Barcinski

urda
ock

Gus Van Sant não agüenta mais ouvir a mesma pergunta: "Por que refazer *Psicose*? Por que mexer em um filme perfeito?" A resposta está na ponta da língua: "Por que não?"

Van Sant, diretor de sucessos do cinema independente como *Drugstore Cowboy* e *Garotos de Programa*, e recém-saído da surpreendente bilheteria de *Gênio Indomável*, diz que já esperava por essa reação. Afinal, *Psicose* é um dos filmes mais amados de todos os tempos, e cinéfilos costumam proteger suas produções prediletas como quem guarda uma escritura sagrada. Mas o diretor garantiu aos fãs de Hitchcock que eles não tinham nada a temer: ele não queria mudar nada. Na verdade, seu objetivo era fazer uma versão idêntica ao *Psicose* original, fotograma por fotograma. "Muita gente vai dizer que meu filme é uma refilmagem, mas eu prefiro chamar de réplica", disse Van Sant à revista *Entertainment Weekly*. "Meu plano era refazer uma grande obra, pedaço a pedaço, como quem pinta uma cópia exata da *Mona Lisa*."

Essa vontade de refazer *Psicose*, que Alfred Hitchcock dirigiu em 1960, surgiu há mais de dez anos. Na época, Van Sant ainda não tinha a moral que hoje possui em Hollywood, e sua idéia provocou apenas risos e constrangimento. Mas tudo mudou depois que *Gênio Indomável* arrecadou uma fortuna e rendeu Oscar para Robin Williams e aos atores e roteiristas Matt Damon e Ben Affleck: Van Sant passou para o primeiro time dos diretores hollywoodianos, e a Universal não pestanejou em desembolsar 25 milhões de dólares (trinta vezes o orçamento do *Psicose* original) para que ele pudesse ter o prazer de retraçar os passos de Hitchock, descobrir os segredos técnicos utilizados no filme e recriar imagem por imagem o antigo clássico. →

PSICOSE

XEROX COLORIDA "A idéia não é tão louca assim", diz o cineasta, lembrando que o próprio Hitchcock refilmou, em 1956, *O Homem que Sabia Demais*, 22 anos depois de ter dirigido também o filme original. "Além do mais", completa, "muita gente ainda não teve a chance de ver o primeiro *Psicose*". Verdade ou não – e dá pena de alguém que até hoje não se dignou a alugar o filme em vídeo –, o fato é que o projeto era um risco tremendo.

Além da legião de fãs, *Psicose* é uma obra-prima digna de figurar entre os melhores trabalhos do mestre do suspense, o que só aumenta a responsabilidade de quem se arrisca a filmá-la novamente. Para finalizar, de todos os trabalhos de Hitchcock, é o mais estudado por críticos e historiadores – um prodígio de técnica cinematográfica, contendo a seqüência mais detalhadamente analisada da história do cinema, a famosíssima cena do assassinato no chuveiro.

Quem ainda não assistiu ao filme original vai gostar do novo *Psicose*. É um suspense muito acima da média. Quem já viu o antigo, no entanto, deve se preparar para uma decepção. O resultado, embora muito parecido, está longe de ser uma xerox absolutamente fiel. Mas a principal mudança em relação ao original foi a decisão de filmar em cores.

Para quem não conhece, a história é mais ou menos assim: Marion Crane (Janet Leigh), uma moça infeliz, rouba uma bolada da imobiliária onde trabalha e decide usar a grana para acertar sua vida e a do namorado, Sam (John Gavin). Marion foge da cidade e resolve pernoitar num motel de beira de estrada. O lugar – o Motel Bates – é gerenciado por Norman Bates (Anthony Perkins), um rapaz simpático e prestativo, embora um pouco esquisito. Norman vive numa casa próxima ao motel em companhia da mãe, que nunca põe os pés na rua.

No quarto, Marion começa a tomar uma ducha quando é brutalmente esfaqueada pela sra. Bates. Norman chega poucos minutos depois e, desesperado pelo massacre perpetrado pela mãe, esconde o corpo dentro do carro de Marion e joga o carro num pântano, ➔

reprodução quase

ATENÇÃO: O texto abaixo revela detalhes importantes sobre a tra
não assistiu ao filme original e não quer saber dos segredos de No

Gus Van Sant espalhou aos quatro cantos do mundo que faria uma réplica perfeita do *Psicose* original. Balela. Há várias cenas diferentes, diálogos alterados e movimentos de câmera que não correspondem aos de Hitchcock. Aqui estão algumas das diferenças:

Abertura: A primeira mudança ocorre logo na seqüência inicial do filme, que mostra os prédios da cidade de Phoenix, Arizona. No *Psicose* original, a câmera de Hitchcock dá uma panorâmica na cidade e depois se fixa numa determinada janela de um prédio. A câmera faz então uma zoom e "entra" no quarto de um hotel barato, onde Marion Crane e o namorado, Sam, acabaram de fazer amor. Hitchcock queria usar um helicóptero para filmar essa cena, mas não havia condições técnicas adequadas na época. Van Sant usou o helicóptero, e conseguiu uma tomada fluida e bonita. Na nova cena, Marion e Sam estão se vestindo, enquanto, ao fundo, ouve-se o som de um casal tran-sando no quarto adjacente.

"Ponta" do diretor: Hitchcock gostava de fazer aparições relâmpagos em seus próprios filmes. Em *Psicose*, sua "ponta" ocorre logo no início, quando Marion, que estava no motel com o namorado, volta para a imobiliária onde trabalha. Hitchcock pode ser visto de relance na calçada. Na nova versão, Van Sant se posicionou no mesmo local e aparece conversando com um sósia de Hitchcock. Divertido.

Diálogos entre Norman Bates e Marion Crane: Há vários trechos diferentes do filme original. Em um deles, Norman diz a Marion: "O motel está

sempre vazio, porque esta (apontando para a estrada) costumava ser a estrada principal". Van Sant dispensou esse pequeno trecho.

Cena em que Norman observa Marion por um buraco na parede: Van Sant adicionou um toque erótico (e certamente grosseiro para Hitchcock): Norman se masturba enquanto vê a moça trocar de roupa.

Cena do chuveiro: No filme original, assim que a "mãe" abre a cortina do chuveiro, a música de Bernard Herrmann explode, com seus violinos agudos. Van Sant optou por retardar essa entrada em alguns segundos, o que tirou muito do impacto da cena. Ele também adicionou mais sangue, além de duas ou três imagens rapidíssimas mostrando "flashbacks" de Marion, e filmou uma cena que Hitchcock teve

CIC

UIP

perfeita

ma de Psicose. Se você rman Bates, NÃO LEIA!

Réplica quase perfeita: os personagens do clássico ganham cor

de cortar por imposição do estúdio: uma tomada de cima do chuveiro, na qual Marion dá seu último suspiro e cai estatelada no chão.

Cena do "olho": Há uma cena espetacular em *Psicose*, na qual a câmera está fechada no olho inerte de Marion e, de repente, começa a andar para trás, mostrando o banheiro onde o crime ocorreu. A câmera passeia pelo banheiro e anda em direção à sala, chegando finalmente ao jornal que embrulhava o dinheiro roubado. A cena deu um trabalho danado: já que não havia foco automático naquela época, foi muito difícil manter a nitidez durante toda a cena. Usando modernissimos recursos técnicos, Van Sant fez a câmera dar dois giros sobre o próprio eixo enquanto focalizava o olho da morta. Puro exibicionismo inútil. Se a lentidão da câmera de Hitchcock dava à cena uma monotonia alarmante, as piruetas de Van Sant nada adicionam. O que poucos sabem é que Hitchcock cometeu um erro quase imperceptível nessa cena, que só foi notado por Alma, sua mulher: Janet Leigh respira quando deveria estar morta. Nem o montador de Hitchcock, o extraordinário George Tomasini, notou a mancada. Na nova versão, a personagem não respira, mas em compensação há um deslize grosseiro: é possível enxergar a câmera refletida no olho de Anne Heche.

Assassinato do detetive Arbogast: No *Psicose* original, Arbogast (Martin Balsam) sobe as escadas da casa dos Bates quando é esfaqueado. Para provocar uma sensação de vertigem, Hitchcock usou um efeito de câmera simples, porém muito eficiente: a câmera focaliza Arbogast de frente, subindo os degraus, é puxada para trás e, ao mesmo tempo, dá um zoom para a frente – mudando a perspectiva entre Arbogast e o fundo. Inexplicavelmente, Van Sant não usou a mesma técnica, o que diminuiu o impacto. Também triplicou o número de facadas no rosto de Arbogast (Hitchcock usou apenas uma), obviamente para saciar adolescentes fãs de Freddy Krueger.

Briga entre Norman e Sam: No fim do filme, Sam está despistando Norman enquanto Lila vai procurar a sra. Bates. Na primeira versão, Norman acaba nocauteando Sam com um vaso. Van Sant filmou uma cena violenta, usando um taco de golfe como "arma". Enquanto isso, Lila vai ao porão da casa e encontra os restos da sra. Bates. Agora, o quarto onde fica a caveira está cheio de pássaros. Surge então Norman, vestido de mulher e com uma faca de açougueiro na mão. Na versão original, Sam aparece por trás de Norman e o domina, em uma cena rápida e de tirar o fôlego. Van Sant novamente caprichou na violência, filmando uma briga entre os dois personagens.

junto com todas as coisas da moça – inclusive o dinheiro. Enquanto isso, na cidade, todos procuram por Marion: sua irmã, Lila (Vera Miles), confronta Sam, na esperança de que ele saiba do paradeiro da moça. O patrão de Marion contrata um detetive particular, Arbogast (Martin Balsam), para rastreá-la e trazer de volta a pequena fortuna roubada. E todas as pistas acabam por levá-lo ao Motel Bates.

VULNERABILIDADE PERDIDA A primeira prova de fogo de Van Sant seria encontrar atores para reprisar os personagens de *Psicose*. Pensou em Nicole Kidman para interpretar Marion Crane, mas ela ainda estava ocupada filmando *Eyes Wide Shut*, de Stanley Kubrick (um martírio que se arrastou por dois anos), e o papel acabou ficando com Anne Heche, a namorada de Harrison Ford em *Seis Dias, Sete Noites*, e da atriz Ellen DeGeneres na vida real.

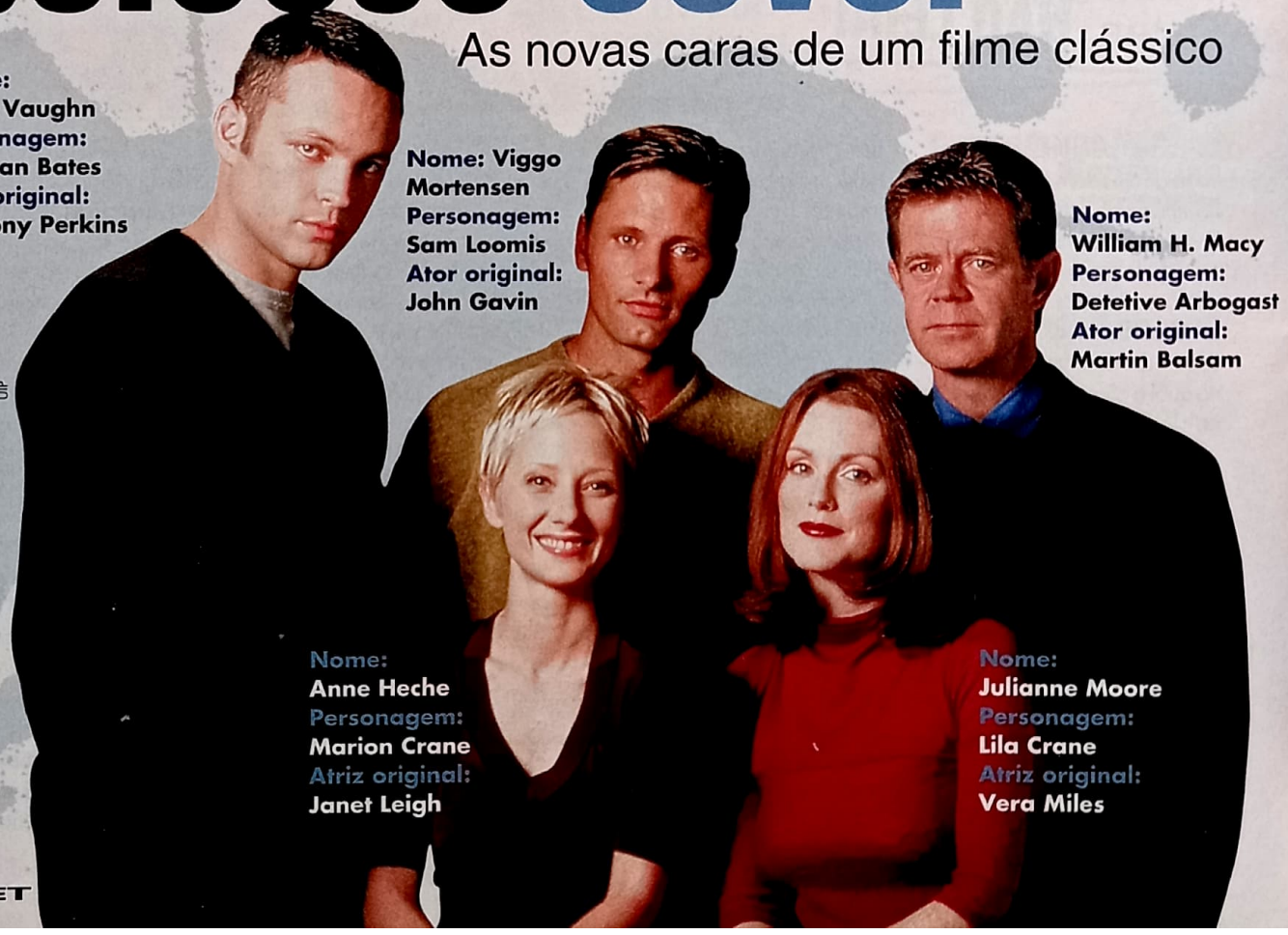
O cobiçadíssimo papel de Norman Bates foi para Vince Vaughn (de *Swingers* e *O Mundo Perdido*), depois que Matt Damon, protagonista de *Gênio Indomável*, recusou. O elenco é completado por Julianne Moore, que interpreta Lila; Viggo Mortensen no papel de Sam; e William H. Macy como o detetive Arbogast. Rita Wilson, mulher de Tom Hanks na vida real, faz Caroline, secretária da imobiliária – papel que havia sido de Pat Hitchcock, filha do mestre. Robert Forster (que Quentin Tarantino recolocou no mapa em *Jackie Brown*) substitui Simon Oakland como o psiquiatra que, no final do filme, explica todo o mistério. E o roqueiro Flea, do Red Hot Chili Peppers e amigo de Van Sant, ganhou um pequeno papel como Bob, colega de trabalho de Sam.

Mesmo com atores comprovadamente talentosos, ninguém parece muito à vontade em seus papéis – a começar por Vince Vaughn. Enquanto Anthony Perkins era magro, desengonçado e gago, inspirando fragilidade e confiança, Vaughn, com seus quase dois metros de altura e pinta de jogador de basquete, parece tudo, menos proprietário de um motel nos cafundós-do-judas. Toda a vulnerabilidade que fez de Norman Bates um personagem tão ambíguo desapareceu e, com ela, boa parte do charme do vilão.

Outro problema sério é a ironia na atuação do elenco. Todos parecem cientes de que estão interpretando personagens famosíssimos e, ao invés de interpretar, recitam os diálogos – a impressão que se tem é que alguns atores vão explodir em gargalhadas no meio das cenas. Será que nossa

psicose cover

As novas caras de um filme clássico



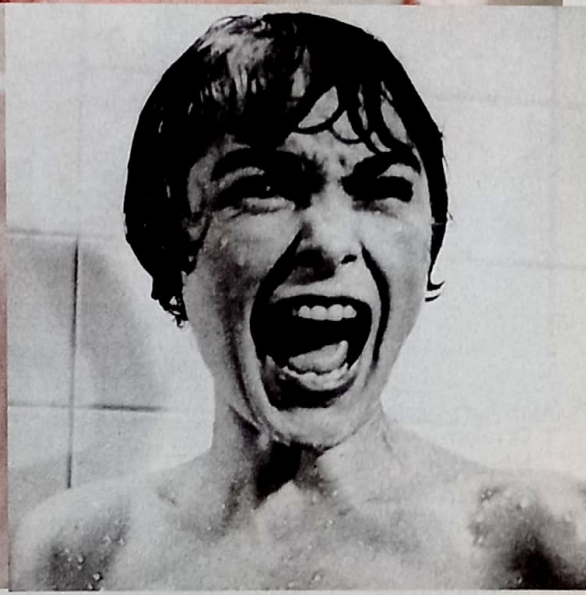
obsessão por cultura pop chegou a tal ponto que se tornou impossível refazer um clássico sem que a própria atuação do elenco seja um comentário cínico sobre o status icônico da obra?

Com o elenco escolhido, Gus Van Sant começou seu trabalho disposto a fazer o novo *Psicose* exatamente da mesma forma como seu antecessor dirigiu a versão original, há 39 anos. A refilmagem foi rodada nos estúdios da Universal, o mesmo usado por Hitchcock. A fachada do motel é a mesma, embora a casa da família Bates – hoje uma das grandes atrações turísticas do parque de diversões da Universal – tenha sido reconstruída em outro local.

Van Sant chegou ao cúmulo de usar o mesmo calendário de filmagens, completando seu filme nas mesmas seis semanas, e a mesma trilha sonora, composta originalmente pelo genial ➔

Fotos: UIP e CIC

Morte no chuveiro: presente e passado se misturam na cena mais famosa do filme



PSICOSE

Bernard Herrmann e regravada por Danny Elfman. Outra semelhança curiosa: quando *Psicose* foi lançado, em 1960, Hitchcock fez de tudo para manter a trama do filme em segredo, proibindo sessões para a imprensa e convidados. Van Sant fez o mesmo.

MANÍACO SORRIDENTE Mas existe um profundo abismo técnico separando Hitchcock de Gus Van Sant. É incrível como a cena original do chuveiro é mais aterrorizante que a nova. São pequenos detalhes – alguns décimos de segundo a mais na edição de som, alguns fotogramas a menos na montagem – que fazem toda a diferença do mundo.

Por exemplo: no *Psicose* original, há uma cena maravilhosa, na qual Norman Bates empurra o carro com o corpo de Marion Crane para dentro de um pântano. Hitchcock queria dar um tremendo susto na platéia, e para isso bolou uma seqüência na qual o carro começaria a afundar e subitamente pararia, com a capota ainda visível (o efeito foi conseguido com a ajuda de uma plataforma hidráulica colocada no fundo do pântano).

O que torna a cena tão impactante é a edição de som, na qual Hitch misturava o barulho do carro afundando com a música de Bernard Herrmann. Assim que o carro pára de afundar, a tela fica em silêncio. Era impossível não pular da cadeira. A câmera corta então para a cara aparvalhada de Norman, que não consegue acreditar em sua má sorte. Depois de alguns segundos de tensão excruciante, ouve-se novamente o barulho do carro afundando, e o veículo some nas águas lamacentas. Close no rosto sorridente de Norman.

Simples, não? Pois nem com 25 milhões de dólares Van Sant conseguiu reproduzir a cena. A edição sonora é esculachada e acaba com toda a tensão que existia. Fica a lição, aliás aprendida por todos que já tentaram copiar o mestre, de Brian De Palma a Jonathan Demme: não basta estudar Hitchcock, é preciso ser Hitchcock. E Gus Van Sant não é o mestre. Mesmo com o mapa do tesouro na mão, o diretor de *Gênio Indomável* não consegue chegar aos pés do gênio inimitável.

(Psycho, EUA, 1998) ***Direção****: Gus Van Sant.* ***Com*** *Vince Vaughn, Juliane Moore, Viggo Mortensen, Anne Heche, William H. Macy, Robert Forster, Rita Wilson, Flea. 109 min. www.psychomovie.com*

seguindo a receita

Como um filme concebido para cumprir um contrato

Fotos: CIC

O mestre em ação: Hitch dirige Janet Leigh. Ao lado, Anthony Perkins como o maluco Norman Bates

Em 1959, Alfred Hitchcock enfrentava um dilema. Recém-saído do sucesso de *Intriga Internacional*, estava prestes a deixar a Paramount e assinar com a Universal – mas ainda devia um filme aos antigos patrões. Resolveu cumprir sua obrigação contratual com uma "rapidinha": um suspense, rodado em poucas semanas e com um orçamento baixíssimo. O resultado foi *Psicose*.

Já fazia algum tempo que Hitch queria adaptar o romance *Psycho*, de Robert Bloch, tremendo sucesso na época. O livro era baseado na história verídica de Ed Gein, um assassino que matou diversas moças (incluindo a própria mãe) e que usava os membros dos cadáveres como decoração. A história de Gein serviria de inspiração também para *O Massacre da Serra Elétrica* (1974), de Tobe Hooper, e para o telefilme *O Fabricante de Abat-Jours*, filmado por José Mojica Marins para o programa *O Estranho Mundo de Zé do Caixão* (1968), na TV Tupi – o episódio acabaria banido pela Censura.

Hitchcock gostava da história, mas considerava-a violenta demais – para ter uma idéia, no livro Norman Bates decapita Marion Crane no chuveiro. Resolveu chamar um jovem roteirista, Joseph Stephano, para dar uma polida no material. Também decidiu usar a mesma equipe técnica que trabalhava na série de TV *Alfred Hitchcock Presents*. É por isso que Robert Burks, o extraordinário fotógrafo de doze de seus filmes entre 1950 e 64, acabou substituído pelo não menos competente John Russell.

Como de hábito, Hitch preparou cada tomada com um detalhismo fanático. Pediu ao artista gráfico Saul Bass, famoso pelos créditos de abertura de *Um Corpo que Cai* e *Intriga Internacional*, que desenhasse os *storyboards* para a cena do chuveiro. Também supervisionou pessoalmente a construção dos cenários e a fantasmagórica decoração do escritório do Motel Bates, com os pássaros empalhados na parede.

Hitchcock via o filme como um estudo da dupla personalidade, tema recorrente em seus filmes (*A Sombra de uma Dúvida*, *Pacto Sinistro*, *Frenesi*). Para complementar visualmente o tema, exigiu que os cenários tives-

Fotos: UIP

A face do monstro: Vince Vaughn em frente à mansão Bates. No destaque, Vaughn e o diretor Gus Van Sant

do mestre

se tornou o maior clássico de Hitchcock

sem muitos espelhos. Quem assiste à *Psicose* percebe claramente a profusão de espelhos – no carro de Marion, no Motel, na casa dos Bates. Hitchcock era fascinado pelo uso de espelhos em cinema desde os anos 20, quando assistiu aos filmes expressionistas alemães. Adorava o simbolismo do reflexo como representação da personalidade dividida de personagens, como havia visto em clássicos como *O Gabinete do Dr. Caligari* e *O Vampiro de Dusseldorf*. Mas procurava despistar os estudiosos, dando razões mundanas para ter aceitado fazer o filme. "Só fiz *Psicose* porque gostei da idéia de ter a atriz principal assassinada antes da metade do filme," diria Hitch ao cineasta François Truffaut.

De todas as grandes cenas de *Psicose*, a melhor é a seqüência do chuveiro. Hitchcock queria fazer algo diferente, que ficasse gravado na memória do público. E conseguiu: quase quarenta anos depois, essa cena permanece como uma das mais celebradas de todos os tempos.

Teses inteiras já foram escritas sobre a cena do chuveiro. Exagero? Nem tanto. Tudo que se precisa saber sobre montagem, posicionamento de câmera e uso de som está contido nos quarenta segundos e 34 planos da seqüência. Hitchcock gastou uma semana inteira filmando a cena – um absurdo, especialmente sabendo que os outros 108 minutos de *Psicose* foram rodados em cinco semanas.

Hitchcock temia que a divulgação boca-a-boca estragasse a surpresa da história – que Norman Bates era, na verdade, a "mãe". Para despistar o público e os jornalistas, começou a espalhar que estava escolhendo as atrizes para o papel da sra. Bates.

Hitch era um gênio da autopromoção, e isso nunca ficou tão evidente quanto na campanha publicitária de *Psicose*. Sua primeira providência foi proibir sessões para a imprensa e convidados. Em seguida, exigiu que os cinemas proibissem a entrada de qualquer espectador depois do início da sessão – "nem se for o dono do estúdio, o presidente dos Estados Unidos ou a rainha da Inglaterra – Deus a abençoe", dizia o cartaz.

Na porta dos cinemas, Hitch mandou colocar um sistema de alto-falantes tocando ininterruptamente a gravação de uma mensagem – lida por ele mesmo – para os espectadores: "Respeitável público, sei que vocês devem estar aborrecidos por não poderem entrar no meio da sessão, mas acreditem, estamos fazendo isso para o seu próprio bem. Só assim vocês poderão aproveitar em sua totalidade os terrores e delícias do meu novo filme, *Psicose*".

O trailer também era um primor: nenhuma cena do filme, apenas o bom e velho Hitch passeando pelos cenários e atiçando a curiosidade do público. "Aqui é o banheiro," dizia o simpático gorducho, mostrando o local da morte de Marion Crane. "Foi nesta banheira que ocorreu o crime... Um crime horrível! Vocês precisavam ver, o sangue, a sujeira... Que horror!" E esse toque de gênio o diretor Gus Van Sant não se atreveu a copiar.

LADO A

Julia Roberts e Susan Sarandon protagonizam um
de lares divididos, câncer e um roteiro de primeira

Columbia TriStar
A LADO
verdadeiro duelo de interpretações nesta mistura
que resultou no filme mais emocionante do mês

Fotos: Columbia TriStar

Susan Sarandon com as crianças Liam Aiken e Jena Malone: alegria em tempos difíceis

Para toda a regra existe uma exceção – e as coisas não são diferentes em Hollywood. Sempre que uma superprodução traz dois grandes astros no elenco, pode estar certo de que farpas vão voar dentro (e principalmente fora) do set. Mas o drama *Lado a Lado* consegue a façanha de colocar Julia Roberts e Susan Sarandon juntas em cena e – surpresa! – as duas não só se deram muito bem como iniciaram uma amizade fora da tela.

A verdade é que as duas atrizes já esperavam que a reação do público ao projeto seria justamente esperar pela primeira briga. "Não dá para fugir do clichê", suspira Sarandon, que assegurou seu posto no primeiro time das atrizes ianques em filmes como *Thelma & Louise*, *O Cliente* e *Os Últimos Passos de um Homem* (que lhe rendeu um Oscar). "Se seu parceiro em cena é um homem, então você está transando com ele. Se é mulher, é briga na certa." Já Roberts, que foi catapultada ao estrelato com *Uma Linda Mulher*, andou meio em baixa e se viu novamente no topo depois do simpático *O Casamento do Meu Melhor Amigo*, não resiste à piada: "Eu e Susan esperávamos que as pessoas comentassem que a gente estava transando. Não seria demais?"

LENÇOS DE PAPEL Se do lado de cá da tela impera o bom humor, em *Lado a Lado* o tom é completamente o oposto. O roteiro, que mistura lares desfeitos e câncer em família, é um convite às lágrimas – é difícil chegar até o final sem o apoio de uma providencial caixa de lenços de papel. Felizmente, o diretor Chris Columbus, responsável pelos dois *Esqueceram de Mim* e pelo delicioso *Uma Babá Quase Perfeita*, soube dosar os momentos dramáticos com seqüências mais leves – tudo para agradar a um público mais amplo e garantir uma bilheteria gorducha, já que a competição neste começo de ano está duríssima: o filme chegou aos cinemas americanos no finalzinho de dezembro e bateu de frente com pesos pesados como *A Civil Action* (drama de tribunal com John Travolta), *The Thin Red Line* (filme de guerra com um elenco estelar) e a ficção científica *The Faculty*, da dupla Robert Rodriguez/Kevin Williamson.

Em *Lado a Lado*, Susan Sarandon interpreta Jackie, a mãe divorciada de dois filhos que mantém um relacionamento amigável com seu ex-marido, Luke (Ed Harris). O problema é que Luke está morando com uma mulher mais jovem, a fotógrafa Isabel (Julia Roberts), que tenta a todo custo ganhar a atenção dos filhos do homem que ama mas não faz idéia de como lidar com crianças. E a convivência não é nada fácil: Anna (Jena Malone), filha mais velha de Jackie, odeia a madrasta; já o caçula Ben (Liam Aiken, uma versão em carne-e-osso do personagem dos quadrinhos Calvin) é um verdadeiro capeta com mania de se esconder. A situação chega a um impasse quando Jackie revela que está com câncer, e sabe que é a nova mulher de seu ex-marido quem vai cuidar de seus filhos.

LADO A LADO

Uma história assim renderia nada além de um festival de lágrimas gratuitas se o roteirista Ron Bass não estivesse ditando as palavras. Bass, que escreveu *O Casamento do Meu Melhor Amigo*, poliu os diálogos até que eles ficassem reluzentes, equilibrando situações dramáticas e outras hilariantes sem nunca nos deixar esquecer que são mulheres de verdade, com problemas de verdade, que estavam em celulóide. Com uma mãozinha da talentosa dobradinha Roberts/Sarandon (que provavelmente irão competir na próxima festa do Oscar), frases e cenas que serviriam perfeitamente a uma novela mexicana surgem em seus lugares certos, sem ofender a inteligência da platéia.

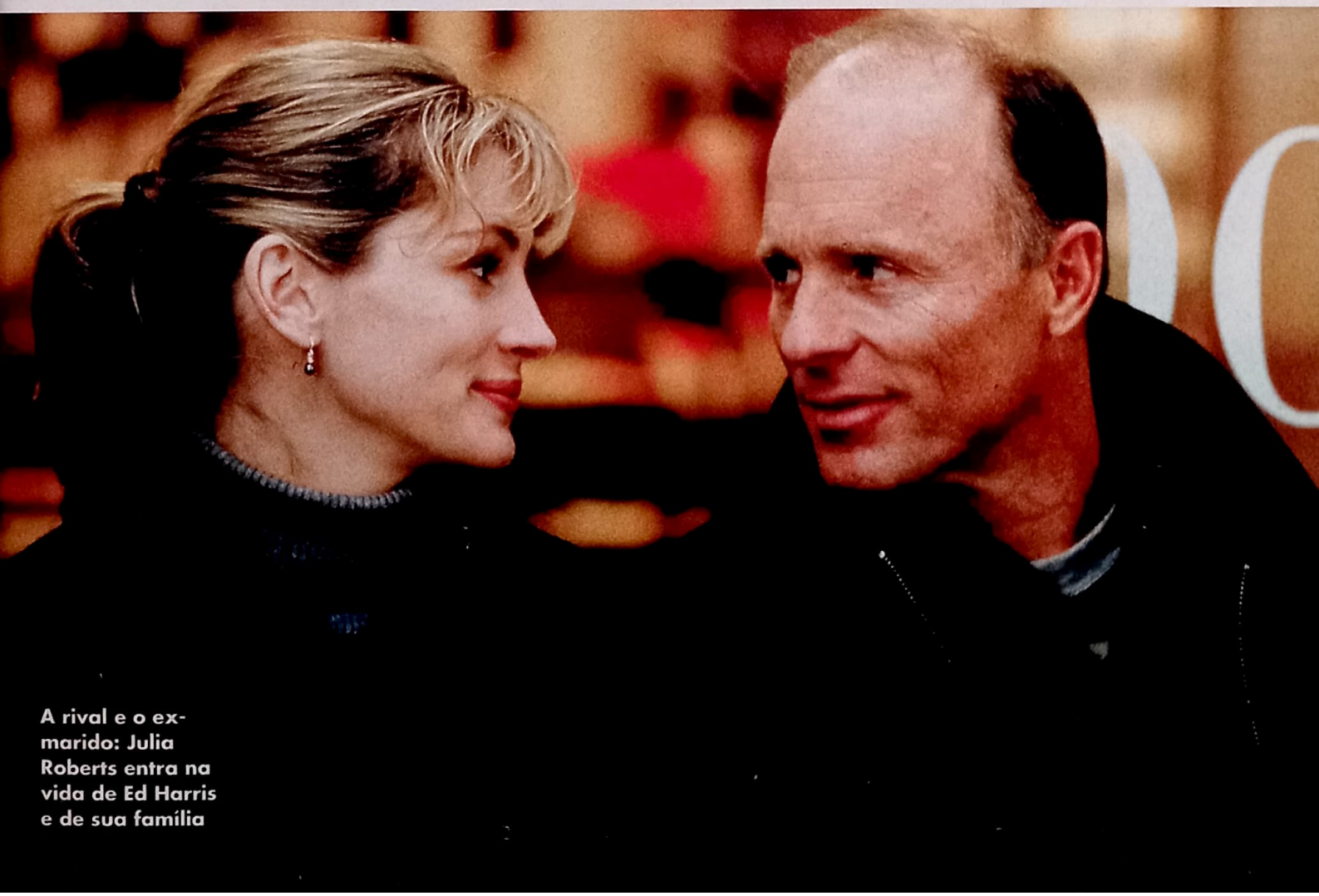
DISCUSSÕES CALOROSAS *Lado a Lado* é um caso raríssimo em Hollywood: um filme com dois papéis principais femininos muito bem escritos. Da última vez que isso aconteceu, a mesma Susan Sarandon dividiu a cena com Geena Davis no ótimo *Thelma & Louise*. Na verdade, Sarandon e Julia Roberts estavam querendo trabalhar juntas há algum tempo, e quando a idéia do filme surgiu durante um jantar com a produtora Wendy Finerman (de *Forrest Gump*), a dupla aceitou de imediato – e se envolveram tanto com o projeto que acabaram creditadas como produtoras executivas.

A essa altura, o único problema de Sarandon era manter o brilho ao lado de Roberts: enquanto a primeira definha cada vez mais no decorrer do filme, o personagem da outra ficava cada vez mais bonita. "Imagine em que estado fica o ego de uma pessoa quando ela entra na maquiagem e acaba saindo com uma aparência ainda pior", lamenta Susan. "Julia, por outro lado, abria aquele sorriso e o sol brilhava junto." A vingança da veterana atriz veio justamente com o roteiro afiado. As discussões das personagens Jackie e Isabel vão ficando cada vez mais calorosas, dignas de um programa de auditório sensacionalista – mesmo depois da descoberta da doença –, com a mãezona destruindo sua concorrente num duelo de palavras de dar pena. "Até que foi divertido fingir que a gente se odiava", brinca Roberts. "Mas a coisa chegou a um ponto em que minha vida parecia fora de controle. Daí me dava conta de que o motivo era eu ter sido massacrada verbalmente durante o dia inteiro."

Os fãs de Julia Roberts e Susan Sarandon podem respirar aliviados e esperar uma futura colaboração entre a dupla: as discussões não ultrapassaram mesmo o chamado do ofício. As palavras duras ficam registradas em celulóide, mas já deixaram a cabeça das atrizes há muito tempo. "Você entra no set, faz seu trabalho e vai embora", completa Sarandon. "Afinal, é só um filme."

Roberto Sadovski

(Stepmom, EUA, 1998) **Direção**: *Chris Columbus.* **Com** *Julia Roberts, Susan Sarandon, Ed Harris, Jena Malone, Liam Aiken, Lynn Whitfield, Darrel Larson, Mary Louise Wilson, Jason Mayes. 124 min. www.spe.sony.com/movies/stepmom*



A rival e o ex-marido: Julia Roberts entra na vida de Ed Harris e de sua família

Warner
mi
“O Clinton é devagar. Ele poderia pegar alguma garota mais bonita...”

chael caine

o homem que não diz não

Texto por Sérgio Rizzo
Entrevista por Lynne Lane

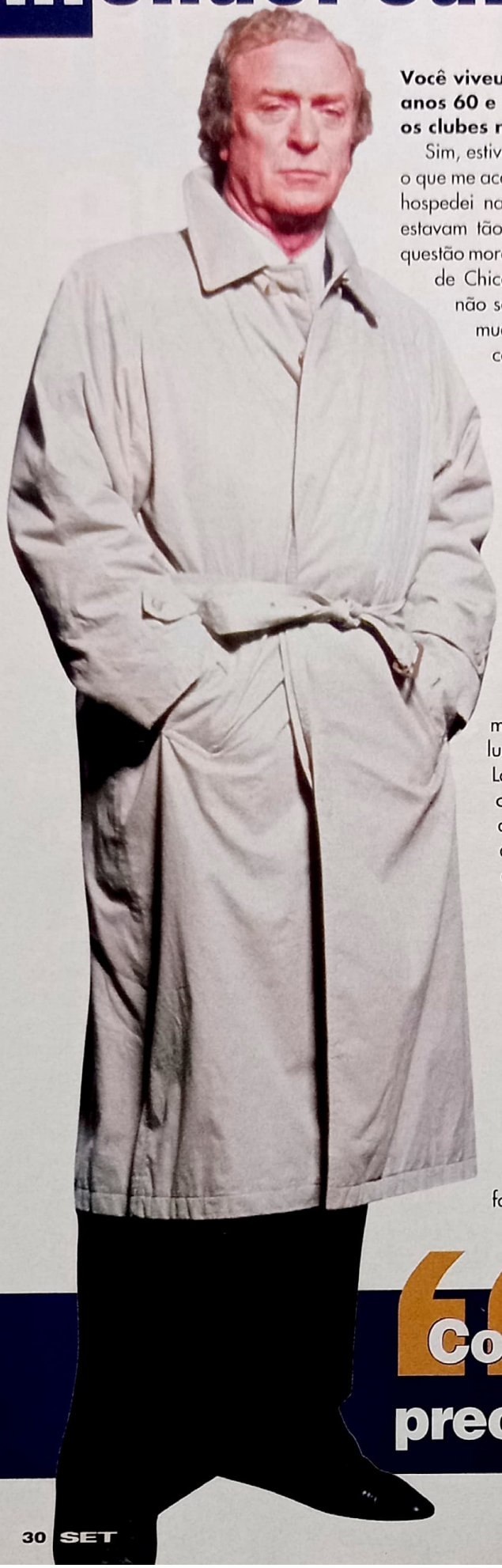
Você vai fazer um filme e precisa de um ator? É só chamar Michael Caine, que encara qualquer papel. E qualquer assunto, como nesta entrevista, na qual fala sobre filmes, os anos 60 e o escândalo de Bill Clinton

Ele andou sumido por um tempo dos cinemas, e ainda assim se manteve como um dos mais prolíficos atores de sua geração. Até o final de 1998, foram 97 papéis em filmes, telefilmes e minisséries, aos quais se juntam, em 1999, outras duas produções: os inéditos *The Debtors*, da estreante Evi Quaid, e *The Cider House Rules*, do sueco Lasse Hallström, ambos em fase de finalização. É provável que em 14 de março, quando estiver completando 66 anos, já tenha engatilhado – quem sabe até filmado? – o centésimo trabalho de sua carreira, inaugurada no cinema em *Coluna da Morte*, de 1956.

O próprio Michael Caine faz piada com a dificuldade em dizer "não" que, às vezes, o joga em situações constrangedoras. "Primeiro, eu escolho os grandes papéis. Se não chega nenhum deles, escolho os medíocres", brinca. "E, se esses também não aparecem, então escolho aqueles que pagam o aluguel." A maior prova de que quantidade também gera qualidade é o punhado de grandes personagens pelos quais continua sendo lembrado: o espertalhão de *Como Conquistar as Mulheres;* o agente secreto Harry Palmer de *Ipcress, Agente Confidencial;* o antagonista de Laurence Olivier em *Jogo Mortal;* o parceiro de Sean Connery em *O Homem que Queria Ser Rei;* o professor de *O Despertar de Rita;* e o marido apaixonado pela cunhada de *Hannah e Suas Irmãs*, que lhe valeu o Oscar de ator coadjuvante.

Filho de uma família operária de Londres, ele se diz orgulhoso por ter conseguido "atravessar o rio". Muitas vezes, porém, Michael Caine – pseudônimo que Maurice Joseph Micklewhite tomou emprestado de *The Caine Mutiny*, título original de *A Nave da Revolta* – não resiste a fazer piadas sobre sua origem, como na entrevista a seguir, em que relembra a agitação dos anos 60 e, mais recentemente, seu retorno ao cinema depois de cinco anos em casa "aborrecendo" a segunda mulher, Shakira, com quem teve uma filha. Seja bem-vindo: temporada sem nenhum filme com Michael Caine deixa a impressão de que há uma cadeira vazia bem no meio do salão. →

michael caine



Você viveu de maneira intensa os anos 60 e 70: a mansão Playboy, os clubes noturnos...

Sim, estive na mansão Playboy. Sabe o que me aconteceu em Chicago? Eu me hospedei na mansão Playboy, e todos estavam tão enfurecidos em relação à questão moral que ninguém da imprensa de Chicago me entrevistaria se eu não saísse dali – daí precisei me mudar. Havia 86 coelhinhas lá, com bar e cozinha 24 horas. Imagine aquilo para um homem solteiro de trinta anos, que até então tinha uma vida bem devagar.

Qual a sua lembrança mais forte daquela época? Os filmes estavam se transformando, e a moral de todos também...

Bem, essa coisa da moral foi a primeira coisa a mudar. Antes dos anos 60, o lugar de onde eu vim em Londres parecia a Sicília. Você olhava para uma mulher duas vezes, alguns caras apareciam com um revólver e você tinha de se casar com ela. Já nos anos 50, a dificuldade prática era como tirar um sutiã usando apenas uma mão – e é muito difícil. Mas nos anos 60, todas as garotas tiravam os sutiãs. Jesus Cristo, dizíamos, isso é fantástico. E você podia transar. Eu podia transar! De repente, todo mundo que conhecíamos se tornou famoso por algo. E não digo famoso localmente. O pintor do grupo era David Hockney. O ator era Peter O'Toole. O diretor era Ken Russell. O amigo com quem eu dividia o apartamento se tornou um astro de cinema: era Terence Stamp. Do jeito que nós vivíamos, deveríamos ter sido gângsteres de rua. Falhamos, e foi por isso que viramos atores. Achei que pelo menos o irmão de Terence, Chris, fracassaria. Aos dezenove anos, ele só queria pegar garotas. Todos os atores escolhem essa carreira para ficar com garotas. Eu achava que Chris seria o único de nós que não conseguiria dar certo. Aí, um dia, ele me contou que seria o empresário de um grupo de rock que havia criado num pub. "Como eles se chamam?", perguntei. "The Who", respondeu. Agora, ele tem mais dinheiro do que eu *(risos)*.

O que você pensou quando viu Terence Stamp como a drag Bernadette em *Priscilla, a Rainha do Deserto*?

Assisti ao filme em vídeo ao lado de minha filha de 24 anos. Quando o filme terminou, perguntei: "O que você achou, Nat?". Ela me disse: "Esse é o cara com quem você morou durante três anos?". Confirmei, e ela me falou apenas "Tudo bem". E nunca mais fez nenhuma pergunta sobre isso. Fiquei chocado. Eu havia feito uma drag como o assassino de *Vestida para Matar*. Mas fiquei surpreso que Terry tenha feito, porque a dele era muito agradável. A minha em *Vestida para Matar* tinha apenas um objetivo na trama. Um problema em relação a drags é que se você nunca se vestiu como uma e faz isso para um filme, pensa: "E se eu gostar? Terei gastos extras, um novo guarda-roupa...".

Você acha que os Estados Unidos estão totalmente desconcertados

"Comédia é um pouco com precauções que você tome

pelo escândalo sexual envolvendo o presidente Clinton?

Você está falando com um inglês. Não nos desconcertamos com isso. Tivemos alguns sujeitos aqui nos quais você não acreditaria. O ministro dos Transportes tem cinco amantes e dois filhos. O ministro da Cultura é gay e leva seus amigos aos banquetes no palácio. O ministro para o País de Gales, que é casado e tem dois filhos, foi pego em companhia de dois homens. O príncipe Charles está fazendo o de sempre. E então os americanos perguntam: "O que você acha do nosso presidente?". Bem, ele é um pouco devagar, não é? Ele poderia pegar algumas garotas mais bonitas, ora. Ao menos Sharon Stone ou algo assim *(risos)*. Kennedy teve Marilyn Monroe e muitas outras. Bill me desapontou um pouco. Você poderia fazer melhor, Bill. Na Inglaterra, temos um escândalo desse todo dia. Você conhece a nossa família real?

Você deve estar chocado, então, com a possibilidade de impeachment.

Ah, essa coisa do impeachment. A pessoa mais assustadora que vi depois do partido nazista é Kenneth Starr *(o promotor encarregado pelas investigações sobre Clinton)*. A última vez que vi um promotor como esse foi naqueles noticiários de cinema alemães de 1938. O sujeito na frente deles dizia: "Não fiz nada!", e eles, de chapéu, mandavam levá-lo e atirar nele. Vi Starr e fiquei gelado. Você não sabe onde isso vai dar. Estou muito preocupado com todo o processo. A falha básica é: ele sofrerá o impeachment por perjúrio em relação a uma pergunta que nunca deveria ter sido feita a ele. Não importa se você é republicano ou democrata. Cito a advertência de *A Mosca*: tome cuidado, muito cuidado *(risos)*.

Fale sobre sua participação em *Little Voice*. Você viu a peça primeiro?

Estava procurando um roteiro para filmar. Estive um bom tempo fora de circulação: escrevi uma autobiografia e tirei férias por um ano. Não queria fazer filme nenhum. Então, resolvi atuar de novo. E não encontrava nenhum roteiro do qual gostasse. Se você sai de cena por um tempo, todo mundo te esquece. Ficam se perguntando: "Como é que ele está agora?". Vêem filmes antigos, e dizem: "Ele não se parece mais com isso, foi em 1965". Ou assistem a *O Despertar de Rita* na TV e pensam: "É assim que ele está, um gordo de barba". Enquanto não achava um bom roteiro, pensei que poderia fazer papéis que me interessassem como ator. Interpretei o presidente sul-africano Frederik de Klerk *(no telefilme Mandela & DeKlerk)*, Josef Stalin *(nos telefilmes Then There Were Giants e World War II: When Lions Roared)* e o *Capitão Nemo (na minissérie 20 Mil Léguas Submarinas)*. Então, encontrei Bob Rafelson, e ele tinha um pequeno papel em *Sangue e Vinho*, com Jack Nicholson, com quem amei trabalhar. Depois, voltei para casa e comecei a escrever um romance, apenas para me divertir, quando recebi o roteiro de *Little Voice*. "Até que enfim!", gritei. Minha mulher, que já estava aborrecida comigo por me ver cinco anos em casa, festejou: "Graças a Deus, isso vai tirar você daqui".

E seu filme seguinte, *The Debtors*?

É uma comédia dirigida por Evi Quaid, a mulher do ator Randy Quaid. Ela me enviou um roteiro que havia escrito, sem nunca ter dirigido antes. E era o roteiro de uma comédia, o que equivale a receber um diamante pelo correio, sabe? Você recebe cem roteiros de dramas para cada comédia. Decidi fazer o filme com ela, e tivemos uma ótima experiência. É ultrajante e maluco. Sabe, comédia é um pouco como saltar de pára-quedas: por mais precauções que você tome, com o avião, o peso e todo o resto, é preciso saltar e esperar pelo melhor.

Como é escrever uma autobiografia e ouvir das pessoas "você não pode contar aquilo"?

Cortei um monte de coisas, porque não quero ferir os sentimentos de ninguém. Algumas histórias seriam muito dolorosas para certas pessoas. Mas, na verdade, uma das coisas mais dolorosas que você pode fazer a alguém é deixá-lo de lado, esquecer-se dele. As pessoas odeiam isso.

Elizabeth Taylor não precisa se preocupar com a história da vodca?

Não, ela nem bebe mais. Ela não se importa, é fantástica. Eu me lembro de que, nos seus contratos, constava que ela não precisava chegar ao estúdio antes de dez da manhã. Eu chegava sempre às oito em ponto, por minha conta, e ficava paquerando a continuísta. E me lembro de dizer a Elizabeth que ela era uma grande estrela e uma verdadeira profissional. "Como você sabe?", ela perguntou. Eu disse: "Você é uma grande estrela porque não precisa chegar aqui antes das dez. E uma verdadeira profissional porque chega exatamente às dez". Ela era a atriz mais extraordinária para se trabalhar, principalmente em relação a diálogos. Nunca esquecia uma palavra. Sou conhecido pela minha ótima memória para diálogos, mas Elizabeth é muito, muito melhor. ■

o saltar de pára-quedas: por mais é preciso saltar e esperar pelo melhor

EXTRA!
100
programas econômicos
de FIM DE SEMANA
pelo Brasil

A EMOÇÃO DE DESCOBRIR A VIDA AO AR LIVRE

FAMÍLIA AVENTURA

EDIÇÃO 2 - JANEIRO 1999 - R$ 5,90 11934/1

EDITORA PEIXES

A cidade da aventura

Conheça o lugar onde você pode fazer rafting, canyoning, cavalgada... e muito mais!.....pág. 24

Viagem Off Road

Descubra os encantos e as delícias de um roteiro por quatro cidades do sul de Minas.....pág. 60

Velejar é ser feliz...

... e você pode começar agora. Sim, está cada vez mais fácil navegar mesmo sem ter um barco.....pág. 70

ISSN 1516-1102

REPORTAGEM ESPECIAL

venha desbravar com a gente as trilhas da Mata Atlântica que levam você às mais incríveis

cachoeiras do litoral

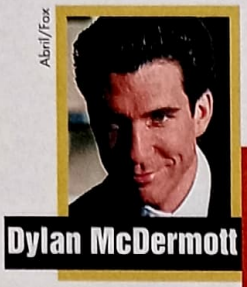
Programe os próximos 100 fins de semana da famílía. E faça economia.

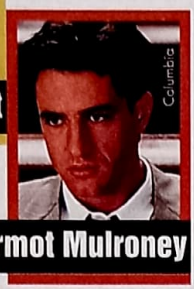
EDITORA PEIXES

Siga sua natureza. Mergulhe, desbrave, viaje, relaxe e divirta-se com a nova revista **Família Aventura**. A emoção de descobrir a vida ao ar livre. Para você e para quem você mais ama. **Nas bancas.**

Rostos, nomes ou carreiras semelhantes: são vários os motivos

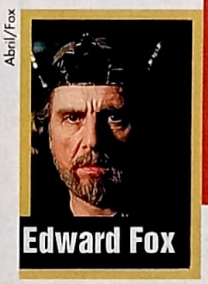
20 que

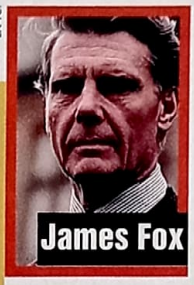




Dylan McDermott é um ano mais velho que Dermot Mulroney – tem 36 anos – e estreou no cinema um ano antes que o parceiro, em 1987. Ambos são galãs. Há, porém, duas diferenças. McDermott tem olhos azulíssimos e até agora não deu certo na tela grande – ele só ficou famoso ao protagonizar a telessérie *O Desafio*, que passa no canal pago Fox. Mulroney, por sua vez, participou de projetos de prestígio, como *Copycat* e *Colcha de Retalhos*, além de ter estrelado o sucesso *O Casamento do Meu Melhor Amigo*.

Kathy Bates é uma das grandes atrizes da atualidade. Vencedora do Oscar por *Louca Obsessão*, ela é tanto a razão de ser de filmes pouco memoráveis como *Eclipse Total* quanto um adorno de luxo em megaproduções como *Titanic*. Há uma outra atriz, porém, com um sobrenome muito parecido e que, como Bates, está entrando na casa dos cinqüenta. Não confunda: Kathy Baker não gargalha gostoso nem tem rompantes de fúria como sua colega de profissão – com uma expressão sofrida, ela oferece sempre interpretações introspectivas. É só lembrar de *Jacknife* e *Para Gillian no Seu Aniversário*.

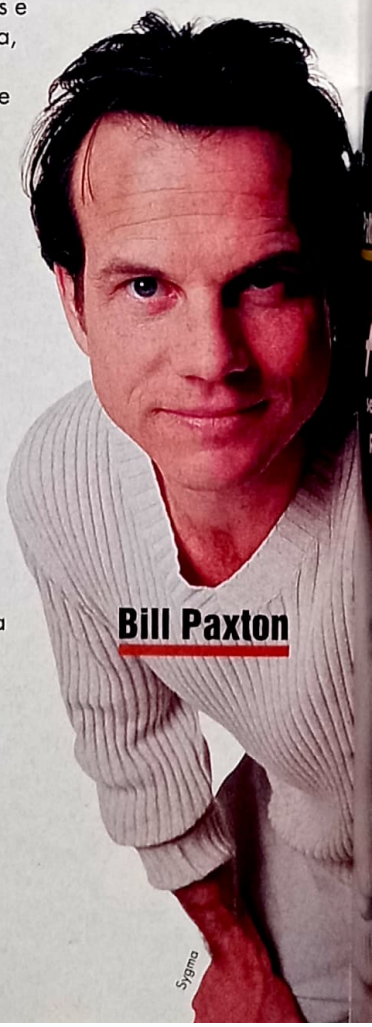




Eles são irmãos e parecem gêmeos – tanto que é difícil adivinhar quem é quem. O ator ariano Edward Fox, porém, é dois anos mais velho que o taurino James Fox. Britânicos e posudos até a medula, eles nunca contracenaram. Edward fez *O Dia do Chacal*, *Os Duelistas*, *Gandhi* e o *Robin Hood* de Patrick Bergin. James brilhou em *O Criado*, *Greystoke*, *Passagem para a Índia*, *Jogos Patrióticos* e *Vestígios do Dia*.

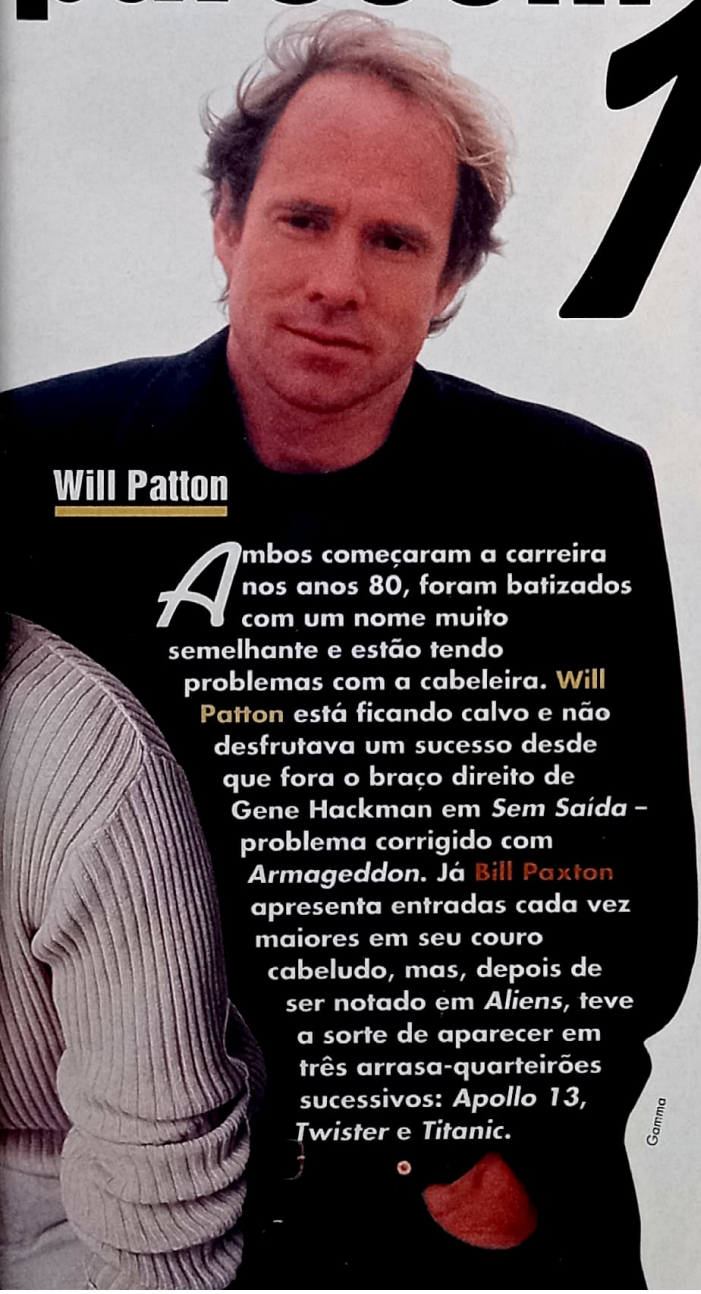
Eles são ingleses, mas não parentes. Colin Firth, sete anos mais novo, continua na ativa, enquanto Peter Firth vive um hiato em sua carreira. Ambos atuaram tanto no teatro quanto no cinema e na TV. Colin leva mais jeito de galã. Antes de ser traído em *O Paciente Inglês*, ele apareceu em *Memórias de um Espião*, *Apartamento Zero* e *Valmont*. Peter estreou no cinema em *Irmão Sol, Irmã Lua*, mas conquistou fama com *Equus*. Participou ainda de *Tess* e *A Caçada ao Outubro Vermelho*.

Apesar do sobrenome, elas não são irmãs nem tampouco parentes de Woody Allen. Ambas começaram no cinema com padrinhos poderosos, estão perto dos cinqüenta e hoje vivem quase no ostracismo. Depois de participar de *Carrie, a Estranha*, a atriz Nancy Allen casou-se com o diretor Brian de Palma e fez *Vestida para Matar* e um *Tiro na Noite*. Separou-se em 1984 e atuou então na trilogia *RoboCop*. Karen Allen já foi dirigida por Woody em Manhattan, mas brilhou quando foi escolhida por Steven Spielberg para ser a heroína de *Caçadores da Arca Perdida*. Fez sucesso ainda em *Starman*. Às vezes faz filmes conceituados, como *Malcolm X* e *O Inventor de Ilusões*.



que levam o espectador a confundir estas "duplas"

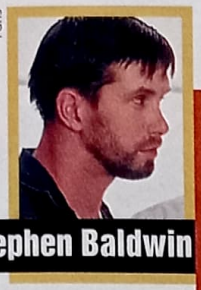
parecem 10



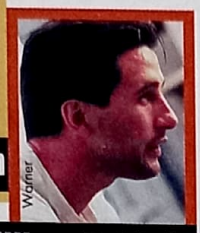
Will Patton

Ambos começaram a carreira nos anos 80, foram batizados com um nome muito semelhante e estão tendo problemas com a cabeleira. Will Patton está ficando calvo e não desfrutava um sucesso desde que fora o braço direito de Gene Hackman em *Sem Saída* – problema corrigido com *Armageddon*. Já Bill Paxton apresenta entradas cada vez maiores em seu couro cabeludo, mas, depois de ser notado em *Aliens*, teve a sorte de aparecer em três arrasa-quarteirões sucessivos: *Apollo 13*, *Twister* e *Titanic*.

Gamma



Paris



Warner

Stephen Baldwin

William Baldwin

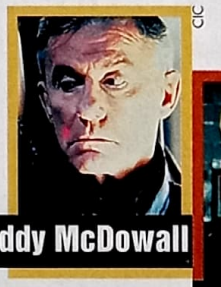
Eles são os gatos mais jovens do clã Baldwin e por isso confundem espectadores e fãs com seus olhos claros e sua sensualidade latente. Stephen Baldwin é aquele que ficou algemado com Laurence Fishburne em *A Caçada*, foi um de *Os Suspeitos* e participou de um triângulo amoroso liberal em *Três Formas de Amar*. Já William Baldwin colocou Sharon Stone contra a parede em *Invasão de Privacidade*, escapou da morte com Cindy Crawford em *Atração Explosiva* e atrapalhou a relação das namoradas Sherilyn Fenn e Kelly Lynch em *As Amantes*.

Abril/Fox

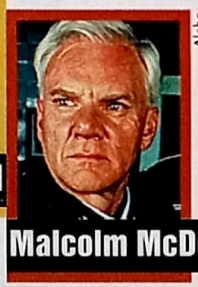
Mary Stuart Masterson

Mary-Louise Parker

As duas interpretaram amigas inseparáveis, em *Tomates Verdes Fritos*, em papéis que traduzem o estilo de cada uma: Mary Stuart Masterson, filha de um casal de atores, costuma representar tipos energéticos, rebeldes e decididos, em filmes como *Alguém Muito Especial* e *Quatro Mulheres e um Destino*; Mary-Louise Parker, ao contrário, está habituada a personificar mulheres quietas, submissas e inseguras, como em *Somente Elas* e *O Cliente*.



CIC



Alpha

Roddy McDowall

Malcolm McDowell

A crítica volta e meia reclama que estes atores tendem ao exagero. O frágil e afetado Roddy McDowall, cuja carreira começou na década de 30, é lembrado como Cornelius, de *O Planeta dos Macacos*, ou Peter Vincent, dos dois *A Hora do Espanto*. No último mês de outubro, ele sucumbiu ao câncer. Estava com 70 anos. A carreira de Malcolm McDowell, hoje com 55 anos, é pontuada por personagens transgressores, sendo que os mais lembrados são os de *Laranja Mecânica* e *Calígula*. Ele também matou o capitão Kirk em *Jornada nas Estrelas – Generations*. Ambos fizeram muita porcaria.

Diane Ladd

Diane Lane

Uma tem idade para ser mãe da outra, mas não poucos espectadores se embananam com seus nomes de sonoridade semelhante. Diane Ladd, na vida real, é mãe de Laura Dern e com ela contracenou em *Coração Selvagem* e *Noites de Rose*. Afeita a papéis bizarros, também deu à luz um monstrinho em *Carnossauro*. Diane Lane, que já foi mulher de Christophe Lambert, é a beldade dos cults *Vidas sem Rumo* e *O Selvagem da Motocicleta*. Hoje pode ser vista de arma em punho em produções de segunda linha, como *O Juiz* e *Crime na Casa Branca*.

Sem brinquedos.
Sem vilões.
Muita ambição.
O Príncipe do Egito
revoluciona o cinema
de animação e traz
os magos que o
criaram ao Brasil
para revelar os
caminhos de um
épico para as telas

como fazer uma SUPERPR

RODUÇÃO

Por Rodrigo Salem

O ano era 1994, e os futuros sócios Jeffrey Katzenberg, Steven Spielberg e David Geffen estavam fazendo os primeiros planos para um futuro estúdio, o DreamWorks. Durante a discussão, Spielberg perguntou aos colegas quais eram os critérios para fazer um grande desenho animado. Katzenberg, ex-chefão da Disney, enumerou a fórmula durante vinte minutos: uma história poderosa, situações extraordinárias, a vitória do bem sobre o mal e música como elemento essencial para narrar o filme. Então Spielberg retrucou: "Você quer dizer *Os Dez Mandamentos*?" Quatro anos depois veio a resposta: *O Príncipe do Egito*.

Dezembro de 1998. *O Príncipe do Egito* fez sua estréia nas telas americanas, dando início à mais fantástica batalha entre dois estúdios de animação já testemunhada. A superprodução de 70 milhões de dólares é a principal munição da DreamWorks para combater os rivais da Disney. O Brasil recebeu o empresário Jeffrey Katzenberg, o diretor de *O Príncipe do Egito*, Simon Wells, Jeff Goldblum, que empresta sua voz ao personagem Aarão, e o desenhista de produção Derek Gogol, em uma turnê de proporções gigantescas até mesmo para um arrasa-quarteirão. O objetivo? Explicar a gênese (sem trocadilhos) do épico bíblico e mostrar que a DreamWorks está nessa para vencer.

IMAGENS MAIORES DO QUE A VIDA

O Príncipe do Egito foi planejado para ser gigante. A passagem do quarteto pelo Brasil fez parte de uma forte campanha publicitária que ignora a invasão de produtos licenciados que caracteriza o lançamento de qualquer grande filme – especialmente quando se trata de um desenho animado. Sem vínculos com nenhuma lanchonete, marca de roupas ou brinquedos, o apelo da saga está longe de ser a venda indiscriminada de sua imagem: ele está em sua concepção. *O Príncipe do Egito* é um dos filmes mais ousados dos últimos tempos, que consumiu três anos de trabalho exaustivo e dezoito mil horas em frente às telas dos computadores armados com os programas mais poderosos a serviço da animação gráfica.

"Viajamos ao Egito para conhecer mais a arquitetura local e pela primeira vez achei a imaginação do desenhista pequena demais", conta Jeffrey Katzenberg, bastante à vontade na suíte presidencial do hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro. "Quando voltamos, pedi para o Derek jogar tudo fora e fazer de novo. Só que dessa vez eu queria cinco vezes maior." Ele se refere ao desenhista de produção Derek Gogol, que havia trabalhado na ficção científica *StarGate* e fora convocado para criar o visual do filme com base na descomunal arquitetura egípcia. Sua definição dos dois mundos é caracterizada pelas cores e pela arquitetura: "O mundo dos hebreus é o da natureza, com animais e plantas. O mundo dos egípcios é organizado, geométrico, feito pelo homem. Desenhei o mundo dos egípcios para ser maior que a vida".

Fotos: UIP

O êxodo no deserto: Moisés guia seu povo

OITENTA ANOS EM NOVENTA MINUTOS

Já o diretor Simon Wells, que fez o filme ao lado de Brenda Chapman e Steve Hickner, encontrou um problema ainda maior para resolver. Ele conta que, segundo relatos da Bíblia, Moisés teria vivido extraordinários 120 anos. "Resolvemos contar oitenta desses anos, o que não é pouco", diz Wells. ➔

como fazer uma SUPERPRODUÇÃO

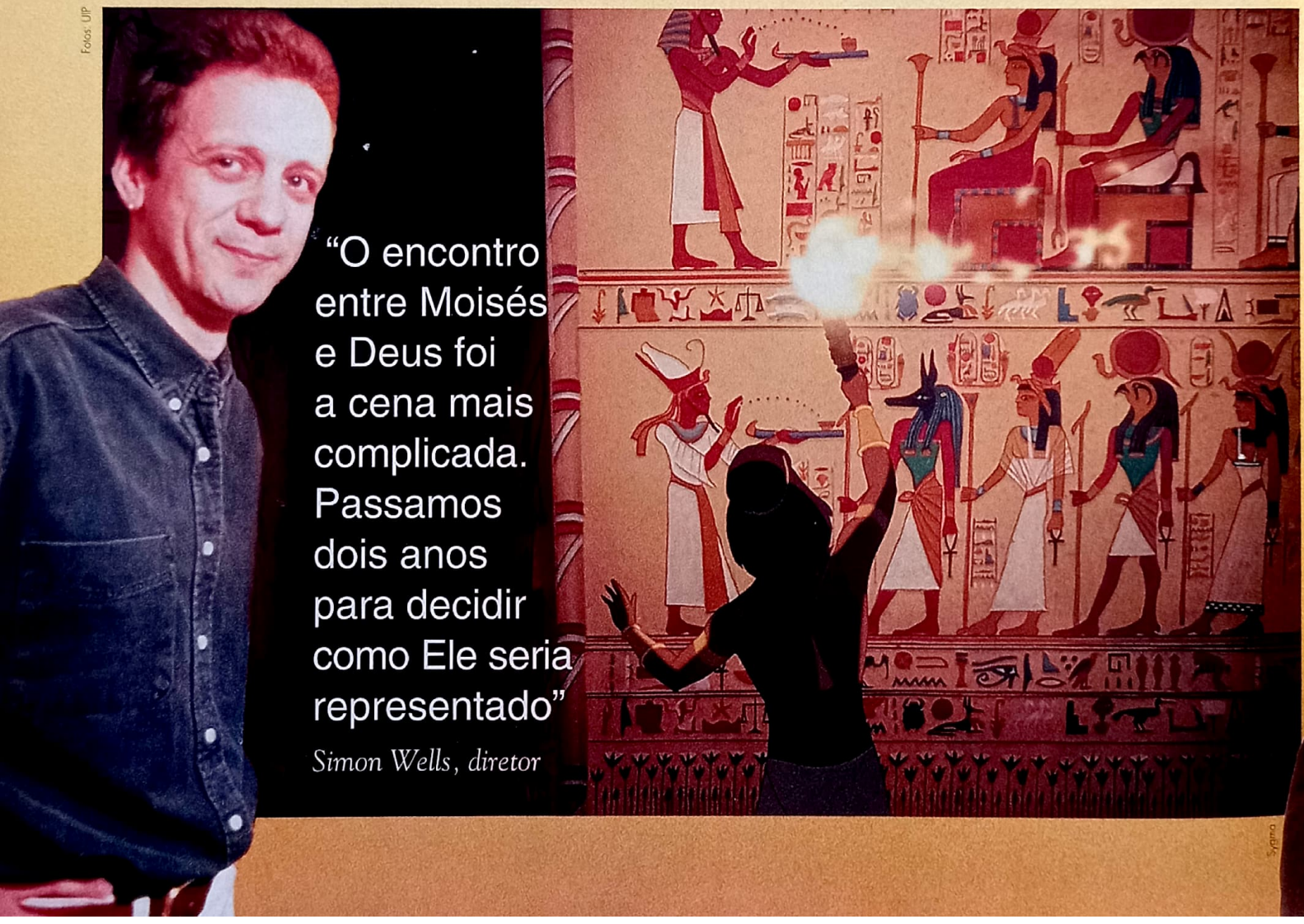
"E admito que foi o melhor que pudemos fazer." A alternativa para resumir a saga bíblica foi a construção de textos explicativos e um prólogo, além das diversas músicas que pontuam todo o filme. "Sabíamos que esses recursos eram essenciais, já que seria difícil contar toda a história em apenas uma hora e meia", explica o artista. "Nosso filme, na verdade, começa quando Moisés está com 18 anos de idade e termina depois da travessia do Mar Vermelho."

A presença de três diretores não transformou o desenho da DreamWorks numa obra desconexa, apenas longa demais. "Cada diretor tinha sua função específica", entrega Wells. "Enquanto eu decidia os supostos ângulos de câmera, os outros verificavam a continuidade da cena e a sincronia dos personagens com os dubladores." Todo esse esforço traduz o sentido de épico animado em cenas visualmente impressionantes, como a da passagem do povo hebreu pelo Mar Vermelho. "Por mais incrível que pareça, essa cena não foi a mais difícil de fazer", surpreende o diretor. "A seqüência do encontro de Moisés com Deus foi muito mais complicada. Passamos dois anos inteiros para decidir como Ele seria representado. Optamos então pelo arbusto e por uma fumaça que lembrava água e fogo ao mesmo tempo, algo mais etéreo." Ele ressalta que a intenção não era fazer o de sempre e chamar James Earl Jones – que fez a voz de Darth Vader na trilogia *Guerra nas Estrelas* – para emprestar seu vozeirão ao Todo-Poderoso. "Durante nossa pesquisa, descobrimos que a voz de Deus era descrita como familiar e confortante", continua. "A solução estava na nossa frente! E foi assim que o próprio Val Kilmer, que dublou Moisés, fez também a voz de Deus."

DINOSSAUROS E TOM JOBIM

A presença de Deus no Brasil, entretanto, não foi possível. Em seu lugar veio Aarão, o polêmico irmão de Moisés, interpretado por Jeff Goldblum, que pouco aparece no desenho. "É verdade. Meu papel é pequeno, mas quando Jeffrey veio dizendo que precisava de alguém para divulgar o filme no Brasil, não pensei duas vezes", relata o simpático Goldblum, enquanto saboreia um prato de frutas tropicais, uma de suas

Fotos: UIP



"O encontro entre Moisés e Deus foi a cena mais complicada. Passamos dois anos para decidir como Ele seria representado"

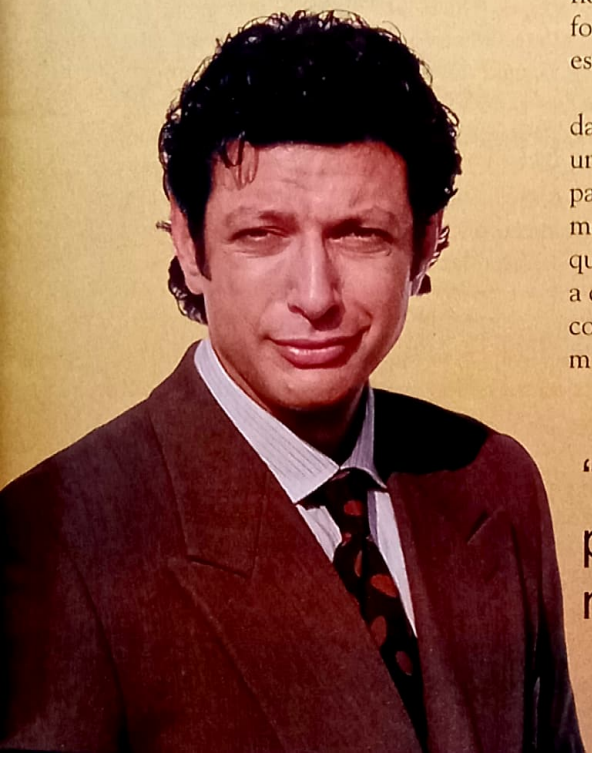
Simon Wells, diretor

Sipa Press

"Não queria fazer outro conto de fadas. Não estou concorrendo com a Disney" *Jeffrey Katzenberg, produtor*

razões de viajar pela segunda vez ao país. "Adoro o Brasil. Gosto das frutas, da comida e da música. Eu sou pianista e admiro muito a bossa-nova, sempre toco Tom Jobim no piano", declara o ator, que admite que a parte mais prazerosa do trabalho foi dividir o estúdio de dublagem com Sandra Bullock. "Entre enfrentar dinossauros e alienígenas, o mais difícil foi mesmo contracenar com ninguém", brinca. "Então pedi para que Sandra estivesse comigo durante nossas cenas juntos. E eles foram bonzinhos e atenderam meu pedido!" O astro de *Jurassic Park*, contudo, não esconde as mudanças no personagem que deu a voz: "Ele foi realmente amenizado, mas sua essência continua a mesma".

As razões de tornar alguns tópicos da história de Moisés mais leves foi uma opção clara da DreamWorks para conquistar o público infantil, mesmo que Jeffrey Katzenberg afirme que *O Príncipe do Egito* não seja para a criançada. "Não queria fazer outro conto de fadas. Passei dez anos da minha vida fazendo isso e não pretendo seguir esses passos na DreamWorks", entrega o executivo, referindo-se ao período que comandou a divisão animada da Disney, hoje sua maior rival. "Não estou preocupado. Existem vários meios para contar uma história, como nos filmes. Eles têm de fazer o trabalho deles e eu faço o meu em paz. Não estou concorrendo com a Disney." Ainda bem, pois em apenas três semanas a animação computadorizada *Vida de Inseto*, maior aposta do estúdio do Mickey para o final do ano passado, superou a marca dos 80 milhões de dólares. Pelo visto, a caminhada da DreamWorks para derrotar os "faraós" da Disney ainda vai durar mais um pouco. E vale a pena ser vista de perto. ■



"Meu papel é pequeno, mas quando me pediram para divulgar o filme no Brasil, não pensei duas vezes" *Jeff Goldblum, ator*

De refúgio de astros em decadência, a televisão deu a volt

A TELINHA C

amigos para sempre

Uma das séries que mais oferecem matéria-prima para o cinema é **Friends**, mas só Courteney Cox se deu bem com os dois *Pânico*. Jennifer Aniston aposta em comédias românticas, como *Paixão de Ocasião* e *A Razão do Meu Afeto*; Lisa Kudrow explorou o tipo loira burra em *Romy & Michelle*, mas nenhum filme foi um grande sucesso.

Entre os homens, o quadro é mais dramático. Ator de filmes como *Seis Dias, Sete Noites* e *O Aprendiz*, David Schwimmer está investindo na carreira de produtor e diretor de telefilmes. Matt LeBlanc se deu mal com o resultado morno de *Perdidos no Espaço*, assim como Matthew Perry, que poucos viram na comédia *E Agora, Meu Amor?*. Se juntos os amigos são uma das grandes forças da TV, separados eles não fazem verão algum. Ainda.

quando sofrer vale a pena

Como estes órfãos sofrem: os irmãos de **O Quinteto** têm problemas com câncer, alcoolismo e solidão. Mas a dor compensa: o elenco elogiadíssimo tem garantido seu futuro no cinema. Quem se deu melhor, sem dúvida, foi Neve Campbell, a estrela dos dois *Pânico*. Lacey Chabert está em *Perdidos no Espaço*. Scott Wolf atuou em *Tormenta* e *O Entardecer de uma Estrela*. Já sua ex-namorada Jennifer Love Hewitt foi alçada pela mídia americana a ícone juvenil: estrela de *Eu Sei o que Vocês Fizeram no Verão Passado*, ela está começando uma carreira de roteirista e produtora e foi escolhida para ser a jovem Audrey Hepburn em uma minissérie. Apenas Matthew Fox está chupando o dedo. Se a inveja matasse...

melhor é impossível

Antes de se consagrar com a série **Louco por Você**, Helen Hunt era um rosto pouco conhecido. O sucesso do programa, porém, levou-a a filmes como *O Beijo da Morte*, *Twister* e finalmente *Melhor É Impossível*, que lhe rendeu o Oscar de atriz. Helen conseguiu entrar pela porta da frente no clube fechado dos grandes atores.

a por cima para competir com o cinema de igual para igual

ONTRA-ATACA

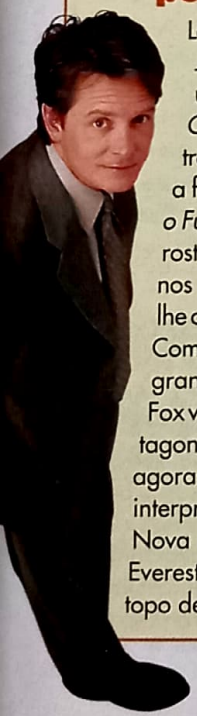
Fotos - Divulgação

Considere este número: de três séries de TV atualmente em exibição no Brasil – *O Quinteto*, *Friends* e *Dawson's Creek* – saíram treze jovens atores que estão investindo pesado, com maior ou menor sucesso, em filmes para cinema. Por que será? Uma migração histórica? A busca de nobres produções para a tela grande? Ou apenas reflexo de como a indústria do entretenimento se comporta nos dias de hoje?

A última possibilidade é, sem dúvida, a mais provável. A absorção pela indústria cinematográfica de atores que se consagraram na TV não é um fenômeno exclusivo dos anos 90 – mas nunca essa tendência se mostrou tão evidente. Uma das possíveis explicações para esse fenômeno é a valorização do trabalho na telinha. Até há alguns anos, muitos atores se recusavam a trabalhar na televisão por considerá-la uma expressão menor. Com o advento da TV a cabo, cuja produção de longas-metragens é cada vez melhor, profissionais e espectadores passaram a ver os filmes e séries feitas para a telinha com outros olhos. Hoje é questão de prestígio protagonizar uma série, estrelar um telefilme elogiado ou estar à frente de uma minissérie milionária. Prêmios como o Emmy e o Globo de Ouro conquistaram repercussão internacional.

Além disso, os conglomerados de comunicação estão cada vez mais interligados. A Sony, por exemplo, responde tanto pela produção da Columbia TriStar cinema como também define o rumo das produções da Columbia Television e do canal pago Sony. Dessa forma, a chamada migração de atores de uma mídia à outra é apenas uma forma de alimentar internamente a pró- →

pequena vitória



Lá pelos idos de 1982, Michael J. Fox aceitou participar de uma série chamada *Caras e Caretas*. Transformou-se em astro. Com a fama, protagonizou a famosa trilogia *De Volta para o Futuro*. Os anos passaram, seu rosto nada mudou... e muito menos sua tímida estatura – o que lhe confere até hoje um ar juvenil. Com as oportunidades na tela grande rareando cada vez mais, Fox voltou ao passado: como protagonista e co-produtor, ele brilha agora na série **Spin City**, na qual interpreta o assessor do prefeito de Nova York. Se é difícil escalar o Everest, que se fique ao menos no topo de um Pico da Bandeira!

ou tudo ou nada

A série **Seinfeld**, que acabou no ano passado, foi um dos maiores fenômenos da TV americana. Seu protagonista, Jerry Seinfeld, tornou-se um dos grandes milionários da TV à frente de um progra-ma que ficou famoso por versar sobre o nada: os episódios, a rigor, não tinham história. A febre *Seinfeld* arremessou seu elenco ao estrelato... mas só na telinha. Ele próprio nada emplacou em cinema. Julia Louis-Dreyfuss ficou na sombra de Robin Williams e Billy Crystal em *1 Dia 2 Pais*, Michael Richards explorou seu histrionismo em filminhos como *Advogado por Engano*, e Jason Alexander se conformou em substituir Nathan Lane na versão para cinema de *Entre Amigos*. Imperadores da telinha transformam-se em súditos da telona.

A TELINHA CONTRA-ATACA

pria estrutura – um troca-troca que só traz vantagens para todos. Não se pode também ignorar a importância dos olheiros do mercado, profissionais que ficam atentos a qualquer nome que ganhe evidência por causa do sucesso de uma série: são esses sujeitos que costumam intermediar um contrato que garanta a presença desse artista em uma produção para a telona. É também bastante clara a ligação que une as séries de televisão à boa parte da produção cinematográfica: ambas são dirigidas ao público jovem – ou seja, um rosto que entra nas casas de milhares de consumidores semanalmente provoca imediata identificação na tela grande.

Nem sempre, porém, um ator que faz sucesso na telinha emplaca também em cinema. São muitos os casos de profissionais que retornam à TV depois de uma campanha medíocre na telona. É uma verdadeira roleta-russa. São raríssimos os casos de atores que migram e conseguem entrar no primeiro escalão – como aconteceu, por exemplo, com George Clooney e Will Smith, que saíram de telinha diretamente para projetos de grande porte, como *Batman & Robin* e *Homens de Preto*. O ator pode até ser o protagonista de um longa-metragem de sucesso – o caso, por exemplo, de Neve Campbell, egressa da série *O Quinteto*, que se deu bem com *Pânico* –, mas as produções geralmente são independentes e alcançam um público específico. Neve precisa tomar ainda muito leite para carregar sozinha um filme nas costas.

De qualquer forma, essa ciranda de talentos, uma verdadeira roda da fortuna, gira sem parar e ainda trará muitas surpresas nos próximos meses. Sim, meses, já que hoje em dia tudo muda de forma tão veloz.

Christian Petermann

a novíssima geração

Jovens descobrindo o amor e falando sobre sexo: é com essa fórmula que **Dawson's Creek** virou mania nos EUA. O quarteto central, ainda pouco conhecido no Brasil, já tem contratos assinados para os próximos dois anos. James van der Beek, o próprio Dawson, é praticamente um estreante, mas sua colega Katie Holmes já havia atuado em *Tempestade na Neve*, de Ang Lee. Joshua Jackson, que participou de *Nós Somos Campeões*, cresceu e fez *Pânico 2*. E Michelle Williams, que foi a jovem alienígena em *A Experiência*, marca presença em *Halloween: H20*.

a nova rainha

No final dos anos 70, a atriz Jamie Lee Curtis assumiu o posto de rainha do horror por sua atuação e seus gritos em *Halloween*. A atual rainha da categoria veio da telinha: Sarah Michelle Gellar tornou-se uma estrela junto a adolescentes e fãs do gênero com a série **Buffy, a Caça-Vampiros** – fruto do relativo sucesso da produção homônima feita para o cinema e estrelada por Kristy Swanson. Gellar está na ativa desde 1983, quando tinha apenas sete anos, mas foi depois de Buffy que ela passou a gritar em *Eu Sei o que Vocês Fizeram no Verão Passado* e *Pânico 2*.

uma fonte sem igual

Muitos leitores nem sequer ouviram falar de **Cheers**, uma das séries mais duradouras da TV americana, exibida de 1982 a 1993. Saiba, porém, que ela arrebatou 28 Emmys durante sua exibição, além de ter lançado vários atores hoje famosos. Entre eles Ted Danson, Kirstie Alley e Woody Harrelson.

Fotos : Divulgação

barrados no cinema

Na primeira metade desta década, todas as adolescentes do mundo suspiravam pelos dois astros de **Barrados no Baile**, Jason Priestley e Luke Perry. Eles eram os donos do pedaço – a despeito dos constantes boatos sobre a sexualidade de Luke. No cinema, porém, o esquema é bem diferente: mesmo conquistando papéis secundários em produções de prestígio – Priestley em *Tombstone* e Perry em *O Quinto Elemento* –, bons personagens são uma raridade. Mesmo assim, Jason abandonou a série na última temporada, enquanto Luke retornou ao elenco que o consagrou.

sedutor de plantão

George Clooney, o ator que ajudou a alavancar a audiência de **Plantão Médico**, é um caso à parte: ele passou para o mundo do cinema como astro do primeiro time, com filmes ambiciosos. *Um Drink no Inferno* foi apenas um aperitivo: vieram depois o último *Batman*, a comédia *Um Dia Especial* e o elogiado *Irresistível Paixão*. Sua carreira lembra a de Richard Chamberlain, que era um símbolo sexual quando fazia a série *Dr. Kildare* (exibida entre 1961 e 66). Espera-se apenas que Clooney não tenha o mesmo fim: Chamberlain não conseguiu emplacar filme algum no cinema.

inferno na terra

Ser protagonista de **Arquivo X**, a série mais cultuada da década, não põe mesa – pelo menos no que se refere a trabalhar no cinema. Se Gillian Anderson era praticamente uma novata ao aceitar o papel de Dana Scully, David Duchovny já tinha quinze filmes no currículo, entre eles *Chaplin* e *Kalifórnia*. Depois de se tornarem celebridades, porém, o filme mais marcante de ambos foi a versão para cinema da série. Duchovny bombou feio com *Playing God*, e Gillian foi ignorada em *Sempre Amigos*, que estréia aqui este mês. Será um mistério digno dos arquivos X?

VOCÊ SABIA QUE ELES FIZERAM SUCESSO PRIMEIRO NA TV?

Robin Williams - Ele participou regularmente do *The Richard Pryor Show* antes de virar *Popeye*, sua estréia oficial no cinema.

Sally Field - A atriz duas vezes premiada com o Oscar singrou os céus como a inesquecível *A Noviça Voadora*.

Claire Danes - A parceira de DiCaprio em *Romeu e Julieta* chamou a atenção pela primeira vez em *Minha Vida de Cachorro*.

Pierce Brosnan - Muito antes de ser 007, o ator desfilou seu charme na série *Remington Steele*, exibida em 1982.

Johnny Depp - Depois de morrer em sua estréia – *A Hora do Pesadelo* –, ele foi prender criminosos na telinha em *Anjos da Lei*.

Bruce Willis - Lá se vão os dias em que Willis tinha cabelo e era coadjuvante de Cybill Shepherd em *A Gata e o Rato*

um desconhecido

Ele foi um jazzista venerado nos Estados Unidos, ganh de centenas de filmes: permita-nos apresentar **Laurind** de Miracatu que teve de trocar o Brasil por Hollywood p

Ele tocou o bandolim da trilha de *O Poderoso Chefão*, o alaúde de *Os Dez Mandamentos* e o violão da abertura da série *Bonanza*. Não, o autor da proeza não é nenhum americano que tenha se criado respirando jazz, mas um brasileirinho de Miracatu, interior de São Paulo. Falecido em 1995, o músico que faria 81 anos no último 2 de setembro é verbete das principais enciclopédias internacionais de jazz e recebeu quinze indicações ao Grammy (das quais venceu cinco), mas continua um ilustre desconhecido do grande público brasileiro. Aqui, apenas o meio musical especializado tem noção de seu talento; nos EUA, renderam-lhe graças por mais de quarenta anos.

O grande público, na verdade, sempre acompanhou o talento de Laurindo, que na década de 40 integrava a equipe da rádio Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro, e depois partiu para Hollywood com muita ambição e nenhuma palavra de inglês no currículo, impulsionado pelo desemprego que atingiu seu ramo quando os cassinos foram fechados. Chamado por Carmen Miranda para integrar o Bando da Lua, Laurindo recusou gentilmente o convite, mas logo depois foi correr atrás da fama na Califórnia, retirando o "de" do sobrenome e participando de mais de oitocentas produções no cinema e na TV.

É revoltante que uma história assim seja ignorada pelos brasileiros? Justiça seja feita: o diretor e roteirista gaúcho Leonardo Dourado leu uma pequena nota na seção de datas da revista *Veja*, da Editora Abril, logo depois da morte do jazzista, percebeu que o homem rendia um filme e levou seu projeto adiante. Em dezembro, ele lançou *Laurindo de Almeida, Muito Prazer*, um documentário em três episódios rodados em 16 milímetros exibido pelo canal por assinatura GNT.

BOM DE MÚSICA E DE ROMANCE

"Eu estava à procura de um tema para um documentário e pedi informações sobre ele no exterior", conta Dourado. "Descobri que Laurindo tinha sido notícia do jornal inglês *The Guardian* e do americano *New York Times*, entre outros, com maior destaque que no Brasil. Mais ainda: vi que ele era tão importante para a Bossa Nova quanto João Gilberto, e em 1947 estreava no cinema participando de *Romance em Alto-Mar*, com Doris Day", fascina-se o diretor, que produz o filme por meio de sua produtora no Rio de Janeiro, a Telenews, em colaboração com a Okeanos, de Los Angeles.

Como se não bastasse tal currículo – que em uma pesquisa rápida na Internet rende pelo menos 219 itens, entre páginas biográficas e lojas virtuais que vendem seus CDs –, o homem ainda tinha lábia para conquistar mulheres, traí-las e garantir seu espaço nas rodas de mexericos. Até a diva Rita Hayworth, quem diria, teve um *affair* inconfesso com Laurindo, a quem conheceu nos bastidores de *Johnny Carson Show* (o ator Ricardo Montalban "entregou" a história).

Nada, a esta altura, que possa ferir as susceptibilidades da família do jazzista, que aos dezessete anos já era pai e depois trocou a mãe de seu filho por uma vizinha, Lídia – que se suicidou ao descobrir que o moreno estava arrastando asa para uma corista do Cassino da Urca, onde trabalhava e, dengoso, também se divertia.

Com essas histórias de paixão no volume máximo, não é de espantar que o moço fosse intérprete de "Maria Boa", sambinha do atormentado Assis Valente incluído no repertório da primeira excursão que Laurindo fez à Europa, em 1936. Depois, ele também ficaria amigo de Garoto, com quem fez parceria na Dupla do Ritmo Sincopado e que poderia ter substituído no Bando da Lua se o orgulho de não ser apenas mais um "Miranda's boy" não tivesse falado mais alto.

Orgulho, no caso, justificado. *Laurindo Almeida, Muito Prazer* está repleto de depoimentos de celebridades sobre o talento do jazzista. Dão seu testemunho, entre outros, a viúva de Laurindo (a soprano canadense Didi Almeida), Clint Eastwood (Laurindo consta nos créditos de *Os Imperdoáveis*), Aurora Miranda, irmã de Carmen, e o saxofonista Bud Shank. O maestro Quincy Jones lembra que perdeu um Grammy para o brasileiro e, modesto, reconhece que a premiação foi justa. Sônia Braga fornece uma fita de VHS que documenta uma festinha com Laurindo, Rafael Rabello e Radamés Gnatalli.

Companhias ilustres para o rapaz que, em 1939, chegando ao Rio, te-

muito ilustre

ou cinco prêmios Grammy e embalou a trilha sonora
o de Almeida, um paulista
ara conhecer o sucesso

Por Cesar Garcia Lima

ve de dormir vários dias na praça Paris, perto da Cinelândia, enquanto esperava um teste para tocar na orquestra da rádio Mayrink Veiga, junto com Pixinguinha e João da Bahiana (foi lá que ele conheceu Carmen Miranda). Ainda bem que, depois de morar no banco da praça, Laurindo conseguiu um quarto na casa do pai das irmãs Batista.

Quase sessenta anos depois, ele mostrou que aprendera bem a lição de generosidade. Depois que o terremoto de 1994 em Los Angeles destruiu sua casa e o fez perder quase tudo, Laurindo doou mil itens que restavam em seu acervo para a California State University, em Northridge, onde o diretor do departamento de música é Ron Purcell, autor da única biografia do jazzista, conforme Dourado. Agora, Northridge quer retribuir a homenagem e pensa em criar uma bolsa de estudos para novos talentos que levará o nome do artista brasileiro.

Para quem não tem a menor chance de concorrer à bolsa, o melhor agora talvez seja garimpar um CD de Laurindo em alguma loja ou pedir com urgência sua discografia completa pela Internet. Ou, ainda quem sabe, mergulhar na aventura de adaptar para a tela a tumultuada vida amorosa do astro, com muito samba e bossa-nova embalando as cenas. ■

Laurindo: admirado por bambas como Quincy Jones e alvo secreto de atenções de Rita Hayworth

Reprodução

Passe suas férias e

Praia? Campo? Ou talvez uma viagem para o exterior? Nada disso. A melho
casa, esparramado no sofazão da sala. Para poupar o trabalho de ficar surfa
31 sucessos que vão passar em sua TV por assinatura. Agora é chamar os a

Abril/Fox

Coragem sob Fogo

Direção: Edward Zwick. Com Denzel Washington, Meg Ryan. 116 min.

Um militar americano é designado para investigar a carreira da capitã Karen Walden, que está prestes a ser agraciada com a medalha de honra – ela morreu durante a Guerra do Golfo, mas pode ter sido responsável pela morte de outros soldados. Porém, ele mesmo é atormentado por um outro acidente fatal durante o conflito.

FOX: Dia 17, às 21h; dia 28, às 23h.

Irmãos Gêmeos

Direção: Ivan Reitman. Com Arnold Schwarzenegger, Danny DeVito. 112 min.

Cientistas tentam criar um homem perfeito, mas acabam nascendo gêmeos. Um é forte e perfeito, mas o outro acaba virando um ladrão barato. O encontro dos dois resulta em uma tremenda confusão.

TELECINE 4: Dia 9, às 22h; dia 10, às 7h e às 14h.

Um Dia Especial

Direção: Michael Hoffman. Com George Clooney, Michelle Pfeiffer. 108 min.

Um jornalista e uma arquiteta se atrasam para levar seus respectivos filhos a uma excursão do colégio, e são obrigados a revezar na guarda deles enquanto resolvem seus próprios problemas. É claro que eles se apaixonam. Comédia romântica batida mas que funciona.

TELECINE 1: Dia 30, às 13h; dia 31, às 7h.

Beavis and Butt-head Detonam a América

Direção: Mike Judge. 81 min.

A dupla de adolescentes alienados da famosa série da MTV é forçada a sair de casa à procura de sua TV roubada. É o início de uma aventura hilariante que envolve o FBI e um homem que colocou a cabeça da esposa a prêmio.

TELECINE 1: Dia 18, às 23h; dia 19, às 13h.

Jovens Bruxas

Direção: Andrew Fleming. Com Robin Tunney, Neve Campbell, Fairuza Balk. 100 min.

Jovem faz amizade com três garotas. Elas se envolvem com bruxaria até que a situação sai do controle.

HBO: Dia 11, às 6h45; dia 21, às 2h45; dia 29, às 17h. **HBO2**: Dia 11, às 12h45; dia 22, às 8h45; dia 29, às 23h.

Os Irmãos Cara-de-Pau

Direção: John Landis. Com John Belushi, Dan Aykroyd, Carrie Fisher. 133 min.

Dois irmãos organizam uma banda para levantar uma grana e evitar que o orfanato no qual foram criados seja fechado. Para isso, eles protagonizam a maior destruição de carros da história do cinema. Participações de músicos do calibre de James Brown e Ray Charles.

TELECINE 4: Dia 10, às 19h40 e às 5h40; dia 11, às 13h.

Inimigo Íntimo

Direção: Alan J. Pakula. Com Harrison Ford, Brad Pitt. 107 min.

Frankie é um terrorista do IRA que precisa cumprir uma missão nos EUA. Sem revelar sua verdadeira identidade, ele acaba hospedado na casa do policial Tom O'Meara, colocando em risco sua família. Ação, suspense e uma ótima chance de ver Pitt com um irrepreensível sotaque irlandês.

HBO: Dia 14, às 10h30; dia 23, às 23h. **HBO2**: Dia 21, às 16h30; dia 23, às 5h.

Corra que a Polícia Vem Aí

Direção: David Zucker. Com Leslie Nielsen, Priscilla Presley. 83 min.

Policial tenta evitar que a rainha da Inglaterra seja assassinada. Besteirol de primeira com o hilariante Nielsen.

TELECINE 4: dia 20, às 6h40 e às 23h40; dia 21, às 15h10

em casa

maneira de curtir as férias é em
ndo pelos canais, selecionamos
migos, estourar a pipoca e aproveitar

Edward Mãos de Tesoura

Direção: Tim Burton. Com Johnny Depp, Winona Ryder, Dianne Wiest. 104 min.

Edward é um rapaz ingênuo, criado por um excêntrico inventor que morre antes de terminá-lo, deixando-o com mãos em formato de tesouras. Uma vendedora de cosméticos acaba levando-o para sua casa, mas a tentativa de adaptá-lo ao *american way of life* é um desastre. Um filme sensível e magistralmente bem realizado pelo diretor de *Batman*.

TELECINE 3: Dia 21, às 21h40 e às 6h10; dia 22, às 13h40.

Columbia TriStar

O Silêncio dos Inocentes

Direção: Jonathan Demme. Com Jodie Foster, Anthony Hopkins, Scott Glenn. 114 min.

Uma jovem agente do FBI é destacada para encontrar um psicopata que tira a pele de suas vítimas. Para entender como ele pensa, ela procura um outro assassino: Hannibal Lecter, encarcerado num presídio de segurança máxima. Vencedor de cinco Oscar.

CINEMAX: Dia 9, às 14h; dia 18, à 1h.

Clube das Desquitadas

Direção: Hugh Wilson. Com Diane Keaton, Goldie Hawn, Bette Midler. 102 min.

Quatro amigas juram amizade eterna, mas o pacto se rompe quando uma delas se mata após ter sido trocada pelo marido por outra mais jovem. As três resolvem declarar guerra aos homens.

TELECINE 1: Dia 9, às 16h30; dia 10, às 6h40.

Columbia TriStar

MIB – Homens de Preto

Direção: Barry Sonnenfeld. Com Tommy Lee Jones, Will Smith. 1997, 98 min.

O agente K pertence a uma organização secreta criada pelo governo para investigar as atividades alienígenas na Terra. Um policial se une a K para desvendar os mistérios de um possível ataque extraterrestre. O filme abusa de cenas bem-humoradas. Uma delas mostra alguns alienígenas que já se infiltraram na Terra: Bill Gates e Sylvester Stallone, entre outros.

HBO: Dia 30, às 20h30. **HBO2**: Dia 30, às 2h30.

Passe suas

férias em casa

O Quinto Elemento

Direção: Luc Besson. Com Bruce Willis, Gary Oldman, Milla Jovovich. 127 min.

No século 23, um motorista de táxi de Nova York se envolve com uma bela jovem, sem saber que ela é a única esperança da Terra contra uma terrível ameaça vinda de outra dimensão. Ele acaba sendo obrigado a protegê-la de um ambicioso vilão.

HBO: Dia 15, às 18h00; dia 19, às 20h30; dia 23, à 1h. **HBO2**: Dia 7, às 15h15; dia 12, às 11h; dia 15, à meia-noite; dia 19, às 2h30; dia 24, às 7h.

Abril/Fox

Romeu e Julieta

Direção: Baz Luhrmann. Com Leonardo DiCaprio, Claire Danes. 120 min.

Um visão moderna do clássico de Shakespeare sobre o amor proibido entre dois jovens de famílias rivais. O cenário muda da Itália medieval para uma tresloucada "Verona Beach" nos anos 90. Adaptação interessantíssima, apoiada na eficiente trilha sonora e na dupla Leonardo DiCaprio e Claire Danes.

TELECINE 1: Dia 13, às 15h e às 2h50; dia 28, às 21h.

Space Jam – O Jogo do Século

Direção: Jeremy Leven. Com Michael Jordan e a turma do Pernalonga. 87 min.

Alienígenas resolvem capturar Pernalonga e sua turma para seu parque de diversões. Para se safar, o coelho propõe um jogo de basquete contra um time de ETs. Só que o esperto Pernalonga chama ninguém menos do que Michael Jordan para reforçar a sua equipe e ganhar a liberdade. Partidaça!

HBO: Dia 8, à 1h30; dia 17, às 8h15; dia 27, às 14h30. **HBO2**: Dia 9, às 7h30; dia 17, às 14h15; dia 27, às 20h30.

O Exterminador do Futuro

Direção: James Cameron. Com Arnold Schwarzenegger, Linda Hamilton. 107 min.

No futuro, depois do holocausto nuclear, o homem trava uma guerra contra as máquinas que assumiram o poder. Por isso, um cyborg com características humanas é enviado do futuro para o presente com a missão de matar a futura mãe do líder da resistência humana.

Flashstar

CINEMAX: Dia 6, às 22h45; dia 17, às 7h.

Don Juan De Marco

Direção: Jeremy Leven. Com Johnny Depp, Marlon Brando. 95 min.

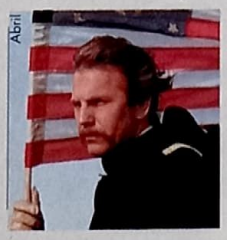
Um rapaz que alega ser o lendário Don Juan ameaça pular de um edifício – e é enviado a um manicômio para ser tratado pelo psiquiatra Jack Mickler. A riqueza de detalhes das histórias amorosas do jovem encanta o médico que muda seu modo de ver a vida.

HBO: Dia 6, às 10h30; dia 16 à 1h; dia 26, às 23h. **HBO2**: Dia 6, às 16h30; dia 17, às 7h; dia 26, às 5h.

Dança com Lobos

Direção: Kevin Costner. Com Costner, Graham Greene. 180 min.

Um oficial da Guerra Civil americana retira-se para um posto do exército afastado da civilização e inicia um relacionamento com os índios Sioux – o que muda radicalmente seus conceitos de vida. Belas imagens em um filme premiado com sete Oscar.



Abril

MGM: Dia 7, às 20h; dia 8, às 13h; dia 23, às 20h; dia 24, às 12h.

The Wonders – O Sonho não Acabou

Direção: Tom Hanks. Com Tom Everett Scott, Liv Tyler. 108 min.

A trajetória de um grupo musical que, da noite para o dia, emplaca uma música e chega ao topo das paradas. Mas logo surgem problemas entre os integrantes da banda e tudo desanda. Estréia competente do astro Tom Hanks como diretor.

TELECINE 1: Dia 10, às 16h40; dia 11, às 7h; dia 14, às 21h.

Rain Man

Direção: Barry Levinson. Com Dustin Hoffman e Tom Cruise. 134 min.

Jovem viaja até uma clínica para aproximar-se do irmão mais velho autista – mas sua intenção é garantir uma fatia da polpuda herança paterna. Mas a dupla acaba descobrindo afinidades que os unirão para sempre. Um *road movie* sentimental até a espinha, com boas doses de humor e um Dustin Hoffman esplêndido.

TELECINE 3: Dia 23, às 21h40 e às 5h; dia 24, às 12h30.

Uma Cilada para Roger Rabbit

Direção: Robert Zemeckis. Com Bob Hoskins, Christopher Lloyd. 127 min.

Um detetive é contratado para ajudar o histérico coelho e astro do cinema Roger Rabbit, acusado de matar seu patrão. A dupla então descobre uma trama digna dos melhores filmes *noir*. Uma fantástica mistura de atores com animação em ritmo alucinante.

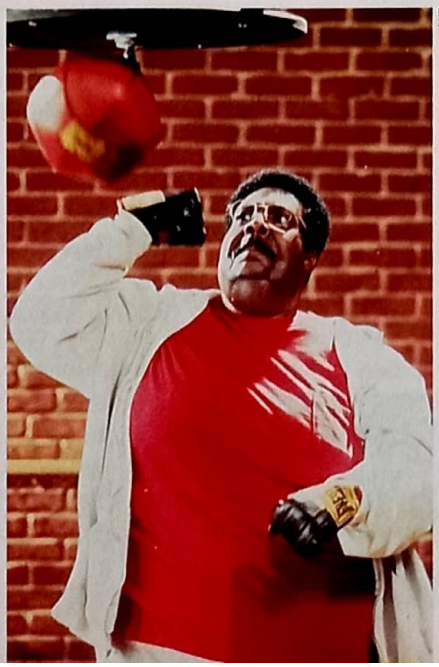
HBO: Dia 13, às 11h15; dia 19, às 5h15; dia 28, às 14h30. **HBO2**: Dia 13, às 17h15; dia 20, às 11h15; dia 28, às 22h30.

O Professor Aloprado

Direção: Tom Shadyac. Com Eddie Murphy, Jada Pinkett. 95 min.

Um professor gordo e bonachão se apaixona por uma colega. Para conquistá-la, ele resolve testar em si mesmo uma fórmula que o transforma em um irresistível conquistador. Refilmagem do clássico de Jerry Lewis tão divertida quanto o original.

TELECINE 1: Dia 22, às 22h50; dia 23, às 10h50.



UIP

Os Intocáveis

Direção: Brian De Palma. Com Kevin Costner, Sean Connery, Robert De Niro. 119 min.

Na Chicago dos anos 30, o jovem agente do FBI Eliott Ness tenta acabar com o reinado do gângster Al Capone. Ness acaba tendo como principal aliado o sargento Malone, que conhece a lei das ruas como ninguém. Robert De Niro surpreende no papel de Capone.

TELECINE 2: Dia 23, às 21h20; dia 24, às 7h40.

Esqueceram de Mim

Direção: Chris Columbus. Com Macaulay Culkin, Joe Pesci, Daniel Stern. 102 min.

Uma numerosa família americana resolve viajar de férias e, na confusão do embarque, deixa o pestinha Kevin para trás. Sozinho em casa, ele primeiro curte a liberdade, mas logo se vê às voltas com assaltantes que querem entrar na casa de qualquer jeito.

TELECINE 4: Dia 23, às 22h e às 6h; dia 24, às 13h20.

Missão Impossível

Direção: Brian De Palma. Com Tom Cruise, Jon Voight, Jean Reno. 110 min.

Durante uma missão em Praga, um grupo especial de agentes secretos cai numa cilada mortal. O líder da equipe, Ethan Hunt, sobrevive e é acusado de traição, sendo obrigado a fugir para limpar seu nome. Se você é fã de ação ao estilo James Bond, não vai ficar decepcionado.

TELECINE 1: Dia 25, às 16h20 e às 4h20; dia 30, às 23h; dia 31, às 11h.

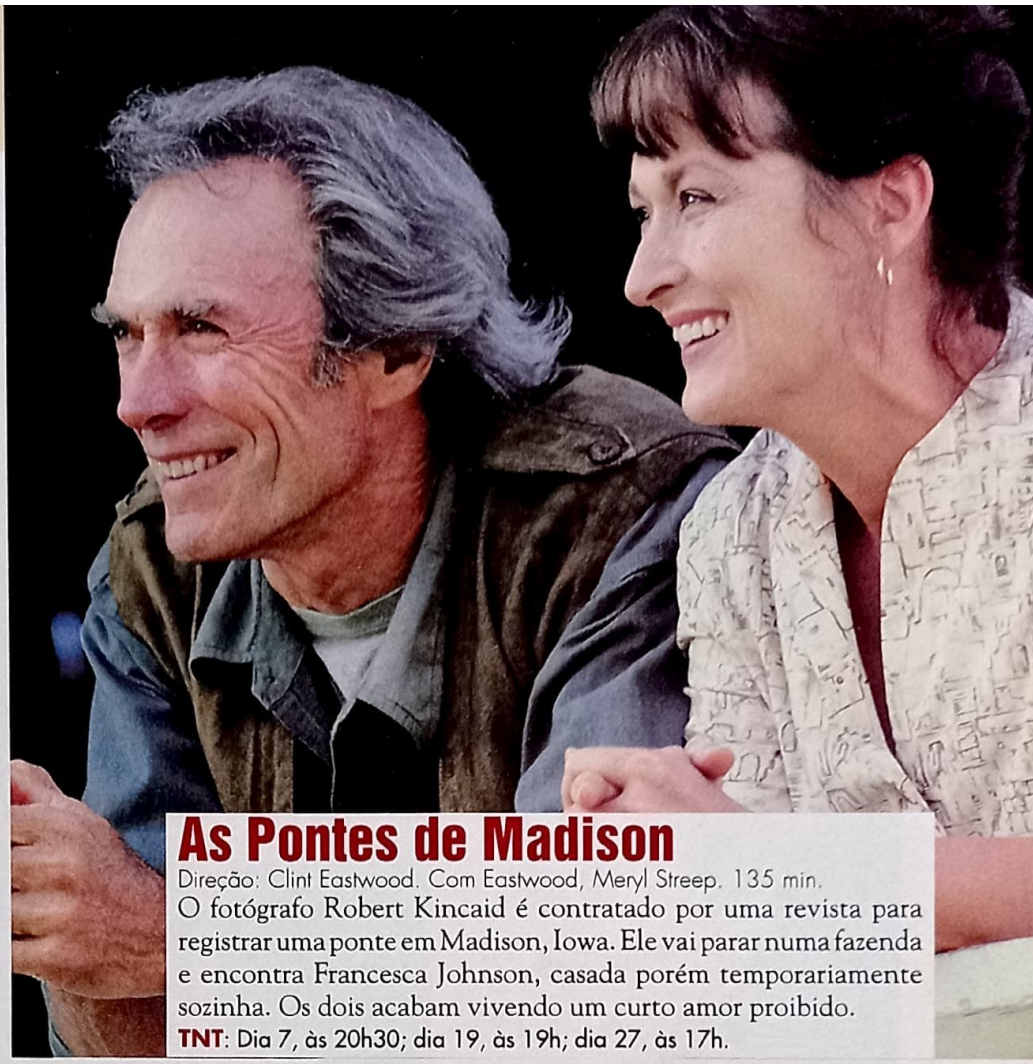
Jornada nas Estrelas: Primeiro Contato

Direção: Jonathan Frakes. Com Frakes, Patrick Stewart, Brent Spinner. 111 min.

A tripulação da nave Enterprise enfrenta andróides programados para destruir a raça humana – e é obrigada a voltar no tempo para impedir o fim da humanidade. O filme é considerado a melhor adaptação da cultuada série da TV para o cinema.

TELECINE 1: Dia 25, às 23h; dia 26, às 12h40.

Warner



As Pontes de Madison

Direção: Clint Eastwood. Com Eastwood, Meryl Streep. 135 min.

O fotógrafo Robert Kincaid é contratado por uma revista para registrar uma ponte em Madison, Iowa. Ele vai parar numa fazenda e encontra Francesca Johnson, casada porém temporariamente sozinha. Os dois acabam vivendo um curto amor proibido.

TNT: Dia 7, às 20h30; dia 19, às 19h; dia 27, às 17h.

Conan – O Bárbaro

Direção: John Milius. Com Arnold Schwarzenegger, James Earl Jones. 129 min.

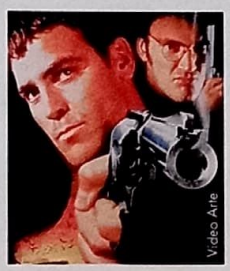
Quando criança, Conan vê os pais sendo assassinados na sua frente por cavaleiros liderados pelo mago Thulsa Doom. Depois de anos como escravo e gladiador, ele tem sua chance de vingança. Baseado nos quadrinhos de Robert E. Howard, o filme catapultou Schwarzenegger para o estrelato.

TELECINE 2: Dia 30, às 19h10 e às 4h50; dia 31, às 12h10.

Um Drink no Inferno

Direção: Robert Rodriguez. Com George Clooney, Quentin Tarantino, Harvey Keitel. 108 min.

Dois irmãos ladrões e assassinos seqüestram um pastor e seus filhos adolescentes para fugir da perseguição policial e cruzar a fronteira com o México. Eles param num bar de estrada freqüentado por motoqueiros mal-encarados – na verdade, um reduto de vampiros.



Video Arte

CINEMAX: Dia 13, às 2h15; dia 21, à 0h15

Aliens – O Resgate

Direção: James Cameron. Com Sigourney Weaver, Michael Biehn, Bill Paxton. 137 min.

Depois de um sono criogênico de cinco décadas, a tenente Ripley tem de acompanhar um grupo de soldados até o planeta onde foi encontrado o alienígena que dizimou seus companheiros da nave Nostromo. O clima claustrofóbico do primeiro filme dá lugar à espetacular ação comandada pelo diretor de *Titanic*.

TELECINE 2: Dia 15, às 23h20; dia 16, às 8h.

Duro de Matar

Direção: John Mc Tiernan. Com Bruce Willis, Alan Rickman, Bonnie Bedelia. 132 min.

O detetive de Nova York John McClane viaja a Los Angeles para visitar a ex-esposa na época do Natal, mas encontra o edifício onde ela trabalha tomado por terroristas. McClane resolve então estragar os planos dos bandidos. Filme marcado por cenas espetaculares e pela fidelidade ao título, que definiu o cinema de ação da década de 90.

TELECINE 2: Dia 23, às 19h e às 5h20; dia 24, às 15h10.

brigitte bardot
La Pouncho
Port des Pecheurs
SANS
ISSUE
omito

desnudo

Mesmo afastada das telas há mais de duas décadas, a atriz que se tornou sinônimo de sensualidade continua causando polêmica na defesa dos direitos dos animais. Mas é seu legado nas telas que nos faz lembrar por que Deus criou a mulher

Por Suzana Uchôa Itiberê

Quando seus pais a impediram de ver o namorado R ameaçou se matar e enfiou a cabeça no forno. A ch

Em 1973, quando Brigitte Bardot anunciou que abandonava o cinema após vinte anos de carreira, seus compatriotas franceses ficaram inconsoláveis. Muitos custaram a acreditar que a estrela, então com 39 anos, falava sério. Na tentativa de dissuadi-la da decisão, os fãs convocaram cerca de sessenta renomados diretores para dizer o que fariam se tivessem a oportunidade de trabalhar com Brigitte. Hitchcock respondeu que a escalaria como uma princesa: considerava-a naturalmente aristocrática. Antonioni imaginou-a como um personagem da Renascença, um ser de feições sublimes e ar comovente. Renoir visualizou-a como uma das pinturas de seu pai. Já Vittorio de Sica afirmou que ela poderia interpretar qualquer tipo de mulher, enquanto Preminger acrescentou que o personagem tinha de estar apaixonado. Fellini foi mais radical. Disse que, se Bardot não existisse, teria de ser inventada. "Sua maior qualidade é a expressão facial", elogiou o diretor italiano. "Ela poderia fazer dez papéis em um mesmo filme."

Ao longe, o cineasta Roger Vadin observava aquela rasgação de seda tomado pelo ceticismo. Era o único que parecia entender a aposentadoria precoce da atriz como inevitável. "Não vejo como pode ir adiante se não quer mudar", comentou. "Brigitte não deve continuar interpretando a mesma pessoa, porque chega um momento em que isso não funciona mais. Espero, para o bem dela, que não faça mais filmes." Vadin não estava apenas sendo lúcido. Falava com a sabedoria de ex-marido e grande responsável por lançá-la ao estrelato. Bardot, por sua vez, considerava obsceno um símbolo sexual fazer o papel de mãe ou de avó. Ao ter consciência de que sua forma física começava a sentir os efeitos da idade, bateu em retirada. Queria eternizar-se como o poço de sensualidade, beleza e ousadia que sacudiu o mundo nos anos 50 e 60. No mais, ela própria nunca planejou desenvolver uma carreira ou enriquecer como atriz – mesmo porque era adepta do naturalismo. Nas telas, Brigitte sempre foi Brigitte. Bem disse Vadin: "Bardot não atua, ela existe".

Seria incorreto, no entanto, justificar a atitude simplesmente como uma saída estratégica. Na verdade, Brigitte queria se libertar de uma profissão cujos frutos não lhe foram os mais férteis. Nunca conviveu bem com a fama. "Fazer filmes é um trabalho imbecil, já mostrei minha cara o suficiente", disparou. Não foi ela, inclusive, que sonhava ser atriz. No início, serviu como mero instrumento de um marido ambicioso e calculista que soube tirar proveito da fêmea que tinha nas mãos. Amada por uns, odiada por outros, Brigitte lançou moda, influenciou comportamentos, foi imitada e criticada. Arrojada, escandalizou a sociedade com suas famosas cenas de nudez.

A fama ela conquistou muito mais pela presença fora das telas do que por seus filmes. Fazia pouco-caso do próprio talento. "Já fez algum curso de arte dramática?", perguntaram-lhe em 1956. "Nunca", respondeu. E completou: "Percebe-se, não?". Embora tenha trabalhado sob a batuta de diretores como Jean-Luc Goddard, Louis Malle e Henri-Georges Clouzot, nunca foi considerada uma grande atriz. E não estava nem aí.

APARELHO NOS DENTES É certo, porém, que, fosse pelo cinema ou não, Brigitte acabaria se destacando de alguma forma. Para quem acredita em misticismo, pode-se dizer que estava escrito nas estrelas. Segundo a astrologia, essa libriana nascida em 28 de setembro de 1934 tinha o glamour em seu destino. "Ela almeja a fama, ao mesmo tempo em que teme o sucesso", alertou um astrólogo. Se dependesse do desejo de seus pais, no entanto, o máximo que alcançaria seria o posto de respeitada dona de casa. Filha do industrial e poeta nas horas vagas Louis Bardot, e da ex-dançarina Anne-Marie, ela veio ao mundo em berço esplêndido, mais precisamente em um luxuoso apartamento de cuja janela se avistava a Torre Eiffel. Com a irmã mais nova, Marie-Jeanne, estudou em colégios de elite. Testemunhou a invasão de seu país pelos alemães, mas a única lembrança da guerra foi a partida repentina de sua babá inglesa.

Sipa Press

o mito de

ger Vadin, Brigitte antagem funcionou

Provavelmente por estímulo da mãe, dedicava boa parte do tempo ao balé, e pouquíssimo aos estudos: era péssima aluna. Também não foi uma menina bonita. O par de óculos que lhe corrigia o astigmatismo e o aparelho nos dentes escondiam o rosto que um dia estamparia a capa de milhares de revistas. Mas logo a adolescência encarregou-se de revelar seus atributos: os olhos de gato, os lábios carnudos e o olhar de moleca caíram feito uma luva no corpo bem esculpido, de cintura finíssima e seios fartos. Os cabelos longos e levemente despenteados davam-lhe um ar extremamente sexy. Como se fosse uma espécie de "curso espera marido", a mãe introduziu-a no mundo da moda e, rapidamente, a carreira de modelo deslanchou.

Criada sob os ideais puritanos típicos dos burgueses da época, Brigitte deveria seguir a tradição da família e casar-se com um homem do mesmo nível, ter filhos e ser uma boa mãe. Seguindo uma tendência que a marcaria por toda a vida, Bardot sempre fez questão de fazer o contrário do que lhe era esperado: tinha uma personalidade naturalmente contestadora.

TAPA NA CARA Ciente de que a filha de quinze anos começava a botar as manguinhas de fora, Louis ficou de olho nos passos de Brigitte. Quando ela apresentou à família o jovem assistente de direção Roger Vadin, seu pai chamou-o ao escritório. "Se você tocar nela não hesitarei em usar isto", ameaçou apontando para a pistola em sua gaveta. Impedida de ver o namorado, enfiou a cabeça no forno e disse que iria se matar. Convenceu. ➔

Gamma

snudo

A estrela causou polêmica quando disse, grávida, q vontade de ser mãe: "Sinto o bebê crescer

De certa forma, quem a arrastou para o mundo das artes foi a própria mãe, já que Vadin encantou-se pela primeira vez com Bardot ao vê-la na capa da revista *Elle*. Na época, ele ajudava o cineasta Marc Allegret a escalar jovens para participar de um filme sobre a juventude do Pós-Guerra. Brigitte não ganhou o papel, mas fisgou o coração daquele francês descendente de russos. O casal morava em um quarto-sala e enfrentou um início de vida a dois com o dinheiro curto. Infelizes com a escolha da filha, parece que os pais deixaram-na por conta própria.

Completamente apaixonada, ela entregou-se às vontades de Vadin, que se mostrava decidido a usá-la para fazer nome como um dos pioneiros de um movimento cinematográfico conhecido como a *nouvelle vague*. Mandou-a tomar aulas de interpretação e apresentou-a a vários diretores. Em 1952, Bardot estreou na comédia *Le Trou Normand*. No ano seguinte, causou um alvoroço ao desembarcar em Cannes, onde fez a festa dos fotógrafos, que clicaram fascinados a novidade francesa.

Quatro anos e dezesseis filmes depois, Vadin considerou-a pronta para ser a estrela de seu primeiro e bombástico longa, *E Deus Criou a Mulher*. Fizeram uma revolução. Ela hipnotizou o público ao dançar calipso sobre a mesa de um bar da Côte d'Azur, recebendo um tapa na cara de Jean-Louis Trintignant, encenando uma submissão momentânea que não convencia ninguém. BB, uma criação do cineasta, trazia para a tela um novo registro de sensualidade e erotismo – a independência feminina pela irresponsabilidade, pelo não-compromisso, pela correspondência entre desejo e sua satisfação. Uma imagem tão forte e perturbadora que nem precisava da nudez para que todos se lembrassem dela sempre nua.

As ligas de decência condenaram, o Vaticano ameaçou excomunhão, os homens adoraram publicamente e as mulheres, secretamente, invejaram. Brigitte não era apenas uma revolução estética e erótica, na medida em que inaugurava no cinema um novo corpo e uma nova franqueza, mas também um indício seguro de que alguma coisa estava mudando no comportamento e nas relações humanas. BB era a garota que todo burguês casado sonhava encontrar pedindo carona no caminho do escritório. Seu penteado, suas roupas, sua voz e seus trejeitos foram descaradamente imitados. Seu nome, ou melhor, suas iniciais, transformaram-se em sinônimo de ingenuidade infantil – e também de escândalo e permissividade.

Reina

UM MILHÃO DE AMANTES

Infelizmente para Vadin, Brigitte saiu melhor do que a encomenda. Ela sempre se queixou da falta de atenção do marido e de ser exibida como um produto de luxo. Tudo o que queria era ser amada – e, se não fosse por ele, seria por outro. "Acho que criei um monstro", Vadin comentou. "Do momento em que lhe mostrei como confiar em si mesma e acreditar no poder de sua beleza, nosso casamento foi por água abaixo." Para Bardot, porém, BB sempre existiu, coube a Vadin somente ajudá-la a libertá-la.

Brigitte trocou-o por Jean-Louis Trintignant em plena filmagem. O fim do romance com Vadin marcou o início de uma vida pontuada pela promiscuidade. Para a alegria da imprensa sensacionalista, a estrela trocava de namorado como quem trocava de roupa. Os homens definitivamente predominaram em sua biografia. Ela tinha queda por morenos e pelos mais jovens. "Os moços bonitos me apaixonam, vão apaixonar-me até os oitenta anos, se viver até lá", provocava. "Gosto de vê-los ao sol, exibindo seus lindos corpos." Dizia buscar o amor e pregava a fidelidade, embora ela mesma admitisse que muitos de seus casos são fugazes porque morria de medo de ser abandonada. "Em amor, existe apenas uma vitória: a fuga."

Trintignant já era passado quando a estrela deixou-se seduzir pela voz rouca e pelo violão nostálgico de Sacha Distel. Mas bastou botar os olhos no ator Jacques Charrier para ver que seu parceiro em *Babette Vai à Guerra* era interessante demais para deixar passar. Brigitte engravidou, partiu para o segundo casamento e causou polêmica: "A verdade é que nunca tive vontade de ser mãe". O público não gostou nada de sua indiferença à maternidade e Bardot teve

o mito de

e nunca teve
do como um tumor"

uma acentuada queda de popularidade na época. Quando Nicolas nasceu, recusou-se a amamentá-lo no peito. O filho também não ajudou em nada seu equivocado casamento.

Extremamente ciumento e depressivo, Charrier chegou ao ponto de se recusar a prestar o serviço militar para não ficar longe da esposa. Bardot não agüentou a pressão, e largou o marido e o filho de dois anos para embarcar em mais uma paixão: o ator Samy Frey. Mas ela não saiu ilesa dessa má fase, acentuada pela marcação cerrada da mídia. Na véspera de completar 26 anos, ingeriu uma dose excessiva de sedativos e cortou os pulsos, e foi salva por muito pouco.

Sua relação com o filho foi praticamente inexistente. Nas raras visitas que ele lhe fazia, os dois passavam a maior parte do tempo jogando cartas. "Nicolas também gostava de experimentar minhas roupas", lembra. "Graças a Deus que vive com o pai, pois uma mulher poderia torná-lo homossexual." No futuro, os dois se encontrariam nos tribunais, quando o filho processou a mãe por escrever em sua autobiografia que sentia o nenê "crescendo como um tumor".

Parceiro de Brigitte em um de seus melhores trabalhos, *A Verdade*, de Henri-Georges Clouzot, Sami Frey durou pouco no coração da atriz. Era a vez do playboy marroquino Bob Zaguri, que morou algum tempo no Rio de Janeiro e a quem Bardot diz dever, entre outras coisas, os dias de felicidade passados em Búzios. Foi Zaguri que a estimulou a se arriscar como cantora. Gravou algumas canções, inclusive de bossa-nova, mas parou ➔

Stills

snudo

Apesar de não ter o talento reconhecido, Brigitte fazia sets: chegava às dez da manhã, enquanto o resto d

antes de passar vergonha. Quando o milionário alemão Gunther Sachs começou a galanteá-la diariamente com gentilezas e flores, finalmente acreditou que encontrara a cara-metade. Seu terceiro casamento, porém, também fracassaria – anos depois, ela descobriu que o romance fora parte de uma aposta de Sachs. Seria enfadonho listar o nome dos outros inúmeros casos relâmpagos da atriz, já que poucos são conhecidos. Mas vale lembrar que até o astro Warren Beatty, famoso por suas inúmeras conquistas amorosas, faz parte do rol de amantes.

LIFTING E CREME HIDRATANTE

Seu flerte com Hollywood, por sinal, deu-se praticamente apenas no nível amoroso. Embora os americanos façam até hoje um estardalhaço acerca da atriz – recentemente a *Playboy* a elegeu a quarta mulher mais sexy do planeta –, poucos pagavam o ingresso para vê-la atuar. O filme mais hollywoodiano que fez foi o western *Shalako*, em que atuou ao lado de Sean Connery. "Não me agrada trabalhar com atores e diretores estrangeiros, cujo idioma desconheço", justificava. "Sou muito preguiçosa e prefiro não me esforçar."

Ela cita a preguiça, também, para explicar a má escolha de alguns trabalhos: "Para mim, filmar era diversão". Não dava a mínima bola para a qualidade do roteiro e revela que muitos atores de prestígio recusaram-se a atuar a seu lado por medo de serem "apagados". Mas quando as críticas vinham, ela recuava. "É duro receber críticas desfavoráveis depois de ter dado o melhor de mim", reclamava. "Disseram que eu atuava mal, mas hoje sei que havia gente pior." Talentosa ou não, Brigitte era uma estrela e como tal se comportava. Seu contrato estipulava que podia chegar aos sets às dez horas da manhã, enquanto o resto da equipe madrugava. A esperta Jeanne Moreau, que trabalhou com ela em *Viva Maria*, pediu para que Bardot não deixasse de avisar quando fosse chegar mais tarde para o trabalho. "Assim também podia dormir mais", brincava.

Embora famosíssima, Brigitte nunca viveu rodeada de amigos. Sempre foi muito desconfiada e culpava a fama pela falta de amizades verdadeiras. Aos poucos, foi se decepcionando com tudo ao seu redor, até declarar que sentia nojo da humanidade. Dizia querer viver sem barulho e no anonimato. "O mito Brigitte Bardot? Sento em cima dele!", disparava. "Nunca dei importância à celebridade, tanto assim que não possuo nenhum dos sinais exteriores que caracterizam a riqueza." Belas palavras, apesar de não serem verdadeiras. Embora prefira o conforto ao luxo, ela é proprietária de uma casa em Bazoches, nos arredores de Paris, outra em Saint-Tropez e de um apartamento na capital francesa. A famosa La Madrague, também na Côte d'Azur, foi doada à Fundação Brigitte Bardot de defesa aos animais.

Após o fracasso de *Se Don Juan Fosse Mulher*, que rodou sob a direção de Roger Vadin em 1973, ela seguiu a máxima do desaparecer antes de ser rejeitada e decidiu mudar de vida de uma vez por todas: "Posso ficar sem a companhia humana porque sou uma selvagem convicta depois de ter sido oferecida como comida ao público por tantos anos". Dali em diante, segundo ela, seu amor seria dedicado aos bichos. Tornou-se líder da campanha contra a matança dos filhotes de focas, organizou manifestações contra o abate de cavalos e protestou até contra a Farra do Boi, tradicional festa de Santa Catarina. Incansável em sua batalha, leiloou suas jóias e pertences famosos (como o vestido de casamento com Vadin) em benefício da fundação. Chegou a ir falar com o papa João Paulo II para oferecer dinheiro em prol dos animais em extinção na África, mas o pontífice desconcertou-a ao ponderar que a soma seria melhor aplicada para salvar os humanos que ali agonizam de fome.

Como não poderia deixar de ser, continuou se metendo em polêmicas e foi até processada por racismo ao escrever no jornal *Le Figaro* um artigo condenando o sacrifício de animais em rituais religiosos "praticados por estrangeiros que invadem a França, principalmente muçulma-

Sip Press

o mito de

o que queria nos a equipe madrugava

nos". Sobraram farpas até para Sophia Loren, quando a atriz italiana participou de uma promoção de casacos de pele. "Sophia aceitou dinheiro sangrento, é repugnante", acusou. Embora a escolha pelo isolamento tenha sido consciente, Brigitte nunca suportou bem a solidão e acabou novamente tentando o suicídio com barbitúricos pouco antes de completar cinqüenta anos. Salva pelo gongo, retomou a esperança ao casar-se com o empresário Bernard D'Ornale, sete anos mais jovem e membro da Frente Nacional – partido francês de direita. Hoje, aos 64 anos, Bardot parece estar vivendo um momento de equilíbrio. Não envelheceu tão bem quanto a rival Sophia Loren: "Não tenho tantas rugas porque não faço *lifting* nem uso toneladas de creme hidratante".

A glória sempre foi um manto pesado demais para ela carregar, mas até que agüentou bem. Afinal, foram vinte anos de carreira e uma filmografia de cinqüenta títulos – alguns bons, outros ruins. Brigitte entrou para o negócio sem querer, e nunca escondeu que jamais foi apaixonada pela profissão. "Tudo o que fiz nessa época pode desaparecer que eu não ligo", confessa. "Posso dizer hoje que só fiz cinema para ter força suficiente para defender os animais." Garante que descobriu sua verdadeira missão e solta aos altos brados que apagou as iniciais BB de sua memória. Mas, ao jornal *Libération*, confessou timidamente que ao rever seus filmes sentiu "uma estranha melancolia". ■

Stills

snudo

a vez da

O cinema nacional deixa os dramas emocionantes de lado e abre espaço para uma trinca de filmes criados para desenhar um largo sorriso no rosto da platéia

Columbia TriStar

Renato Aragão e Ivete Sangallo: trapalhadas como antigamente na nova aventura do divertido Didi

a criançada

Simão
O Fantasma Trapalhão

Do final dos anos 70 até o comecinho desta década, cinema infantil nacional era sinônimo de *Os Trapalhões*. O quarteto formado por Renato Aragão, Dedé Santana, Mussum e Zacarias arrastava multidões aos cinemas impulsionadas por um programa de televisão na maior rede de TV do país. O tempo passou, o programa acabou e todos se perguntaram se a fórmula ainda tinha fôlego na telona.

A resposta veio no final de 1997 com o lançamento de *O Noviço Rebelde*, com Renato Aragão à frente do elenco: um milhão e meio de espectadores, a maior bilheteria da retomada do cinema brasileiro, o que provou que o humor infantil está longe de definhar. E Renato – ou melhor, Didi – está de volta para o segundo *round*, batizado *Simão, o Fantasma Trapalhão*. "De agora em diante vai ser um filme por ano", avisa o comediante. "Ou até dois, depende só do tempo e da energia."

O tempo parece ser o único problema, já que energia ele tem de sobra: o novo filme chega às telas poucos meses depois de Renato estrear um programa novo na TV, e de sua maratona anual do Criança Esperança, em benefício de menores carentes. Mas ainda não é o ritmo de produção que ele – e *Os Trapalhões* – se habituou na década passada: férias escolares eram sinônimo de filme novo da trupe, e uma multidão de baixinhos já se preparava para arrastar os pais ao cinema.

Se os tempos mudaram, a fórmula continua a mesma. Em *Simão*, Renato usou o célebre Oscar Wilde e seu *O Fantasma de Canterville* como fonte de inspiração para contar a história de um mordomo que, além de ser babá de uma turma de crianças, tenta desvendar o mistério da tal aparição. O resto são as piadas nos lugares certos, o elenco que mistura celebridades da TV e da música – como os estreantes Luciano Szafir e Ivete Sangallo – e um final feliz.

O filme, por sinal, é um trabalho em família: quem dirige é Paulo Aragão Neto, filho de Renato, que aprendeu a fazer cinema em uma universidade carioca e acompanhando o trabalho do pai. "Ele entende muito mais esse trabalho do que eu", diz o comediante, cheio de modéstia. "É bem mais fácil trabalhar em família." Na verdade, não foram os filmes de *Os Trapalhões* que fizeram Paulo definir seu futuro, e sim um osso transformado em nave espacial: "*2001* do Kubrick me marcou muito. Quando vi o filme, fiquei uma semana sem dormir".

Com *Simão*, Renato espera repetir o sucesso de *O Noviço Rebelde* – o que não deve ser tarefa muito difícil. Afinal, ele sabe como ninguém do que seu público gosta, e não são os dramalhões açucarados, histórias muito complicadas, pirotecnia sem sentido ou finais tristes: "Não faço filmes para mim e nem para a crítica – faço para o público". E esse público, agradecido, continua lotando os cinemas em busca de uma nostalgia que teima em desaparecer. No caso da criançada que cresceu sem a presença constante de Didi e sua turma na telinha, o motivo deve ser mesmo a gargalhada fácil e honesta.

(Brasil, 1998) Direção: Paulo Aragão Neto. Com Renato Aragão, Dedé Santana, Roberto Guilherme, Luciano Szafir, Cláudio Correa e Castro, Heloísa Mafalda, Fernanda Rodrigues, Marcelo Augusto, Dirce Migliaccio, Ivete Sangallo.

a vez da criançada O craque Zico chega à telona, mas avisa que seu r

Zoando na TV

Já se foi o tempo em que a Rainha dos Baixinhos no cinema era a apresentadora Xuxa. Pois com este *Zoando na TV*, a loiríssima Angélica pretende tomar a posição para si. O filme, produzido pela própria apresentadora em parceria com a Globo Filmes, entra nas telinhas nacionais na tentativa de reviver uma tradição de produções infantis que se perdeu na década de 90.

Angélica não é novata na telona – ela participou de filmes como *Os Heróis Trapalhões* e *Uma Escola Atrapalhada* –, mas *Zoando na TV* é a sua primeira experiência como protagonista. A apresentadora usa a mesma fórmula que Renato Aragão e sua trupe popularizaram nos anos 80: uma história simples, muita música e a participação de carinhas conhecidas da televisão.

Em *Zoando na TV*, Angélica é Angel (um nome bastante original), a gerente de uma loja de vestidos de noiva que é apaixonada por Ulisses, um professor de academia de ginástica (Márcio Garcia, que foi namorado de Angélica por um breve momento do lado de cá da tela). Após um ano de juras de amor, na mesma noite em que Angel pensava que seu futuro seria definido ao lado de Ulisses, ele é hipnotizado por uma *femme fatale* televisiva: Lana Love (Daniele Winitts). Então, o impossível acontece: o professor é arrastado para dentro da TV, e Angel parte para o resgate.

No mundo da televisão, a dupla encontra tipos bizarríssimos – e bastante parecidos com as caras que aparecem na nossa TV –, como o apresentador e rei da baixaria Bolão (Bussunda, do grupo *Casseta & Planeta*), lutas de vale-tudo, gângsteres, uma série nipônica e até um desenho animado da Turma da Mônica.

É claro que *Zoando na TV* não pretende passar nenhuma mensagem ou críticas à telinha, já que o papo aqui é divertir. Mas não deixa de ser irônico colocar a conturbada programação de uma rede de televisão entre Angélica e o amor da sua vida. Nesse caso, o que imita o quê?

(Brasil, 1998) **Direção**: *José Alvarenga Jr.* **Com** *Angélica, Márcio Garcia, Daniele Winitts, Miguel Falabella, Nicete Bruno, Maria Padilha, Bussunda, Paloma Duarte, Oscar Magrini.*

Surpresa na telona: Angélica estréia como protagonista ao lado de Márcio Garcia e Daniele Winitts (*no destaque*)

gócio é a bola, e não uma carreira em celulóide: "Não quero ser ator"

Alegria do craque: Zico volta para Quintino e encontra Paulo Gorgulho e Laura Cardoso

Fotos: Columbia TriStar

Uma Aventura do Zico

O futebol brasileiro andava meio caidaço no final da década de 70. Tudo bem, a Copa do Mundo era nossa, nas já fazia um tempinho desde que craques como Pelé deixaram o país para popularizar o esporte em outros países. Mas surgiu em Quintino, Rio de Janeiro, um moleque disposto a escrever novas páginas na história do nosso futebol: Arthur Antunes de Coimbra, o Zico.

Quase duas décadas depois, Zico confirmou sua vocação para craque e também ampliou seus horizontes – passou de atleta consagrado a empresário respeitado sem nunca perder de vista a paixão à qual dedicou toda a sua vida: o futebol. E não é que, justamente por causa do futebol, ele foi parar na tela do cinema? "A idéia não foi minha", conta Zico, em uma suíte de um luxuoso hotel paulista. "Isso é coisa do produtor Luiz Carlos Barreto, que também adora futebol e me convenceu a embarcar nessa."

O "nessa" a que ele se refere é o filme *Uma Aventura do Zico*, no qual o craque interpreta a si mesmo. "Quando o Barreto e o diretor Antônio Carlos da Fontoura me contaram a idéia", lembra, "confesso que não fiquei interessado." O motivo era o roteiro inicial do filme, que mostrava um professor de futebol que tinha seu talento roubado por cientistas alemães: "Achei a história muito parecida com a do filme do Michael Jordan, *Space Jam*".

Uma semana depois, Fontoura mostrou um novo roteiro ao jogador, com uma história ainda mais mirabolante: Zico organiza um concurso para escolher uma equipe de garotos para estudar em sua escola de futebol. Um menino rico fica de fora, e pede a seu pai para que ele encomende um clone (!) do jogador. A experiência dá certo, com apenas um revés: o Zico original se torna um treinador durão, para quem o futebol não passa de um amontoado de estratégias. Já o clone, batizado "Zicópia", fica com a parte alegre e brincalhona do craque.

Quase todos os garotos que aparecem no filme são mesmo alunos da escolinha de futebol do Zico, o que ajudou no entrosamento do craque com a equipe. "Trabalhar com as crianças foi um barato", admite o craque.

Para encarar o trabalho, Zico se dedicou apenas às filmagens durante quase três meses, dando um tempo em sua apertadíssima agenda. Ele garante que essa foi uma experiência única. Literalmente. "Não sou ator", diz, enfático. "Só entrei nessa porque acho que *Uma Aventura do Zico* passa uma mensagem legal para a criançada. Mas não quero passar por isso de novo nunca mais em minha vida." Quer dizer que nunca veremos *Uma Aventura de Zico 2*? "Aí a gente tem de esperar os resultados do filme e ver."

(Brasil, 1998) **Direção**: *Antônio Carlos da Fontoura.* **Com** *Zico, Jonas Bloch, Iris Bustamante, Thierry Figueira, Eri Johnson, Betty Erthal, Carla Gomes, Felipe Barreto Adão, Dado Oliveira, Rodolpho Fukamati, Gabriel Gabriel.*

QUAL A DIFERENÇA ENTRE DTV E HDTV?

Por trás dessas siglas que tem se tornado cada vez mais populares está o conceito da televisão de um futuro não muito distante

Poucos podem se gabar de ter cinema em casa. Só os que possuem home theater, na verdade, desfrutam esse privilégio. Neste ano, no entanto, podemos começar a ter, no Brasil, televisão com qualidade digna das salas de projeção. Isso mesmo. O aparelho que há mais de meio século ocupa tanto lugar nas nossas casas quanto um sofá ou uma geladeira está passando por uma revolução. Ela tem nome – dois, aliás: DTV e HDTV. A primeira é sigla, em inglês, para "televisão digital". A idéia, que já está em prática em alguns países da Europa, no Japão e nos Estados Unidos, é dar adeus para o tubo catódico – a parte da televisão que recebe os sinais elétricos modulados por uma onda de rádio, e que transforma essa informação analógica em imagens. Esse tipo de transmissão, um processo bastante complicado, explica muitas vezes os chuviscos ou fantasmas que aparecem na tela da televisão. Com a DTV isso vai virar coisa do passado, porque a transmissão digital lida com bits. O som e as imagens vão transitar não mais como ondas de radiofreqüência, suscetíveis às intempéries da atmosfera, mas como seqüências numéricas – o mesmo sistema, por exemplo, usado pelos computadores. Em comparação com o sistema analógico, só existem vantagens. A capacidade de transportar informações torna-se seis vezes maior. E a decodificação, para quem recebe os sinais, também fica mais simples e menos sujeita a interferências. Outro benefício incrível é que, com essas transmissões de qualidade, será possível realizar um sonho que há mais de uma década agita os visionários das comunicações – e aí entramos na outra sigla alí de trás, a HDTV, que em inglês representa "televisão de alta definição". A inspiração para essa TV mais que perfeita foi, sem dúvida, o cinema. Enquanto a tela do televisor convencional tem proporção entre largura e altura de quatro por três, a HDTV tem formato de dezesseis por nove – medidas de um monitor retangular. A definição da imagem, para honrar o nome, é de 1.080 linhas horizontais, mais que o dobro das 480 linhas às quais estamos acostumados. O som, estéreo e *surround*, envolve o telespectador. O problema de toda essa mordomia ainda é o preço: o aparelho de HDTV de barato não tem nada. Custa em torno de 8 mil dólares. Para complicar ainda mais, hoje existem três padrões de HDTV: europeu, americano e japonês. O Brasil, embora tenha feito as primeiras experiências no ano passado durante as transmissões da Copa do Mundo, ainda não definiu o seu padrão. Promete-se para breve. Veremos.

Tela retangular e imagem de cinema: a televisão do futuro pode aposentar os velhos aparelhos

Fotos: Divulgação

Gabriela Aguerre é repórter da revista Superinteressante, *da Editora Abril.*

10 VILÕES MAIS BACANAS DA TELONA

Eles são ruins até a medula, mas não há herói capaz de vencer estes sujeitos cheios de charme

1 DARTH VADER O vilão mais conhecido do cinema é também protagonista de uma das histórias mais trágicas: o herói que é seduzido pelo poder e passa a trilhar o caminho do mal. Vader chegou a amputar a mão de seu próprio filho num duelo!

2 HANNIBAL LECTER O psicopata interpretado por Anthony Hopkins em *O Silêncio dos Inocentes* deixou muita gente roendo as unhas. Lecter, na verdade, faz parte da pior espécie de malvados: ele não aparenta ser ameaçador, mas é capaz de mutilar sua vítima na primeira chance. A dentadas.

3 FREDDY KRUEGER O assassino de *A Hora do Pesadelo* tinha duas opções: ou torrava uma fortuna em terapeutas por causa de sua infância trágica ou passava a matar criancinhas. Nem a morte deu fim à sua "carreira" – Krueger voltou como uma aparição que eliminava suas vítimas em seus sonhos.

4 ODDJOB A galeria de vilões do agente James Bond é exemplar, mas nenhum deles se compara ao oriental Oddjob, de *007 contra Goldfinger*. Mudo, ele eliminava suas vítimas com um chapéu de abas afiadas – ótimo instrumento para decepar a distância.

5 A MADRASTA Quando a Disney fez seu longa de estréia, nos deu uma vilã de primeira: a madrasta de Branca de Neve, que não hesitou em abrir mão de sua beleza para tornar-se uma bruxa e envenenar sua enteada.

6 LEX LUTHOR Quem seria capaz de encarar o Super-Homem sem apelar para os músculos? Só mesmo Lex Luthor, o gênio que usa o cérebro para colocar o herói à beira da morte. O maior inimigo de Luthor, porém, é sua arrogância, que o faz subestimar seus inimigos e apressar sua derrota.

7 T-1000 James Cameron se viu numa sinuca de bico quando Schwarzenegger passou para o lado dos mocinhos em *O Exterminador do Futuro 2* – afinal, quem iria enfrentar o gigante austríaco? Mas o franzino Robert Patrick, no papel do andróide T-1000, conseguiu uma façanha e tanto: parecer ameaçador ao lado do astro.

8 KEYSER SOZE Até o mais cruel criminoso treme ao ouvir o nome de Keyser Soze, o misterioso terrorista de *Os Suspeitos*. O mais impressionante é que Soze nunca aparece: ele é apenas mencionado – o que bastou para garantir seu nome em qualquer lista de vilões memoráveis.

9 JOHN DOE A obsessão de John Doe, o assassino de *Seven*, pelos sete pecados capitais o transformou num matador tão calculista que até a sua captura e morte foram planejadas com uma precisão cirúrgica. Antes de ir para o inferno, porém, ele fez com que entregassem ao policial Brad Pitt a cabeça de sua mulher em uma caixa de papelão. Apenas para "provar uma teoria".

10 CORINGA **Um herói não é nada sem um antagonista perigoso de verdade, e o sombrio Batman possui o melhor. No primeiro filme da série, rodado em 1989 por Tim Burton, o dono da festa era o Cavaleiro das Trevas, mas quem dominou o show foi o Coringa, um criminoso perturbado que perde o prumo de vez quando um acidente o deixa desfigurado – ele até parece um palhaço, mas não hesita em tentar matar toda a cidade de Gotham City. O diretor deixou o público na mão quando matou o vilão: ele abortou a chance de Jack Nicholson voltar a preencher a telona com sua gargalhada insana.**

Warner

DA

Encanto natural: Nicole Kidman e Sandra Bullock se unem para exibir truques mágicos e arrumar um namorado

MAGIA à sedução

Sandra Bullock e Nicole Kidman fazem duas irmãs (e bruxas) que tentam quebrar uma maldição secular

Sandra Bullock precisava de um bom papel. Nicole Kidman precisava de descanso. As duas estrelas não conseguiram *exatamente* o que queriam com a comédia romântica *Da Magia à Sedução*, mas o filme do ator transformado em diretor Griffin Dunne (de *A Lente do Amor*), além de ser leve e bem simpático, deu a elas um descanso nada menos do que merecido dessa vidinha atribulada de celebridade.

O caso mais grave era o de Sandra Bullock. O fracasso de *Velocidade Máxima 2* foi uma pancada na carreira da atriz difícil de deixar para trás. Depois que o filme de Jan De Bont naufragou – com o perdão do trocadilho –, Sandra penou para encontrar um papel digno. Ela bem que tentou dar a volta por cima com o açucarado *Quando o Amor Acontece*, mas o filme terminou sua carreira nos cinemas ianques com um saldo bem abaixo do esperado.

Já Nicole Kidman queria distância de qualquer roteiro minimamente sério. O motivo: desde novembro de 1996, sua vida se resumiu às filmagens de *Eyes Wide Shut*, de Stanley Kubrick. Perfeccionista ao extremo, o recluso diretor manteve Nicole no set por mais de um ano até achar que ela já havia feito a sua parte. Depois de uma epopéia desse porte e de estrear no teatro (ela está em cartaz com a peça *Blue Room*), nada como um filme bem bobinho para relaxar.

É aí que entra *Da Magia à Sedução*. Sandra e Nicole fazem Sally e Gillian Owens, duas irmãs que descendem de uma linhagem de bruxas obrigadas a viver com uma maldição: qualquer homem que se apaixonar por elas está destinado a morrer de forma inesperada. Cada uma tem um modo de contornar a situação. Enquanto Sally promete nunca amar ninguém, Gillian foge de casa e só quer saber de relacionamentos rápidos, sem nunca se envolver de verdade com nenhum homem. É só acrescentar um sujeito barra-pesada que termina morto (o ator Goran Visnjic), um policial bonitão e curioso (Aidan Quinn) e duas tias solteironas (Stockard Channing e Dianne Wiest, que mais atrapalham do que ajudam) e a fórmula – ou melhor, a poção – está pronta.

Tudo estaria perfeito se *Da Magia à Sedução* não tivesse alguns probleminhas que não chegam a estragar a diversão, mas incomodam um bocado. O roteiro se concentra demais na morte de Visnjic e no romance entre Sandra e Quinn, deixando de lado o que realmente diferencia o filme da tonelada de comédias que pipocam nos cinemas: o modo como duas jovens lidam com o fato de que são bruxas em um mundo moderno. Além do mais, Sandra Bullock pode ser linda e carismática, mas é covardia colocá-la ao lado de Nicole Kidman, que não precisa de muito esforço para mostrar quem é melhor atriz.

Fotos: Warner

Destino cruel: Dianne Wiest e Stockard Channing ficaram para titia

Roberto Sadovski

(Practical Magic, EUA, 1998) ***Direção:*** *Griffin Dunne.* ***Com*** *Sandra Bullock, Nicole Kidman, Aidan Quinn, Stockard Channing, Dianne Wiest, Evan Rachel Wood, Alexandra Artrip, Mark Feuerstein. 103 min. www.practicalmagic.com*

De olho na cidade: Babe se prepara para encarar a selva de pedra

Foto: UIP

BABE

O Porquinho Atrapalhado na Cidade

SET RECOMENDA

O suíno mais famoso do cinema vive uma aventura na metrópole

Isto sim é uma superprodução: dez meses de filmagem, oitocentos atores, e nenhum deles falava a mesma língua. Aliás, nenhum deles falava língua alguma: eram todos animais. Não dá para imaginar a dificuldade que deve ter sido filmar *Babe – O Porquinho Atrapalhado na Cidade*, a continuação do filme suíno mais lucrativo de todos os tempos.

O novo *Babe* custou 100 milhões de dólares, dez vezes mais que o original. Apesar das boas críticas – o filme é engraçado e as cenas com animais são de uma perfeição espantosa –, foi um fracasso de bilheteria nos Estados Unidos. Aliás, um megafracasso – junto com *Encontro Marcado*, o novo filme de Brad Pitt – que causou a demissão do chefão da Universal, Casey Silver.

Ninguém conseguiu apontar ainda a razão do fracasso do novo *Babe*. Muitos reclamaram de algumas cenas violentas, mas talvez a surpresa do primeiro filme, que acabou indicado ao Oscar, tenha acabado.

Desta vez, o porquinho é obrigado a deixar a fazenda para se aventurar na cidade. Mas a viagem não são férias: depois de inadvertidamente deixar seu dono, o fazendeiro Hoggett, de cama e sem poder trabalhar, Babe tem de ir até a metrópole para demonstrar sua habilidade como cão pastor e ganhar dinheiro com o show.

Todos os personagens do primeiro filme estão de volta – como os ratinhos cantores e Ferdinand, o pato neurótico. Quando chega à cidade grande, o porquinho conhece outros animais que irão ajudá-lo quando ele tiver de livrar a sua dona das confusões que arruma na metrópole. Babe ainda tem de se desvencilhar de bichos ferozes, como o pitbull que começa a história como seu inimigo e acaba sendo seu maior aliado. Apesar das dificuldades, nenhum desafio é grande o bastante para o coração de ouro do porquinho.

Mas parece que isso não foi o suficiente para atrair o público. Por ter uma atmosfera mais escura e tenebrosa que o original, este novo *Babe* deixou a criançada mais assustada do que entusiasmada, o que colaborou para o retorno tímido do público nas semanas que seguiram a estréia. A concorrência também não ajudou, e o porquinho sucumbiu ante adversários poderosos, como os bichos de *Vida de Inseto* e as crianças do sucesso-surpresa *The Rugrats Movie*.

O único que parece não ter se importado tanto com o fracasso foi George Miller, roteirista do primeiro *Babe* e diretor do segundo. A falta de perspectivas para uma terceira aventura do porquinho não o deixa menos que aliviado: "É ótimo imaginar uma cena com animais, mas realizá-la é outra coisa totalmente diferente".

(Babe: Pig in the City, EUA, 1998) **Direção**: George Miller. **Com** Magda Szubanski, James Cromwell, Mary Stein, Mickey Rooney e as vozes de Elizabeth Daily, Danny Mann, Glenne Headly, Steven Wright, James Cosmo, Nathan Kress. 97 min. www.babeinthecity.com

Fotos: Lumière

Façam suas apostas: Matt Damon e Ed Norton enfrentam o gângster John Malkovich (*ao lado*)

CARTAS NA MESA

Matt Damon prova que é um bom ator neste instigante trabalho do diretor John Dahl

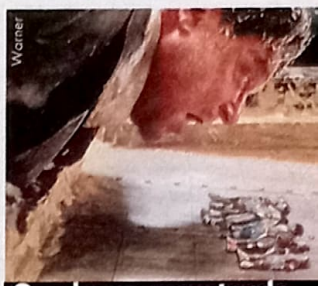
O ator Matt Damon seguiu o sucesso de *Gênio Indomável* com o discreto *Cartas na Mesa* – ao contrário de seu parceiro Ben Affleck, que foi explodir asteróides em *Armageddon*. Com um roteiro de primeira, elenco para lá de talentoso e um diretor competente, *Cartas na Mesa* foi bastante elogiado, mas, nas bilheterias, não rendeu o esperado. Conclusão: Damon pode ser um ator talentoso e de prestígio, mas seu nome nos créditos ainda não é capaz de levar multidões aos cinemas.

Pior para quem deixou de ver o filme. Por trás de toda a badalação que sucedeu o Oscar, Matt Damon prova que é, sim, um bom ator. Ele interpreta Mike, um ex-jogador de pôquer inveterado que, depois de perder as economias de uma vida inteira para um gângster, abandonou o jogo para se dedicar à faculdade de Direito e à sua namorada. Mas seus problemas recomeçam quando seu melhor amigo Worm (Edward Norton, para variar, excelente) sai da prisão, volta a jogar, trapaceia um bocado e acumula uma dívida absurda – obrigando Mike a, mais uma vez, mostrar suas habilidades com um baralho na mão para salvar o pescoço do parceiro.

Na visão do diretor John Dahl, as partidas de pôquer são um combate estratégico no qual cada olhar pode denunciar sua mão e acabar com seu jogo. Damon e Norton aprenderam isso observando jogadores profissionais colocarem as cartas na mesa, e se surpreenderam com a seriedade do jogo. *Cartas na Mesa* prova que eles aprenderam bem a lição.

(Rounders, EUA, 1998) ***Direção****: John Dahl.* ***Com*** *Matt Damon, Edward Norton, John Turturro, Gretchen Mol, Famke Janssen, John Malkovich, Martin Landau, Michael Rispoli, Goran Visnjic. 120 min. www.miramax.com/rounders*

OS PEQUENINOS



Warner

Goodman: assustando a família em miniatura

Os Pequeninos é um desses casos raros de filmes infantis tão interessantes que vão além de seu público-alvo para encontrar uma audiência mais adulta.

O filme mostra uma família de seres diminutos que vive em meio aos seres humanos sem nunca ser percebidos. A confusão começa quando um advogado (John Goodman) ameaça demolir a casa na qual eles vivem para construir um prédio.

Em um mundo no qual as crianças só contam com um cardápio anual de desenhos para ver na telona, uma fantasia tão encantadora quanto *Os Pequeninos* é ideal parta quebrar a rotina.

(The Borrowers, EUA, 1997) ***Direção****: Peter Hewitt.* ***Com*** *John Goodman, Jim Broadbent, Mark Williams, Hugh Laurie, Bradley Pierce, Flora Newbigin. 83 min.*

SEMPRE AMIGOS

Um aviso aos fãs de Sharon Stone: em *Sempre Amigos* ela tem só meia dúzia de cenas – em todas elas, coberta dos pés à cabeça. Tudo bem. Ao usar seu poder em Hollywood para permitir a realização do filme, Sharon merece uma medalha.

Kieran Culkin faz Kevin Dillon, um garoto inteligente que nasceu com uma doença rara: seus ossos não acompanham o crescimento de seus órgãos, o que fatalmente abreviará sua vida. Ele encontra no grandalhão abobalhado Max Kane (o excelente Elden Ratliff) as pernas que precisava: Max o coloca nos ombros e nasce uma curiosa amizade.

Apesar da fórmula surrada, *Sempre Amigos* não ofende a inteligência da platéia. É honesto e, apesar de ingênuo até a medula, muito bonito.

Lumière

Kevin e Max: união

(The Mighty, EUA, 1998) ***Direção****: Peter Chelson.* ***Com*** *Sharon Stone, Elden Ratliff, Kieran Culkin, Gena Rowlands, Harry Dean Stanton, Gillian Anderson, Meat Loaf. 100 min.*

A criançada vai se encantar com a bela (e divertida) história de uma família diminuta em Os Pequeninos

OPERAÇÃO CUPIDO

SET RECOMENDA

De vez em quando, os produtores em Hollywood acertam a mão na hora de fazer uma refilmagem e conseguem reapresentar uma idéia sem sacrificar o original.

Um desses casos felizes é este *Operação Cupido*, que já foi recriado pelo menos uma dúzia de vezes desde que o original foi lançado pela Disney em 1960. É a história de gêmeas que foram separadas quando bebês quando seus pais se divorciaram. A dupla (interpretada pela simpática Lindsay Lohan) se encontra em um acampamento de verão e passa o resto do filme tentando fazer com que seus pais reatem o casamento. *Operação Cupido* pode até ter um sabor de "já vi isso antes", mas é diversão familiar de primeira.

Columbia Buena Vista

Lohan: dupla confusão

(The Parent Trap, EUA, 1998) ***Direção****: Nancy Meyers.* ***Com*** *Lindsay Lohan, Dennis Quaid, Natasha Richardson, Elaine Hendrix, Lisa Ann Walter, Simon Kunz. 124 min*

A DANÇA DAS PAIXÕES

Deve ser difícil para Meryl Streep ver os bons papéis ficarem cada vez mais raros. Por causa disso que ela vem trabalhando cada vez menos – e acaba aceitando papéis tão aquém de sua capacidade como neste *A Dança das Paixões*.

Cinco irmãs lutam para sobreviver nos empobrecidos anos 30, e todas as desgraças possíveis se abatem na vida delas. A mão pesada do diretor Pat O'Connor aniquila o ritmo do filme, que só se segura por causa da competência dos atores envolvidos. Mas até aí Meryl se deu mal: sua personagem é a mais chata. Se a intenção era fazer a platéia se identificar com a sua dor, o resultado foi exatamente o contrário. Uma pena.

Top Tape

Meryl: falta de roteiros

(Dancing at Lughnasa, EUA, 1998) ***Direção****: Pat O'Connor.* ***Com*** *Meryl Streep, Catherine McCormack, Kathy Burke, Sophie Thompson. 94 min.*

Drew Barrymore busca o amor nos braços de Dougray Scott. No detalhe, a perversa Anjelica Houston

PARA SEMPRE CINDERELA

Drew Barrymore é a protagonista desta bela versão do famoso conto de fadas

SET RECOMENDA

Drew Barrymore, a ex-criança prodígio e ex-adolescente problemática, deixou todo o peso do passado para trás e se saiu muito bem como protagonista de *Para Sempre Cinderela*, no papel da garotinha órfã que sofre o diabo nas mãos de sua madrasta. Mas engana-se quem pensa que vai encontrar fadinhas e ou-tros elementos da história da Cinderela do desenho da Disney. O diretor Andy Tennant dá uma cara mais realista à fábula, transformando-a num conto de perda e amor eterno.

O filme começa com os irmãos Grimm – que deram vida à Cinderela dos contos de fada – ouvindo da rainha da França a verdadeira história por trás da lenda: Danielle (Drew Barrymore) é uma menina que vê seu mundo ruir depois da morte de seu pai. Ela é, então, obrigada a morar com a madrasta (Anjelica Houston), uma tirana. O diretor acrescentou alguns detalhes interessantes – não são fadas que ajudam Danielle, e sim o visionário Leonardo Da Vinci.

Mesmo sem os elementos fantásticos, o filme cresce com a atuação de Drew Barrymore, que transforma a indefesa princesinha numa jovem decidida. *Para Sempre Cinderela* garante duas horas de entretenimento que vai encantar as adolescentes – principalmente com um príncipe bonitão como Dougray Scott.

(Ever After, EUA, 1998) ***Direção****: Andy Tennant.* ***Com*** *Drew Barrymore, Anjelica Houston, Dougray Scott, Patrick Godfrey, Megan Dodds, Melanie Lynskey, Tomothy West, Jeroen Krabbé, Jeanne Moreau. 121 min. www.foxmovies.com/everafter/*

Meryl Streep busca um papel à altura de seu imenso talento no drama A Dança das Paixões

Duas gêmeas tentam reatar um casamento em **Operação Cupido**

PODEROSO JOE

SET RECOMENDA

A Disney recria uma aventura de 1949 e traz à vida o gorila de mentira mais perfeito do cinema

Não, este filme é sobre *outro* gorila, e não aquele que subia em arranha-céus e derrubava helicópteros. Na verdade, a história de Joe Young – protagonista de *Poderoso Joe* – é bastante diferente de King Kong.

O filme é uma nova versão de uma produção de 1949: uma garota é criada ao lado de um gorila na África. O animal, gigantesco, atrai a atenção de um promotor de Hollywood (na nova versão, ele é um zoólogo). Uma vez na cidade, ele escapa, arma a maior confusão e o exército vai a seu encalço – mas sem tragédias. Afinal, este é um filme familiar da Disney.

Também existem humanos no elenco, como Bill Paxton e Charlize Theron. Mas a festa é de Joe. O premiado Rick Baker confeccionou um gorila gigante, misturando maquetes em tamanho natural com imagens geradas em computador, nada menos que perfeito – especialmente nas cenas em que Joe é visto em movimento e que mostra expressões em seu rosto. O resultado é fantástico. Para a molecada em férias, *Poderoso Joe* é prato cheio.

(Mighty Joe Young, EUA, 1998) **Direção**: *Ron Underwood.* **Com** *Bill Paxton, Charlize Theron, David Paymer, Regina King, Naveen Andrews, Peter Firth, Deborah Kellner. 114 min. www.mightyjoeyoung.com*

Columbia Buena Vista

A bela e a fera: o macacão Joe e sua protetora, Charlize Theron

CANNE'S VÍDEO

A SUA REVENDA DE FITAS NOVAS E USADAS

• Todos os lançamentos
• Preços sem concorrência no pagamento à vista ou facilitado
• Novas promoções
• Venha aproveitar!

CONFIRA!

• Monte sua locadora conosco e ganhe expositores, estojos, brindes e transporte gratuito
• Garantia e qualidade

Não compre sem antes nos consultar

SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA
Fone: (011) 290-2788
Fone-fax: (011) 959-3319

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 – Salas 21/22
CEP 02030-100 – Santana – SP – Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 16:00 horas

PARA ANUNCIAR LIGUE:
(011) 3049-3161
OU
3049-3162

EDITORA PEIXES

FEITO CÃES E GATOS

Fotos: Reprodução

Bette e Joan: antagonismo profissional e ódio pessoal

Alguns dos maiores astros e estrelas de Hollywood eram gênios na tela, mas fora dela se pegavam como inimigos mortais

O caso mais divulgado de rivalidade em Hollywood foi o de Bette Davis e Joan Crawford. Até a filmagem de *O Que Aconteceu a Baby Jane?*, em 1962, Bette e Joan só haviam se encontrado rapidamente nas festinhas de fim de ano oferecidas pela Warner, o estúdio que as mantinha sob contrato. O antagonismo profissional das duas estrelas tornou-se ódio pessoal depois que trabalharam juntas em *Baby Jane*: Bette foi indicada para o Oscar. Joan, não.

Gina Lollobrigida foi "importada" por Hollywood em 1953 antes da sua conterrânea Sophia Loren, mas não conseguiu o estrelato no cinema americano. A exuberante Sophia teve mais sorte, consagrando-se como estrela – chegou a ganhar o Oscar de 1961 por sua performance em *Duas Mulheres* e foi homenageada em 1991 com a estatueta honorária da Academia. Por tudo isso, ninguém convida Gina e Sophia para a mesma festa porque seria desastroso o encontro das belas italianas.

Brando e Dean: foto a um metro de distância

Uma curiosa antipatia foi a de Marlene Dietrich por Angie Dickinson. Marlene orgulhava-se de ter "descoberto" o compositor Burt Bacharach, que se tornou seu pianista (e outras coisas mais...), acompanhando-a em turnês pelo mundo inteiro. Mas, em 1965, o charmoso Burt casou-se com a atriz Angie Dickinson, que não só se parecia fisicamente com Marlene como também havia colocado suas pernas no seguro por um milhão de dólares – exatamente como fizera a estrela alemã. Dietrich dispensou Bacharach como pianista e passou a alfinetar Angie nas entrevistas, referindo-se a ela como "aquela que ignorou Jacqueline e foi para a cama com John Kennedy na noite da posse dele como presidente...".

Todas essas rivais mencionadas eram pessoas sem o menor parentesco ou laços de amizade. Por isso é esquisitíssimo o antagonismo de duas legítimas irmãs como Olivia de Havilland e Joan Fontaine. Filhas de pais ingleses, ambas nasceram em Tóquio, no Japão, a primeira em 1916; e a segunda, em 1917. Quando a família se mudou para a Califórnia, as meninas cresceram com a mesma ambição: ingressar no cinema. Olivia foi a primeira a estrear na tela, como parceira de Errol Flynn em *Capitão Blood*, de 1935. Mas, embora começando mais tarde, Joan Fontaine acabou recebendo o Oscar de melhor atriz de 1941 por *Suspeita*, de Alfred Hitchcock – vencendo a própria irmã, candidata por *A Porta de Ouro*. Até então, poucos sabiam do parentesco das duas atrizes, pois Joan havia adotado o sobrenome do padrasto para não ser identificada como "a irmã de Olivia de Havilland". Anos depois, em 1946 e 1949, Olivia arrebatou suas merecidas estatuetas. As duas já não se falavam, e Olivia chegou a virar as costas quando Joan, por educação, foi cumprimentá-la pelo seu Oscar na festa da Academia em 1950.

Entre os homens, porém, Hollywood registra menos rivalidades. O caso mais notório foi o de Marlon Brando e James Dean. Este último tentou de todas as maneiras fazer amizade com seu ídolo Marlon. Mas o grande Brando fugia de Dean como o diabo da cruz, achando-o um insuportável imitador, não só na tela como na vida real. E o máximo que Dean conseguiu foi, em uma festa de Pier Angeli, ter uma foto tirada com Brando... a um metro de distância.

Dulce Damasceno de Brito foi correspondente em Hollywood dos Diários Associados e de O Cruzeiro de 1952 a 1968.

Fotos: Abril

Os salvadores da pátria (*foto abaixo*) tentam impedir que Nova York e o resto do planeta sejam totalmente destruídos

ARMAGEDDON

O fim do mundo se aproxima perigosamente no primeiro grande lançamento do ano

Parece que o público ainda não se cansou dos filmes de ação barulhentos, hiperacelerados e sem um pingo de inteligência, que costumam entupir os cinemas durante as férias de verão – e a maior prova disso é a estrondosa bilheteria do arrasa-quarteirão *Armageddon*, que encostou nos 200 milhões de dólares apenas nos EUA.

Essa fortuna, porém, não é uma indicação de que o filme do diretor Michael Bay é uma obra digna de atenção: na verdade, significa uma vitória esmagadora dos marqueteiros da Disney, que passaram por cima de críticas para lá de desfavoráveis e venderam o filme como um concentrado de emoções fortes, patriotismo exagerado e efeitos especiais de primeira. Nesses espetáculos planejados por uma dezena de executivos, produtores e gerentes de marketing, o filme é uma mera desculpa para fazer um comercial de duas horas de duração.

E que comercial! Com a mão pesada de Bay, *Armageddon* chega a dar náuseas: para esconder sua pouca habilidade em contar uma história, o cineasta abusa de montagens rápidas e de uma câmera irritante, que nunca pára de se movimentar. A história – quando se percebe que existe uma – é para lá de absurda: Bruce Willis é o líder de uma equipe de perfuradores de poços de petróleo que recebe a missão de voar até um asteróide em rota de colisão com a Terra, plantar uma bomba atômica em seu núcleo e explodir o astro celeste antes do impacto. Enquanto Willis pratica sua cara de sono, o resto do elenco faz o que pode para divertir a platéia.

E é justamente por isso que *Armageddon* ganha três estrelinhas: para quem está atrás de um espetáculo assumidamente descerebrado e esparsamente divertido, que não deve em hipótese alguma ser levado a sério, o filme é perfeito. Tudo bem que, depois da decolagem dos imensos ônibus espaciais, o público passe a implorar pelo final. Com o milagre da tecla fast forward, porém, longos minutos podem se tornar uma leve brisa. E o fim chega bem rapidinho.

★★★

(EUA, 1998) Direção: Michael Bay. Com Bruce Willis, Ben Affleck, Billy Bob Thornton, Liv Tyler, Steve Buscemi, Will Patton, Keith David, Peter Stormare, William Fichtner. 144 min. Abril.

Roberto Sadovski

VIDEOlançamentos

Europa

Affleck descobre sua vida sexual

INDO ATÉ O FIM

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Muitos poderiam argumentar que já não há mais o que falar sobre o despertar sexual de jovens, em especial daqueles que viveram numa época reprimida como o foi a primeira metade da década de 50 nos EUA. Mas *Indo Até o Fim* se destaca pela empatia da dupla formada por Jeremy Davies (*O Resgate do Soldado Ryan*) e Ben Affleck (*Armageddon*). Davies prova ser um ator de futuro no papel de um fotógrafo tímido, que passou dois anos em uma reserva militar americana enquanto Affleck foi às linhas inimigas durante a Guerra da Coréia. Na viagem de volta, eles se tornam amigos e descobrem ter as mesmas ansiedades em relação ao sufoco familiar e à tentação da carne. O diretor tem talento para recriar o clima da época, e o filme é uma honesta viagem ao passado.

Christian Petermann

(Going All the Way, EUA, 1997) ***Direção****: Mark Pellington.* ***Com*** *Jeremy Davies, Ben Affleck, Amy Locane, Rachel Weisz, Rose McGowan, Jill Clayburgh, Lesley Ann Warren. 100 min. Europa.*

ACHO QUE SOU

comédia ★★★

Como tem acontecido com certa freqüência, *Acho que Sou* é mais um filme americano que expõe com naturalidade o mundo homossexual. Embora o roteiro também mostre relações heterossexuais dentro de um grupo de estudantes que, anos depois, se revê em uma festa de casamento, o filme é centrado na paixão não correspondida do assumido Bob (Alexis Arquette) pelo colega Brendan (Christian Maelen). É só no reencontro que o último confessa sua opção e seu amor por Bob – que, poucas horas antes, ficou noivo de um ator. O humor se rende às confusões provocadas por sentimentos e desejos nem sempre muito explícitos. No elenco, Marnie Nixon, a tia Alice – ela dublou Natalie Wood e Audrey Hepburn nas canções de *Amor, Sublime Amor* e *My Fair Lady*.

Alfredo Sternheim

Top Tape

Um casamento e muitas indecisões

(I Think I Do, EUA, 1997) ***Direção****: Brian Sloan.* ***Com*** *Alexis Arquette, Christian Maelen, Lauren Velez, Maddie Corman, Tuc Watkins, Guillermo Diaz. 94 min. Top Tape.*

CINDERELA

musical ★★

Vencedor de três prêmios Emmy – direção de arte, coreografia e direção –, este musical co-produzido pela cantora Whitney Houston para a televisão americana reúne em um único trabalho canções banais, interpretações apenas razoáveis, coreografias pouco inspiradas e figurinos que ficam no limite do bom gosto. A clássica história merecia um tratamento melhor.

(Cinderella, EUA, 1997) ***Direção****: Robert Iscove.* ***Com*** *Brandy, Whitney Houston, Whoopi Goldberg. 86 min. Abril.*

EXPERIÊNCIA 2 – A MUTAÇÃO

terror ★

Se *A Experiência* ainda tinha um fiapo de roteiro, a nova aventura da alienígena Natasha Henstridge, agora do lado do bem, é apenas uma carnificina exagerada. Um astronauta é contaminado por um vírus e procura a parceira perfeita para copular. Pena que um ator legal como Michael Madsen ainda perca tempo com esse tipo de bobagem.

(Species 2, EUA, 1998) ***Direção****: Peter Medak.* ***Com*** *Michael Madsen, Natasha Henstridge, Marg Helgenberger, Justin Lazard, Peter Boyle. 92 min. Warner.*

OS IRMÃOS CARA-DE-PAU 2000 ★★

comédia musical

Para um filme que se diz uma homenagem póstuma aos atores John Belushi e John Candy e ao cantor Cab Calloway, essa continuação tardia não consegue evitar a decepção. Em 1980, quando *Os Irmãos Cara-de-Pau* foi lançado, seu humor devastador renovou a comédia cinematográfica com uma explosiva mistura de deboche, carros e prédios destruídos sem cerimônia e uma trilha sonora pontuada por blues e soul, interpretada por alguns de seus maiores ícones (como Aretha Franklin e James Brown). O ator Dan Aykroyd decidiu então se juntar novamente ao diretor John Landis: ambos conceberam um filme à total semelhança do original, mas se esqueceram que dezoito anos distanciam as duas versões. O que deu certo ontem é um arremedo sem inspiração nos dias de hoje. No lugar de Belushi, há agora a trinca John Goodman, Joe Morton e o garoto J. Evan Bonifant. A continuação só se torna razoável pela trilha deliciosa: a história vive em função da música, como na ótima cena em que os "caras-de-pau" interpretam "Riders in the Sky" e na sensual participação da cantora Erykah Badu. Se o filme tivesse metade de seu charme, o espectador faria um pouco mais do que estalar o dedo ao ritmo do soul: poderia até se divertir.

Christian Petermann

CIC

As duas gerações de "caras-de-pau" botam pra quebrar

(The Blues Brothers 2000, EUA, 1998) ***Direção****: John Landis.* ***Com*** *Dan Aykroyd, John Goodman, Joe Morton, J. Evan Bonifant, Nia Peeples, Aretha Franklin, Erykah Badu. 124 min. CIC.*

O RETORNO DA FAMÍLIA ADDAMS

comédia ★★

Os Addams estão de volta, e desta vez a trupe deixa a mansão para ir a um hotel paradisíaco no qual acreditam estar acontecendo uma reunião de família. Este *Retorno* perde de goleada em comparação aos filmes do cinema: a novata Nicole Fugere, que faz a Vandinha, não chega aos pés da gélida Christina Ricci. Mas funciona bem para crianças pequenas.

(Addams Family Reunion, EUA, 1998) ***Direção****: Dave Payne.* ***Com*** *Tim Curry, Daryl Hannah, Ed Begley Jr.. 92 min. Warner.*

MARQUISE

drama ★★★

Oscilando entre o humor e o drama, esta luxuosa produção ambientada na França do século 17 acompanha a jovem Marquise, do momento em que o dramaturgo Molière a vê em um vilarejo pobre até se consagrar como atriz e musa de Racine na corte de Luís 14. É na segunda parte, mais densa, que tanto o filme quanto a atuação de Sophie Marceau se impõem.

(França/Espanha/Suíça, 1997) ***Direção****: Vera Belmont.* ***Com*** *Sophie Marceau, Bernard Giraudeau, Lambert Wilson, Thierry Lhermitte. 119 min. Flashstar.*

SUB DOWN – ALERTA NUCLEAR

aventura ★★ INÉDITO NO CINEMA

Após um acidente no Ártico, a equipe do submarino nuclear Portland precisa confiar em dois civis para romper a calota de gelo do Pólo Norte e assim levar todos de volta à superfície. A idéia, que poderia dar origem a um filme claustrofóbico, afunda por causa de uma direção inexistente e de um elenco, encabeçado por Stephen Baldwin, pouco inspirado.

(Sub Down, EUA/Luxemburgo, 1997) ***Direção****: Alan Smithee.* ***Com*** *Stephen Baldwin, Gabrielle Anwar, Tom Conti, Chris Mulkey. 97 min. Europa.*

PACTO DO SILÊNCIO

policial ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Uma dupla de policiais descobre o lugar onde houve um massacre de traficantes e fica com o milhão e meio de dólares que encontra no local. Enquanto eles planejam reconstruir suas vidas, fatos inesperados os tornam suspeitos. Telefilme engenhoso que, embora trabalhe com vários clichês do gênero policial, evita que a trama fique previsível.

(Route 9, EUA, 1998) ***Direção****: David Mackay.* ***Com*** *Kyle MacLachlan, Peter Coyote, Amy Locane, Miguel Sandoval. 105 min. Filmark.*

BASIL – AMOR E ÓDIO

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Christian Slater acerta aqui como produtor. Esta cuidadosa produção de época narra a trajetória do ingênuo aristocrata Basil, que perdeu a mãe, viu o irmão ser deserdado, vive às turras com o pai tirano e cai numa cilada romântica. Há ainda traição, vingança, mortes e miséria. É um novelão que, revestido da suntuosidade inglesa do século 19, funciona muito bem.

(Basil, EUA, 1997) ***Direção****: Radha Bharadwaj.* ***Com*** *Christian Slater, Jared Leto, Claire Forlani, Derek Jacobi. 102 min. Paris.*

MORTE SILENCIOSA

suspense ★★★ INÉDITO NO CINEMA

As presenças de Marlee Matlin (de *Filhos do Silêncio*) e do veterano James Garner é um dos atrativos desta história: três violentos criminosos fogem da penitenciária e, no caminho, seqüestram um ônibus com crianças surdas-mudas. O começo sangüinolento e arrastado desanima, mas vale esperar: a trama reserva muitas surpresas na última meia hora.

(Dead Silence, EUA, 1998) ***Direção****: Daniel Petrie Jr.* ***Com*** *James Garner, Marlee Matlin, Lolita Davidovich, Kim Coates. 110 min. Paris.*

GODZILLA ★★★

aventura **Alguém disse que ele voltou americanizado? Em mais de vinte versões feitas para o cinema, Godzilla ganhou, no ano passado, sua versão definitiva pelas mãos do produtor Dean Devlin e do diretor Roland Emmerich, a mesma dupla de *Independence Day*. Esperava-se uma megaprodução capaz de arrasar nas bilheterias. Não foi bem assim. A maior qualidade do filme é que Emmerich não deixa a peteca cair. O maior defeito, que em vídeo será ainda mais evidenciado, é a fotografia propositadamente escura: proibido de filmar durante o dia pelas ruas de Nova York, o diretor transformou a saga do lagartão em um pesadelo claustrofóbico. A chuva incessante intensifica ainda mais o clima de caos, e buscar uma lógica é bobagem. O monstro ataca um navio nos mares do Oriente e chega aos EUA a nado. Na sua cola, estão um cientista, uma repórter, um cinegrafista e um misterioso agente francês. O filme cresce quando Godzilla entra em cena – impressionam suas passadas enormes e seu poder de destruição total. Com menos humor e mais ação, é infeliz apenas a idéia da geração de babyzillas, meras réplicas dos dinossauros de Spielberg. Como em quase todas as superproduções que Hollywood lançou em 1998, nem tudo foi perfeito.**

Miguel Barbieri Jr.

O monstro deixa Nova York de pernas para o ar

(EUA, 1998) ***Direção****: Roland Emmerich.* ***Com*** *Matthew Broderick, Jean Reno, Maria Pitillo, Hank Azaria, Kevin Dunn, Michael Lerner. 139 min. Columbia TriStar.*

O APÓSTOLO

drama ★★★★

Pode alguém que dedica sua vida a apaziguar a alma dos outros ser incapaz de pacificar a própria? O inquieto e carismático protagonista do terceiro filme dirigido por Robert Duvall – que lhe valeu uma indicação ao Oscar de ator – é um pastor pentecostal cuja energia seduz a todos. Às vezes, porém, seu descontrole lhe arruma encrencas. Em um desses acessos, ele comete um crime e é obrigado a se afastar da mãe doente, da mulher (que quer a separação) e dos filhos, refugiando-se da polícia no interior de Louisiana. O pregador ergue ali um novo templo e dá continuidade à sua "missão". Escrito e produzido por Duvall, que demorou treze anos para viabilizá-lo, o filme proporciona uma viagem perturbadora aos mistérios da fé.

Duvall questiona a fé

Sérgio Rizzo

(The Apostle, EUA, 1997) ***Direção****: Robert Duvall.* ***Com*** *Duvall, Farrah Fawcett, Billy Bob Thornton, Miranda Richardson, Todd Allen, John Beasley. 133 min. CIC.*

PAIXÕES ALUCINANTES

INÉDITO NO CINEMA

romance ★★

Em busca de uma paixão

A cidade de São Francisco é cenário para os dramas românticos de personagens modernos e solitários, mas ainda capazes de buscar a felicidade. Um artista frustrado, um barman alcoólatra, uma chefe de cozinha que trai o namorado com o melhor amigo dele, uma garçonete sensível, uma estudante de arte dividida entre o namorado e a professora são os tipos que se encontram nessa narrativa verborrágica, que não tem um fio condutor definido e que é dirigida com mão pesada pelo novato Roberto Benabib. Quando a doce Penelope Ann Miller (de *O Pagamento Final*) e o esforçado Josh Charles (de *Três Formas de Amar*) estão inspirados, o filme cresce em interesse, mas nem o astro Jon Bon Jovi, discreto e eficiente, salva o conjunto da monotonia.

Fátima Gigliotti

(Little City, EUA, 1998) ***Direção****: Roberto Benabib.* ***Com*** *Jon Bon Jovi, Annabella Sciorra, Penelope Ann Miller, Josh Charles, Joanna Going, JoBeth Williams. 90 min. PlayArte.*

GAROTAS SELVAGENS ★★★

suspense O clima é bem quente no sul dos Estados Unidos – e não apenas em relação à temperatura. Mas a coisa pega fogo mesmo em *Garotas Selvagens*, um filme deliciosamente vagabundo que mistura traição, sedução de menores e assassinato na história de um professor de iatismo (Matt Dillon) acusado de estuprar uma de suas alunas (Denise Richards). A situação se complica quando entram em cena uma *junkie* que passa o dia fumando maconha (Neve Campbell, bagaceira total) e um policial (Kevin Bacon, também produtor do filme) disposto a descobrir o que realmente aconteceu. Mas isso é apenas o ponto de partida para uma história cheia de surpresas e (muito) sexo – as cenas com Denise e Neve, acompanhadas de uma garrafa de champanhe ou na piscina, são de cair o queixo. *Garotas Selvagens* só não é melhor porque as reviravoltas da trama são tão friamente calculadas que é impossível afastar a sensação de "sabia que isso iria acontecer". Mesmo assim, dá para se divertir com o insuspeito humor demonstrado pelo diretor John McNaughton (de *Henry – Retrato de um Assassino*) e com o impagável Bill Murray, no papel de um advogado para lá de inescrupuloso.

Roberto Sadovski

Estes belos rostos escondem segredos que podem matar quem os desvendar

(Wild Things, EUA, 1998) ***Direção****: John McNaughton.* ***Com*** *Matt Dillon, Kevin Bacon, Neve Campbell, Denise Richards, Theresa Russell, Robert Wagner, Bill Murray. 107 min. Columbia TriStar.*

Perez trafica fetos e seqüestra jovens

PERDITA DURANGO

aventura ★★★

As três estrelas desta crítica são exclusivas dos fãs do diretor espanhol Alex de la Iglesia (*Ação Mutante*; *O Dia da Besta*) e daqueles que gostam de um filme nada convencional. Baseado no romance homônimo de Barry Gifford (autor de *Coração Selvagem*), *Perdita Durango* é um delírio agressivo que mistura terror, ação, sexo e romance. Rosie Perez, mais contida do que o normal, é a personagem-título, que conhece Romeu Dolorosa e com ele forma um casal fora-da-lei que coloca Bonnie e Clyde no chinelo. A insana aventura envolve rituais demoníacos e tráfico de fetos humanos, além de muita atividade carnal. O filme deixa o espectador boquiaberto e estupefato.

Christian Petermann

(México/Espanha, 1997) ***Direção****: Alex de la Iglesia.* ***Com*** *Rosie Perez, Javier Bardem, Harley Cross, Don Stroud, Alex Cox, James Gandolfini. 126 min. Top Tape.*

O ENIGMA DE TALOS

terror ★★ **INÉDITO NO CINEMA**

O diretor Russell Mulcahy é um especialista em sessões da tarde sem nenhuma pretensão. Depois do sucesso do primeiro *Highlander*, porém, ele passou a fazer filmes de qualidade cada vez mais duvidosa. Uma série de assassinatos bizarros levam um policial à neta de um pesquisador que, na década de 40, descobriu o túmulo do tirano Talos, desaparecido desde a época dos faraós egípcios. Mas o local carrega uma maldição: o espírito de Talos está tentando realizar uma profecia que o faça voltar à vida. Apesar do elenco competente, o filme sucumbe ao roteiro óbvio e aos horríveis efeitos especiais. Mulcahy pode até ter ambicionado vôos maiores, mas depois de fracassos como *O Sombra* ele parece ter se resignado à posição de criador de filmes de segunda.

Roberto Sadovski

Scott Lee desvenda o mistério da múmia

(Talos, The Mummy, EUA, 1998) ***Direção****: Russell Mulcahy.* ***Com*** *Jason Scott Lee, Louise Lombard, Sean Pertwee, Lysette Anthony, Michael Lerner, Shelley Duvall, Christopher Lee. 120 min. PlayArte.*

MONELLA – A TRAVESSA

erótico ★

Tinto Brass, o diretor de *Calígula*, perdeu o bom senso, a vergonha na cara e a oportunidade de reviver os bons tempos da comédia erótica italiana. Moralista, ele promove um festival de traseiros na história da virgem que, cansada de esperar pelo noivo, sai em busca de homens para ter sua primeira experiência sexual. Dublado em inglês.

(Frivolous Lola, Itália, 1997) ***Direção****: Tinto Brass.* ***Com*** *Anna Ammirati, Mario Parodi, Serena Grandi. 99 min. Paris.*

POST COITUM – ANIMAL TRISTE

drama ★★

Este filme surtirá efeito junto às mulheres, mas para os outros espectadores o espetáculo é apenas uma expiação auto-indulgente de uma personagem que realmente não sabe o que quer da vida. A diretora e atriz interpreta uma mulher na casa dos quarenta que abandona a família, o trabalho e sua estabilidade em nome da paixão por um jovem engenheiro. Irá se arrepender.

(França, 1997) ***Direção****: Brigitte Roüan.* ***Com*** *Roüan, Santiago Amigorena, Guy Zylberstein. 97 min. Cult Filmes.*

BEOWULF – O GUERREIRO DAS SOMBRAS

aventura ★★ **INÉDITO NO CINEMA**

Enquanto muitos atores de sua geração estão em busca de papéis sérios, Christophe Lambert continua fazendo filmes que mais parecem videogames. Ele é Beowulf, o filho de uma mulher com um demônio, que é obrigado a combater o Mal para que sua natureza sombria não se manifeste. O resto é uma bizarra mistura de ambientação medieval e música tecno.

(Beowulf, EUA, 1998) ***Direção****: Graham Baker.* ***Com*** *Christophe Lambert, Rhona Mitra, Oliver Cotton, Götz Otto. 90 min. Top Tape.*

O ESTRIPADOR

suspense ★★★

Realizada para a TV, esta versão da história de Jack, o Estripador deixa claro desde o início que o famoso assassino é o príncipe Edward Victor (Samuel West), neto da rainha Vitória. Com uma encenação luxuosa, a fita acerta ao enfatizar as diferenças sociais na Londres de 1888, mesmo tendo um clima romântico nada convincente.

(The Ripper, Austrália/EUA, 1997) ***Direção****: Janet Meyers.* ***Com*** *Patrick Bergin, Gabrielle Anwar, Samuel West, Michael York. 99 min. CIC.*

JACK VALENTINE

policial ★ INÉDITO NO CINEMA

Para quem dirigiu o marcante *New Jack City* no início desta década, Mario van Peebles prova estar em decadência ao interpretar o policial Jack Valentine. Ele está à frente de um difícil caso envolvendo a máfia ítalo-americana, sua última chance para se reabilitar depois de provocar a morte de uma testemunha, com quem se envolveu. Um verdadeiro *trash movie* de gângster.

(Valentine's Day, Canadá, 1998) ***Direção****: D.B. Clark.* ***Com*** *Mario van Peebles, Rae Dawn Chong, Ben Gazzara, Randy Quaid. 95 min. Filmark.*

A FACE OCULTA

ficção ★★

O filme, versão reduzida de uma minissérie, é um tanto confuso. O ponto de partida é uma experiência genética com fins corruptos que cria Alfie (Stephen Baldwin). Anos depois, ele conhece o escritor Martin, de quem foi clonado. A confusão na família de Martin rende bons momentos. Predominam, porém, cenas de perseguição e violência realizadas com pouca habilidade.

(Mr. Murder, EUA, 1998) ***Direção****: Dick Lowry.* ***Com*** *Stephen Baldwin, Thomas Haden Church, James Coburn, Norman Merrill. 132 min. Flashstar.*

TESTEMUNHA DE UM CRIME

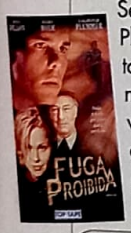
suspense ★★ INÉDITO NO CINEMA

A Máfia mata a família de um garoto que, vinte anos depois, torna-se um promissor estudante de advocacia. Sua vida se transforma, porém, quando se envolve com uma mulher sexy e misteriosa. Embora a trama sucumba a todos os clichês do gênero – e a *femme fatale* seja de chorar –, o filme não é de todo ruim: consegue prender a atenção e tem um final inusitado.

(Laws of Deception, EUA, 1998) ***Direção****: Joey Travolta.* ***Com*** *C. Thomas Howell, James Russo, Amber Smith. 90 min. Paris.*

FUGA PROIBIDA

aventura ★★ INÉDITO NO CINEMA



Se não fosse por J.T. Walsh e Christopher Plummer, este suspense estaria fadado ao total esquecimento. O filme explora o submundo de Berlim com a história de um jovem americano que vai visitar o irmão e o encontra morto. Ele passa a ser perseguido por homens interessados em um disquete que estava em poder do falecido.

(Hidden Agenda, EUA, 1998) ***Direção****: Iain Paterson.* ***Com*** *Kevin Dillon, Christopher Plummer, J.T. Walsh, Michael Wincott. 99 min. Top Tape.*

O BARBEIRO DE LONDRES

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Os ingleses têm uma curiosa tradição cinematográfica referente ao canibalismo, tema explorado com humor (*Comendo os Ricos*) ou com rigor estético (*O Cozinheiro, o Ladrão, a Mulher e Seu Amante*). O diretor John Schlesinger retoma o assunto com um pudor excessivo, mas realiza um drama de humor negro que diverte graças ao seu elenco. Ben Kingsley é o barbeiro que, em 1795, usa sua navalha para agir como um Robin Hood nada ortodoxo, que mata os ricos para dar de comer aos pobres. As vítimas viram carne moída para os quitutes preparados por Joanna Lumley (da telessérie *Absolutely Fabulous*). Um americano (Campbell Scott), porém, investiga o sumiço de um dos petiscos.

Flashstar

Vai um salgado aí?

Christian Petermann

(The Legend of Sweeney Todd, Inglaterra, 1997) ***Direção****: John Schlesinger.* ***Com*** *Ben Kingsley, Campbell Scott, Joanna Lumley, Selina Boyack. 90 min. Flashstar.*

TROPICANITA

drama ★★ INÉDITO NO CINEMA

Europa

Cuba não é para turistas

As alusões irônicas à vida cotidiana em Cuba são o maior atrativo desta comédia, que recebeu os prêmios de montagem e música no Festival de Gramado de 1998. Um policial do interior deslocado para Havana (Vladimir Cruz, de *Morango e Chocolate*) narra a complicada investigação sobre a morte de um alemão fantasiado de anjo. Possíveis conexões do crime com quadrilhas de ladrões de túmulos e também com um elixir secreto criado pelos nazistas alimentam a trama, que recorre a depoimentos dos personagens para a câmera, filmes caseiros, fotos e colagens para satirizar tanto o gênero policial quanto o formato do documentário. As intenções, porém, são muito superiores ao resultado, curioso mas um tanto enfadonho.

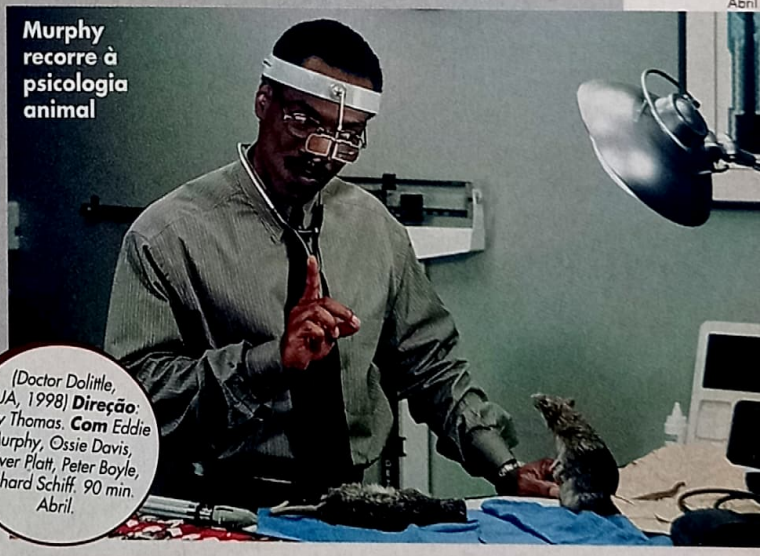
Sérgio Rizzo

(Kleines Tropikana/Tropicanita, Cuba/Alemanha/Espanha, 1998) ***Direção****: Daniel Díaz Torres.* ***Com*** *Peter Lohmeyer, Vladimir Cruz, Enrique Molina, Corina Mestre. 108 min. Europa.*

DR. DOLITTLE ★★★

comédia **Pode-se dizer que Eddie Murphy é um dos poucos profissionais que não se deu mal com esta onda de refilmagens que assolou o cinema. Depois do sucesso da nova versão de *O Professor Aloprado*, ele volta mais uma vez ao passado para reviver o papel que era de Rex Harrison no filme homônimo, de 1967. A história do médico que se comunica com os animais ressurge com novas cores e muitos efeitos especiais. A trama, banal a princípio, ganha charme extra com diálogos inspirados e bem-humorados, que agradarão a muitos espectadores. As crianças, por sua vez, vão fazer a festa com o zoológico que povoa a tela. Esperto, Murphy marca presença com uma interpretação contida, pouco histérica e muito mais simpática do que o habitual. Sua carreira, porém, ainda está na corda bamba. Com o novo *Santo Homem*, o astro volta à estaca zero. Ele deveria ter insistido nas refilmagens.**

Suzana Uchôa Itiberê


Abril

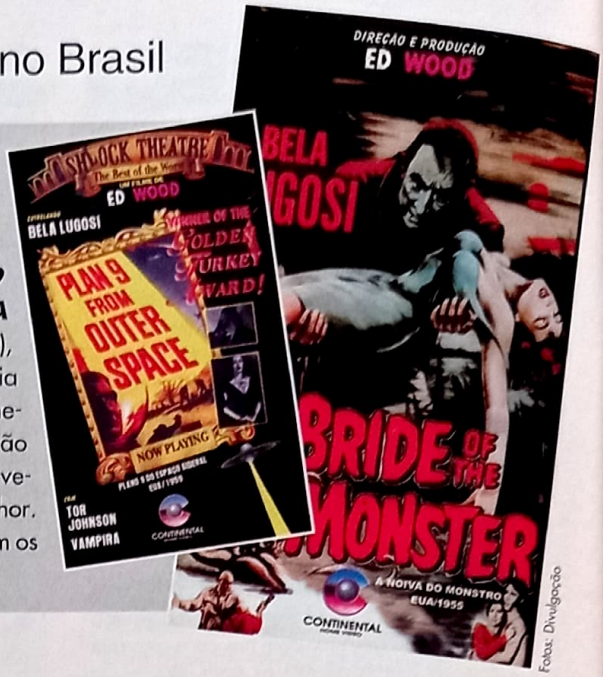
Murphy recorre à psicologia animal

(Doctor Dolittle, EUA, 1998) ***Direção****: Betty Thomas.* ***Com*** *Eddie Murphy, Ossie Davis, Oliver Platt, Peter Boyle, Richard Schiff. 90 min. Abril.*

Frank Zappa e 007 ganham trilhas inéditas no Brasil

O PIOR DE TODOS

venda direta Que tal ter o pior diretor de todos os tempos abrilhantando a sua videoteca? O que era difícil ficou moleza com o pacotaço que a distribuidora Continental preparou com cinco filmes dirigidos por Ed Wood. Considerado o mais incompetente cineasta de Hollywood, Ed teve seu inegável talento e criatividade devidamente reconhecidos com o filme que levou seu nome dirigido pelo amalucado Tim Burton, em 1994. O pacote, que conta com as pérolas ***Glen ou Glenda*** (1953), ***A Noiva do Monstro*** (1955), ***A Noiva e a Besta*** (1958), o clássico ***Plano 9 do Espaço Sideral*** (1959) e ***A Noite das Assombrações*** (1960), mostra que Wood realmente entendia muito pouco (ou quase nada) de cinema, mas por ele nutria uma paixão arrebatadora – e mostrou que, às vezes, o pior pode ser mesmo o melhor. Preço sugerido: 120 reais a caixa com os cinco filmes, ou 49 reais cada filme.



Fotos: Divulgação

PATETADAS HISTÓRICAS

livro

Este é um lançamento para deixar qualquer colecionador com água na boca: ***The Official Three Stooges Encyclopedia***, uma viagem literária pelo universo de *Os Três Patetas* escrita pelo americano Robert Kurson e editada pela Contemporary Books. O trio formado pelos hilariantes Moe, Curly e Larry nunca foi considerado tão importante para o cinema quanto Chaplin, Jerry Lewis ou os irmãos Marx, mas deixou um legado de mais de 190 curtas-metragens em 25 anos de carreira. Você pode encontrar a enciclopédia pela Internet no endereço www.amazon.com.

MADE IN CHINA

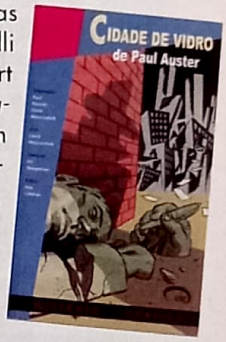
venda direta

Só nos anos 90 o mundo viria a descobrir o cinema chinês, graças ao talento de alguns cineastas. A Flashstar está lançando no mercado uma coleção em vídeo dos filmes de um de seus melhores representantes: Ang Lee. Agora é possível levar para casa ***Comer, Beber e Viver***, indicado para o Oscar de melhor filme estrangeiro de 95, ***O Banquete de Casamento***, um de seus filmes mais premiados (Urso de Ouro em Berlim em 93 e indicado para melhor filme estrangeiro de 93) e ***A Arte de Viver***, de 92, que já dava pistas do alto calibre de Lee. Preço sugerido: 37,80 reais.

PAUL AUSTER DE VIDRO

quadrinhos

A editora Via Lettera está lançando ***Cidade de Vidro***, uma história em quadrinhos kafkiana que abre o livro *Trilogia de Nova York*, de Paul Auster. Só para refrescar, Auster é autor de *Da Mão para a Boca* e roteirista dos filmes *Cortina de Fumaça* e *Sem Fôlego* – parcerias com o diretor Wayne Wang. Nas mãos hábeis de artistas como David Mazzucchelli (*Batman: Ano Um*) e Art Spiegelman (*Maus*), *Cidade de Vidro* ganha um visual surpreendente. Preço tabelado: 15,50 reais. Informações direto com a Via Lettera, telefone (011) 3862-0760.



PEDAÇOS DA HISTÓRIA

trilhas Os fãs de cinema podem finalmente levar para casa a trilha sonora de filmes da Metro que fizeram história. A gravadora ST2 já despejou nas lojas os CDs de ***200 Motels***, o documentário psicodélico de Frank Zappa; ***O Último Tango em Paris***, com composições magistrais do argentino Gato Barbieri para o clássico de Bertolucci protagonizado por Marlon Brando; e ***Octopussy***, da série James Bond, com o mago das trilhas de 007, John Barry. Querem mais? Então aguardem para breve outros lançamentos do catálogo, como *Quanto Mais Quente Melhor*, *No Calor da Noite* e *Carrie, a Estranha*, entre outros. Informações com a ST2 pelo telefone (011) 883-6253 ou pelo e-mail st2@st2.com.br

Fotos: CIC

OS HOMENS PREFEREM AS LOIRAS

A comédia que provou que loiras podem, sim, ser bastante espertas

Marilyn Monroe *(à esq.)* e Jane Russell enlouquecem os homens de uma cidadezinha do Arkansas

Por Sérgio Rizzo

Engana-se quem acha que o Arkansas só passou a existir para o mundo depois que Bill Clinton, seu ex-governador, chegou à Casa Branca. Mais de três décadas antes, Little Rock – a capital do Estado – já havia entrado para a história do cinema como a terra natal de Dorothy (Jane Russell) e Lorelei Lee (Marilyn Monroe), as coristas explosivas de *Os Homens Preferem as Loiras*. Se as mulheres de lá forem todas assim, então fica até mais fácil entender por que Clinton virou um contumaz rabo-de-saia.

Basta a cena de abertura, em que Dorothy e Lorelei cantam "Two Little Girls From Little Rock", para reconhecer que o conceito de erotismo no cinema poderia muito bem ser elaborado com base nessa irresistível comédia musical. Usando vestidos vermelhos brilhantes e colantes, as duas personificam o chamado "mau caminho": é impossível pensar em outra coisa que não seja sexo ao vê-las deslizando, provocantes, pelo palco. Todos os homens do filme, de crianças a velhos caquéticos, experimentam a mesma sensação à medida que batem os olhos na dupla.

Ambas são igualmente maravilhosas, mas também cheias de diferenças. Lorelei é loura; e Dorothy, morena. A primeira, segundo a amiga, é capaz de "enxergar um diamante no bolso de um homem" no outro lado do salão (e, para eliminar dúvidas, canta "Diamonds Are a Girl's Best Friend"). É o protótipo da interesseira que nenhum pai gostaria de ver no altar com o filho. Mas Lorelei não faz isso por maldade: está preocupada com o futuro e acha que, assim como os homens valorizam a beleza feminina, não há nada de errado em se preocupar com a prosperidade financeira masculina. Toma lá, dá cá – mas com uma encantadora mistura de ingenuidade e malícia.

Enquanto Lorelei encarna a falsa loura burra, Dorothy solta as tiradas mais inteligentes do filme. Sem dar muito valor ao dinheiro, ela prefere envolver-se com homens simples e rudes, em busca do amor verdadeiro – se bem que ajuda se o sujeito for bonitão. As duas passam a maior parte do tempo a bordo de um navio que as leva de Nova York a Paris, onde Lorelei planeja casar-se com um milionário bobão dominado pelo pai. As coisas ameaçam terminar mal, mas encontram afinal o seu rumo.

Baseado em musical da Broadway dos anos 20, *Os Homens Preferem as Loiras* atesta a incomparável versatilidade de Howard Hawks (1896-1977), um dos raros cineastas de primeiro time a se dar bem nos mais variados gêneros – ainda que seja conhecido principalmente pelos faroestes (como *Onde Começa o Inferno*) e filmes de ação (*Hatari*). Mesmo sem a leveza de outras comédias musicais dos anos 50, seu filme tem o mérito inquestionável de permitir que as estrelas reinem sozinhas, cercadas por um séquito de homens inteiramente submissos a elas. "Aprendemos muito em Little Rock", cantam Lorelei e Dorothy. No Arkansas, ao que parece, todo mundo só pensa naquilo.

(Gentlemen Prefer Blondes, EUA, 1953) ***Direção:*** *Howard Hawks.* ***Com*** *Jane Russell, Marilyn Monroe, Charles Coburn, Elliott Reid, Tommy Noonan, George Winslow. 91 min.*

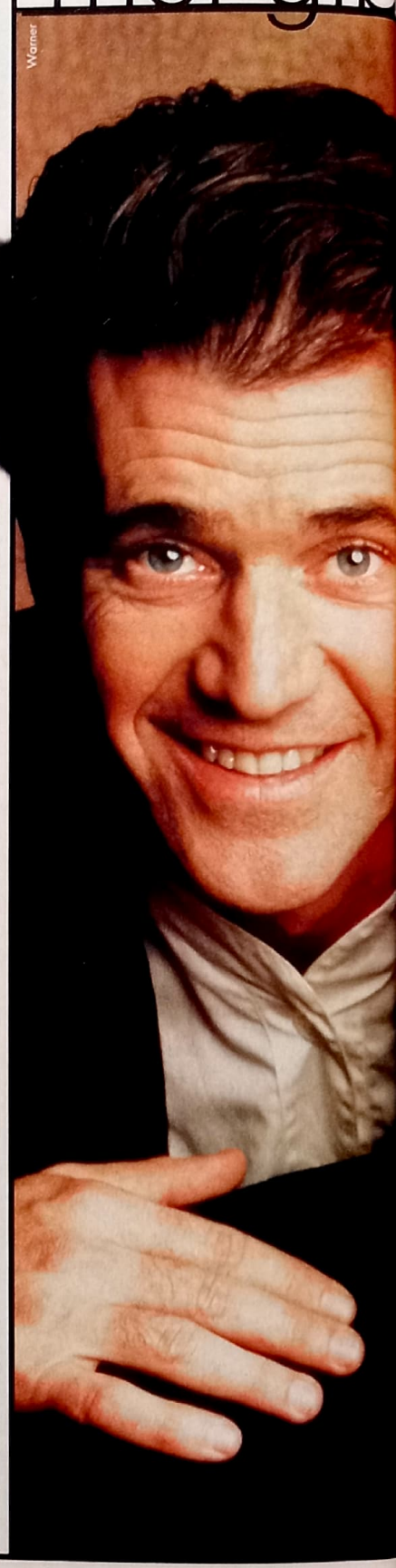
Na FOX, dias 12 e 28, às 8h e às 14h

FIQUE LIGADO TAMBÉM EM...

• ***Gata em Teto de Zinco Quente***, drama com Paul Newman e Elizabeth Taylor, na TNT, dia 28, às 9h e às 5h • ***O Diabo Feito Mulher***, faroeste de Fritz Lang, na TNT, dia 16, às 9h e às 5h • ***Mogambo***, aventura com Clark Gable, Ava Gardner e Grace Kelly, na TNT, dia 14, às 7h e às 3h • ***Tarde Demais para Esquecer*** romance com Cary Grant e Deborah Kerr, na FOX, dia 13, às 8h e às 14h

TUDO o que eu AMO...

mel gib



1 Famílias grandes: "Fui o sexto de onze irmãos. Minha mulher, Robyn, e eu temos seis filhos: cinco meninos e uma menina, e mais um a caminho. Crescer em uma família grande nos força a aprender como interagir com os outros".

2 Meu pai, Hutton Gibson: "É o meu herói. Aprendi com ele a nunca desistir de nada e a nunca deixar de aperfeiçoar-me. Ele me deu os alicerces de fé sem os quais eu teria sido esmagado por todo o sucesso, fama e dinheiro".

3 A série *Máquina Mortífera*: "São filmes de ação cheios de correria e tiroteios".

4 Pregar trotes: "Sou obsessivo em relação a pegadinhas. Uma vez, dei um rato congelado a Julia Roberts. Adorei ouvi-la gritar. Gosto de levar comigo um rato de mentira para surpreender as pessoas. Você sabe que convenci o diretor Ron Howard de que os pilotos dos jatinhos do grupo Disney eram obrigados a usar orelhas de Mickey?"

5 Cinema: "Minha melhor experiência com filmes foi num dia muito quente de verão, quando entrei no único cinema da cidade que tinha ar-condicionado. Só fiz isso para escapar do calor, mas, para minha surpresa, fui dominado pelo humor maravilhoso de Don Knotts e Tim Conway na comédia *Bang-Bang! Uma Turma do Barulho no Velho Oeste*".

6 História antiga: "Para falar a verdade, *Coração Valente* não foi antigo o bastante para mim. Gosto principalmente dos gregos, dos macedônios e dos romanos".

7 Os Oscar recebidos por *Coração Valente*: "Fico observando-os para ver se eles têm defeito nos ombros".

8 Medicina alternativa: "Recorro a ela desde 1981, quando tive mononucleose durante as filmagens de *Gallipoli* e fiz um tratamento com remédios homeopáticos. Funcionou".

9 Apostar: "Não sou um grande apostador, mas gosto de pegar uns duzentos dólares e ir para a roleta. Não poderia competir com Michael Jordan, mas adoro ver o dinheiro à mostra sobre a mesa".

10 Imitar sons: "Faço o som das baleias, do didgeridoo (*um instrumento musical primitivo australiano*) e de mais um bocado de vozes".

11 Continuações: "Fiz mais seqüências do que qualquer um, fora Stallone. Ele já chegou ao *Rocky 87*? Mas uma coisa eu prometo: nunca farei *Hamlet 2*".

12 Cães: "Você conhece alguém capaz de resistir a um labrador?"

13 Minha mulher, Robyn: "É o meu rochedo de Gibraltar – só que muito mais bonita! Quando a conheci, não começamos imediatamente um romance. Antes, ficamos grandes amigos. Essa amizade sempre permanecerá, não importa o que aconteça. Isso significa que, quando eu for um velho cheio de rugas, alguém ainda irá me querer".

14 Catolicismo: "Fui criado de acordo com a doutrina católica romana. Protanto, sou contra o aborto e o controle de natalidade, e tenho minhas dúvidas sobre a teoria da evolução".

15 Cozinhar: "Posso cozinhar qualquer coisa – desde pratos japoneses até massas italianas. Cheguei a pensar em me tornar um *chef*".

son

...E ODEIO!

1 **Fumar**: "Tento parar o tempo todo. O problema é que fico muito irritado quando estou tentando".

2 **Bebidas alcoólicas**: "Eu as odeio desde que parei de beber, no início dos anos 90. E olhe que adorava. Tomava cinco cervejas antes do café da manhã e depois tequila. Chega. Precisei me endireitar. Tenho filhos".

3 **Falsidade**: "A verdade é que nunca desenvolvi aquele meu lado capaz de dizer coisas agradáveis em circunstâncias desagradáveis. É uma habilidade social que não tenho".

4 **Ficar muito tempo no mesmo lugar**: "Estamos sempre nos mudando. Temos casas em Montana, Connecticut, Califórnia e Austrália".

5 **A imprensa britânica quando fala de minha altura**: "Eles nunca vão fazer isso direito. Continuam dizendo que tenho 1m63, quando tenho 1m78. E isso não é ser baixinho. Tudo bem, não sou exatamente um Clint Eastwood. Sou atarracado. Pareço ser mais baixo".

6 **Ser politicamente correto**: "É uma bobagem! Acho que a palavra 'feminista' é uma besteira. O que é feminista? O oposto de 'masculinista'? Joel Silver (*produtor da série Máquina Mortífera*) uma vez me disse: 'Há duas boas maneiras de usar mulheres no cinema: nuas ou mortas'. Quando trabalho com Silver, elas costumam estar de ambos os modos".

7 **Boas maneiras à mesa**: "Hoje, sou socialmente aceitável, e não mais o porco viking que costumava ser. Mas ainda ponho o espinafre no garfo com o dedo e às vezes cuspo a comida. E daí?"

8 **Mistérios profundos**: "As pessoas estão procurando significados ocultos em tudo – e não existe nenhum, ao menos que eu saiba. Quando era jovem, fui torturado por isso. Então, decidi não desperdiçar o meu tempo. No fundo, eu não me conheço bem. Mas certamente não há uma complexidade muito grande. Não sou analítico. Sou físico e instintivo".

9 **Recordar os meus 20 anos**: "Meu Deus, eles foram terríveis! Eu era um sujeito muito inquieto. É quando você entra nas drogas, no álcool e no que aparece pela frente porque não sabe o que fazer. Você não gosta do que é, e então tenta cair fora. Não funciona".

10 **Boatos sobre o Vietnã**: "Fico doente quando leio que meu pai deixou os Estados Unidos em 1968 para que meus irmãos não fossem enviados ao Vietnã. Não é verdade. Meu pai não aprovava o conflito porque era um homem inteligente, mas esse não era o motivo principal. Depois de anos de trabalho pesado como ferroviário, ele teve a oportunidade de fazer o que sempre quis com a família. A Austrália era uma nova fronteira".

11 **Cavalos**: "Eu reúno o meu rebanho de motocicleta. Quando fiz *Coração Valente*, Nick Allder (*o supervisor de efeitos especiais*) projetou dezenas de animais mecânicos. Lembra-se do cavalo que uso em quase todas as cenas? É falso, e ninguém poderia adivinhar."

12 **Filmes com efeitos especiais**: "Não faço filmes em que monstros cuspindo uma meleca qualquer comem as cabeças das pessoas, e você também não vai me encontrar em filmes nos quais discos voadores estão aterrissando".

13 **A perda dos direitos pessoais**: "Hoje, tendemos a perdê-los, pouco a pouco. Em relação ao governo, estamos chegando ao ponto em que o rabo abana o cachorro, nada mais funciona. Há muita violação governamental."

14 **Fofoca**: "Costumam me aborrecer e me deixar quase transtornado, mas descobri que a melhor maneira de lidar com elas é não dar a mínima".

15 **Os efeitos da idade**: "Não sou exatamente um geriátrico, mas não tenho mais 23 anos".

Susan Granger

Cartas

CINEMA NACIONAL

SET passou por mudanças sensacionais, entre elas, a importância que vem sendo dada ao cinema nacional. Parabéns!

Eduardo Leal
(Campos - RJ)

Os mais sinceros elogios a esta prestigiosa revista, que tem contribuído especialmente na divulgação do cinema nacional, que tem ganhado espaço junto à crítica internacional.

Marcelo P. de Brito
(Acajutiba - BA)

MITOS E ESTRELAS

Simplesmente adorei a reportagem da ed. 137, com o mito Charlton Heston. É bom saber que atores como ele não são esquecidos. Parabéns!

Fernanda Rodrigues Torres
(Porto Alegre - RS)

PONTO PARA A SET

Parabéns à SET pelo grande trabalho que realizam. Além de cinema e vídeo ser o assunto mais interessante no mundo, vocês ainda são pagos para escrever sobre isso!

Maisa Plazio de Mello
(São Paulo - SP)

A edição 137 estava sensacional! As matérias sobre *O Show de Truman*, *Ronin*, Multiplexes, Van Damme e a reportagem "Por onde anda o filme que você tanto queria ver?" arrasaram! Foi de extrema importância para nós, amantes do cinema.

Giuliano Batista Leite
(Potim - SP)

TRUMAN DECEPCIONANTE

Como fã incondicional de Jim Carrey, fiquei desapontada com a matéria sobre *O Show de Truman*. Estava sem conteúdo e bem menor, se comparada às edições anteriores! Era um filme que merecia, acima de tudo, uma quantidade de páginas decente e um tratamento digno de uma grande estréia!

Adriana Costa Medeiros
(Belém - PA)

Por mais que o tempo passe, SET está sempre brilhante! A edição 137 foi prova disso: o perfil de Charlton Heston, Takes e "Tudo o que eu amo e odeio..." com a maravilhosa Sandra Bullock.

Bruno Eduardo (Campina Grande - PB)

entre leitores

- Compro os filmes de Arnold Schwarzenegger.
Vanderlei D. da Silva
R. Professor Nina Stocco, 706-A
CEP 05767-001 (São Paulo - SP)

- Se você é fã do filme *Arquivo X* e do ator David Duchovny, escreva para nosso fã-clube "A Verdade".
Beatriz Manzini
Av. Duque de Caxias, 590
CEP 11700-060 (Praia Grande - SP)

- Se você é fã de filmes de suspense, policial e de atores como: Mel Gibson, Al Pacino, Morgan Freeman e Robert de Niro, escreva-me!
Diego R. Dellanava
R. Ibicaba, 25
CEP 09290-440 (Santo André - SP)

- Gostaria de me corresponder com fãs de *Arquivo X* e de *Plantão Médico*.
Joelma R. de Melo
R. 7 de Setembro, 18
CEP 55340-000 (Águas Belas - PE)

- Vendo ou troco um belo cartaz de cinema importado do filme *Titanic*, raridade!
Claudio Ribeiro R. Alves
R. Tenente Vieira Sampaio, 91, apt. 104
CEP 20250-480 (Rio de Janeiro - RJ)

- Vendo as seguintes edições de SET: 1 a 136, com exceção da 114 e da 128. Acompanham todas as fichas de Cine & Vídeo.
Edvaldo Alvarenga
centelha@gold.com.br

- Vendo 22 laserdiscs, todos em excelente estado. Entre eles: *Nascido para Matar*, *Toy Story*, *Shine*, *Chaplin*, *O Selvagem da Motocicleta* e *Ozzy Osbourne Live & Loud*.
Luiz Tadeo
R. dos Jacintos, 372, apt. 23
CEP 04049-050 (São Paulo - SP)

- Compro qualquer filme de terror.
Vinícius O. Biasi
Av. Alberto Byington, 750, apt. 2
CEP 02127-000 (São Paulo - SP)

últimas edições

nº 133
julho 98

nº 134
agosto 98

nº 135
setembro 98

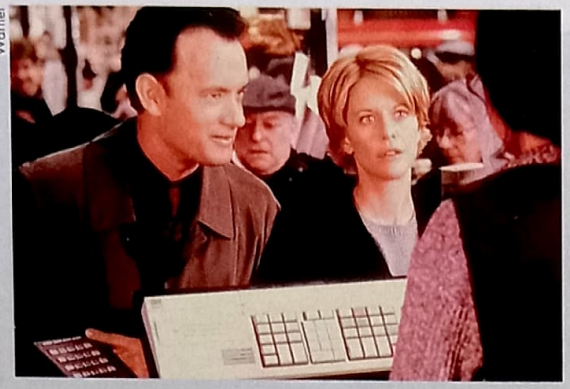
nº 136
outubro 98

nº 137
novembro 98

nº 138
dezembro 98

Escreva para a SET, Rua Helena, 260 - 4º andar, CEP 04552-050, São Paulo – SP.
Se preferir, envie um fax para o número (011) 3049-3166 ou via Internet: set@edpeixes.com.br

o que você vai ver na SET de fevereiro


Warner

mensagem para você

A alegria e a guerra vão invadir os cinemas no mês que vem. A primeira fica por conta da comédia que reúne Tom Hanks, Meg Ryan e a diretora Nora Ephron, o mesmo time de *Sintonia de Amor*. Já a guerra marca o primeiro filme do recluso diretor Terrence Malick em duas décadas, que chega com um roteiro arrebatador e um elenco de astros

além da linha vermelha

Fox

EDITORA PEIXES

PRESIDENTE
Angelo Rossi

DIRETORES
Angelo Rossi
Carlos C. Arruda

SET

DIREÇÃO EDITORIAL E MARKETING
Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor: Roberto Sadovski
Editora de Arte: Marcia M. Chicaoka
Assistente de Redação: Ligia França Nunes
Colaboraram nesta edição: (texto) Alfredo Sternheim, André Barcinski, Cesar Garcia Lima, Christian Petermann, Dulce Damasceno de Brito, Fátima Gigliotti, Gabriela Aguerre, Leonardo Millen, Miguel Barbieri Jr., Rodrigo Salem, Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê.
(diagramação) Graziella Iacocca.
(revisão) Jorge Cotrin

COMERCIAL/CIRCULAÇÃO
Gerente de Marketing: Silvia Campos
Supervisor Comercial: Wagner Pinheiro

PUBLICIDADE
Gerente: Nádia Lappas
Executiva de Contas: Dora Carvalho Magalhães e Luciana Valle

ADMINISTRAÇÃO/FINANÇAS
Diretor: Carlos Romualdo

SET, Edição 139, janeiro de 1999, é uma publicação da Editora Peixes Ltda. ISSN 0104-1592. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Helena, 260, 4º andar, Vila Olímpia, São Paulo/SP, CEP 04552-050, tel.: (011) 3049-3149. **Distribuição:** SET é distribuída com exclusividade no país pela Dinap S/A - Distribuidora Nacional de Publicações. **Números atrasados:** Atendemos as seis últimas edições mediante disponibilidade de estoque, ao preço da última edição em banca mais as despesas postais por intermédio da Editora Peixes, ou se preferir peça ao seu jornaleiro ou no Distribuidor Dinap da sua cidade.

Central de Atendimento ao Assinante
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

IMPRESSÃO: Globo Cochrane Gráfica

Continental

AS VÁRIAS FACES DE UM ÉPICO INESQUECÍVEL

Esta é, provavelmente, a história mais conhecida da humanidade: um bebê, filho de escravos, é abandonado num rio por seus pais na esperança que a criança possa escapar do massacre ordenado pelo faraó do Egito. Ironicamente, ele é encontrado pela rainha e criado em meio à pompa da corte. Antes de ingressar na vida adulta, porém, recebe um chamado de Deus e descobre ser a única chance de libertação para seu povo. Por sua mensagem de fé e esperança, não é à toa que a saga de Moisés tem sido interpretada por tantas pessoas de tantas crenças – o que, obviamente, inclui cineastas. A animação *O Príncipe do Egito* é a mais nova versão da história no cinema, que capricha na beleza dos efeitos especiais. Não menos caprichados foram os espetaculares efeitos de *Os Dez Mandamentos*, que Cecil B. De Mille fez em 1956: platéias do mundo inteiro ficaram de queixo caído quando Charlton Heston, no papel de Moisés, ordenou que as águas do Mar Vermelho se abrissem. Mas não são apenas efeitos especiais que traduzem a fé do homem, como o próprio De Mille provou em 1923 em sua primeira versão de *Os Dez Mandamentos (foto)*. Entre um milagre e outro, ele não esqueceu que é a história de dois homens, criados como irmãos, e que não conseguiram escapar da mão pesada do destino, o que realmente importa.

MTV MUSIC TELEVISION®

APRESENTA

O SHOW QUE TODO MUNDO CANTOU A MÚSICA DE TODO MUNDO.

Assista na MTV, dia 26/01 às 23:10h, ao especial deste show. Reapresentação dia 29/01 às 22:40h e dia 31/01 às 17h.

www.mtv.com.br

Já está nas lojas o CD 5 anos de CHAOS.

CHAOS

Sony Music

www.sonymusic.com.br

PAN

"Tanto" - SKANK ™ "Até de Manhã" - SKANK @ "Você Fica Bem Melhor Assim" - SKANK e LÔ BORGES # "Happy Days" - JOTA QUEST "Manguetown" - JOTA QUEST ∞ "Zé Trindade" - MASKAVO ROOTS $ "Tempestade" - MASKAVO ROOTS e SAMUEL ROSA % "A Cidade" - GABRIEL O PENSADOR <None> "Cachimbo da Paz" - GABRIEL O PENSADOR ™ "Tão Seu" - PENÉLOPE CHARMOSA • "Rios Pontes e Overdrives" - MESTRE AMBRÓSIO £ "Malungo" - NAÇÃO ZUMBI <None> "Mantenha o Respeito" - PLANET HEMP <None> "Baseado em Fatos Reais" - PLANET HEMP

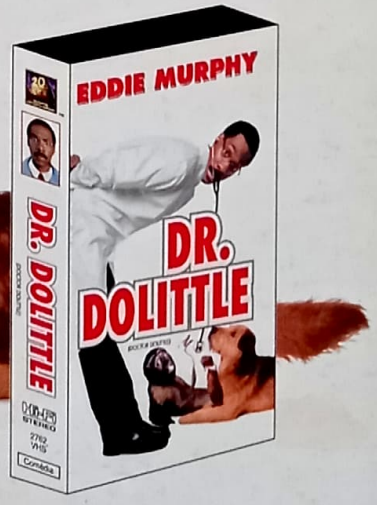
ELE É O ÚNICO MÉDICO QUE AS CRIANÇAS NÃO TÊM MEDO... E QUE OS ANIMAIS ADORAM!

DUBLADO OU LEGENDADO

EDDIE MURPHY

DR. DOLITTLE

(DOCTOR DOLITTLE)



ELE TEM O DOM DE FALAR COM OS ANIMAIS E O PODER DE FAZER VOCÊ CHORAR DE TANTO RIR!

ALUGUE JÁ!

© 1998 Twentieth Century Fox Home Entertainment, Inc. Todos os Direitos Reservados.
"Twentieth Century Fox", "Fox" e seus logos associados são propriedades da Twentieth Century Fox Film Corporation e são usados sob licença.

Abril Vídeo

NEOIDEIA